



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SOCIEDADE**

**GABRIEL CONTINI ABILIO**

**DITADOS QUE VOCÊ SEMPRE FALOU CERTO:**  
***A Disputa da Etimologia nas Redes Sociais***

Palmas  
2024

**GABRIEL CONTINI ABILIO**

**DITADOS QUE VOCÊ SEMPRE FALOU CERTO:**

**A Disputa da Etimologia nas Redes Sociais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Tocantins, na linha de Comunicação, Poder e Identidade, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Sociedade.

Conceito: \_\_\_\_\_

Aprovado em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Edna de Mello Silva  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Avaliadora: \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Claudia de Albuquerque Thomé  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Avaliador: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Andriolli de Brites Costa  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Avaliadora (Membro Interno): \_\_\_\_\_

Profª. Dra. Liana Vidigal Rocha  
Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Palmas

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

A 148d Abilio, Gabriel C.  
DITADOS QUE VOCÊ SEMPRE FALOU CERTO: A Disputa da Etimologia nas Redes Sociais. / Gabriel C Abilio. – Palmas, TO, 2024.  
101 f.  
  
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação ( Mestrado) em Comunicação e Sociedade, 2024.  
Orientadora : Edna de Mello Silva  
  
1. Desordens informacionais. 2. Redes sociais. 3. Pseudoetimologia. 4. Ditados populares. I. Título

**CDD 302.2**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

## AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer um, agradeço e dedico este trabalho às minhas avós, Dona Cláucia e Dona Geralda, por todas as histórias, estórias e conversas, as quais devo muito do meu amor pela oralidade. Em seguida, aos meus pais, a quem a paixão pela narrativa.

Com carinho, ao meu amigo Maxley Morato, que me avisou da seletiva de mestrado e me incentivou, à Izana Carneiro, sem a qual eu jamais teria tido estabilidade para entrar neste curso, e ao Marcelo Gatinho, que me mostrou um vídeo nas redes sociais que me deixou irado o bastante para escrever esta dissertação.

À Fodor Krisztina e à professora Ildikó, duas húngaras que me ensinaram o quanto é linda a minha língua materna e transformaram minha saudade em inspiração.

A minha orientadora, Dra. Edna Mello, que aguentou meus disparates e guiou minhas páginas. A minha primeira orientadora, Dra. Alice Agnes, que me incentivou tantas vezes e marcou meu coração na vida acadêmica.

Aos irmãos Protetores da Cachoeira, que vivem sempre em meu coração, com toda honra, respeito e zoeira; nosso grito, um saudoso “Kuh”. E aos colegas pesquisadores do grupo Grimório Tropical, que me incentivaram desde o começo.

A Rafael Rigolon e seus *Nomes Científicos*, cujas referências tornaram meu trabalho muito mais fácil. Ao seu Lázaro, que um dia adentrou o departamento que eu trabalhava apenas para citar *A última flor do Lácio*, de Olavo Bilac, e conversar comigo sobre o sentido desta poesia.

A estes e muitos outros, muito obrigado. E por fim, dedico este trabalho a cada pessoa que se orgulha de sua origem e se recusa a abaixar a cabeça a elitismos e sofismas, ou simplesmente: *Eu acredito é na rapaziada, que segue em frente e segura o rojão...*

Saravá.

Porque é tão forte entre nós esse sentimento que poderíamos chamar de “auto aversão linguística”? Por que o brasileiro deprecia tanto o seu modo de falar? A resposta talvez esteja naquilo que costumo chamar de “fantasma colonial”.

**Marcos Bagno – *A Norma Oculta*, p. 77**

**Resumo:** Conteúdos valendo-se de desordens informacionais pseudoetimológicas que buscam supostamente corrigir ditados e expressões populares, afirmando serem estas versões corrompidas de formas mais sofisticadas, se tornam frequentes nas redes sociais de vídeos curtos, como Instagram e TikTok. O propósito deste estudo é compreender as disputas simbólicas que ocorrem nesse fenômeno e seus impactos para sociedade. Utilizando-se a metodologia de análise do discurso de linha francesa, identifica-se a criação de um imaginário histórico que deslegitima a fala popular enquanto reforça uma hierarquia de classes e de saberes.

**Palavras-chave:** Desordens informacionais; Redes sociais; Pseudoetimologia; Ditados populares.

**Abstract:** Content using pseudo-etymological informational disorders to supposedly correct folk proverbs and expressions, claiming those are corrupted versions of more sophisticated forms, has become common on short video social networks, such as Instagram and TikTok. The purpose of this study is to understand the symbolic disputes that occur in this phenomenon and its impacts for society. Using the French discourse analysis methodology, the creation of a historical imaginary that delegitimizes popular speech while reinforcing a hierarchy of classes and knowledge is identified.

**Keywords:** Informational disorders; Social media; Pseudo-etymology; Folk proverbs.

## Sumário

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
2. <b>DESORDENS INFORMACIONAIS E ORIGENS DAS PALAVRAS</b> .....	14
2.1. A(s) Verdade(s) Sobre o Objeto Etimológico .....	19
2.2. Tipos de Pseudoetimologia .....	23
3. <b>REDES SOCIAIS E AS NOVAS VERDADES</b> .....	27
3.1. Redes Sociais: Confianças, Linguagens e Identidades.....	30
3.2. Um olhar sobre Redes Sociais e Desordens Informacionais.....	34
3.3. As Redes em Estudo.....	36
4. <b>FALA POPULAR: IDENTIDADE, CLASSE E COGNIÇÃO</b> .....	38
4.1. Fala Popular: Uma Questão de Identidade .....	40
4.2. Fala Popular: Uma Questão de Classes .....	44
4.3. Por Que Mudar os Ditos Populares? .....	47
4.4. A “Correção” como Fenômeno de Classe .....	50
5. <b>METODOLOGIA</b> .....	54
5.1. Perspectivas de Análise .....	58
5.2. Percurso Metodológico .....	60
5.3. Seleção do Objeto .....	65
6. <b>ANÁLISE</b> .....	67
6.1. Bruno de Oliveira (@bolishark).....	71
6.2. Mare Sanz (@maresanz) .....	74
6.3. Rê Alfaia (@musinhageografica).....	77
6.4. Galvenn (@ogalvenn) .....	79
6.5. Diogo Elzinga (@elzinga).....	82
6.6. Débora Dias (@portuguesparavida).....	84
6.7. Gustavo Picado (@aindanaosei) .....	86
6.8. Análise Geral.....	88
7. <b>CONCLUSÕES</b> .....	92
8. <b>REFERÊNCIAS</b> .....	95

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1 – Etapas da análise em fases e dimensões</b>	<b>64</b>
<b>Tabela 2 – Detalhes da amostragem</b>	<b>67</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como proposta analisar o fenômeno de vídeos e postagens de “ditados que você sempre falou errado” e “expressões populares corrompidas pelo tempo” que abundam as redes sociais de vídeos curtos e blogs, após esse tipo de conteúdo ter ganhado espaço até no campo jornalístico e se concretizado no imaginário popular dos usuários destas redes. Para isso, é importante lembrar a consolidação das redes sociais como uma das mídias predominantes nas últimas décadas, o que trouxe uma série de inovações e adaptações para esse modelo midiático.

O formato e o modo como a transmissão de informações ocorre entre pessoas ganha novas dinamicidades, com a presença de novos influenciadores de opinião se concretizando a todo momento, acesso imediato e contínuo, conteúdo de alta efemeridade e produzido de forma massiva, bolhas de informação contíguas e uma ampliação nunca antes vista nos processos de dispersão de falsas informações (desordens informacionais) nestas redes. Embora essas características não sejam originárias ou exclusivas da internet, elas se tornaram muito mais significativas com suas novas formas de dispersão (Aquino, 2010; Ansari *et al*, 2022).

Notícias de teor falso não são uma novidade em termos históricos; o uso de narrativas com mentiras, meias-verdades, informações distorcidas ou com intenção propositalmente enviesada como forma de obter vantagens de cunho político em larga escala ocorrem desde as primeiras narrativas humanas a que se tem registro escrito. A novidade que vem com a internet é o nível de dispersão e repercussão dessas informações, permitindo que essas narrativas ganhem tamanha amplitude e com tal velocidade que passam a reverberar como “novas verdades” (ou pós-verdades), o que torna muito difícil analisar sua origem e filtrar o que é realmente verossímil, principalmente devido ao montante informacional cotidiano a que as pessoas se encontram submetidas (Santaella, 2018).

Esse novo cenário deu acesso a novos grupos de participarem do processo de criação e divulgação de conteúdo, antes um privilégio exclusivo de grupos dominantes. Isso também deu a estes grupos uma participação na produção dos processos de desordens informacionais, que afetam diversos âmbitos da sociedade. Trocando em miúdos, uma grande parcela da população da classe trabalhadora, que antes era relegada a apenas receber o conteúdo da grande mídia, agora possui os meios de produzir e compartilhar sua mídia, concatenando suas perspectivas de mundo com milhares de pessoas, sejam elas de seu mesmo grupo ou de outros. Estes conteúdos podem ser de todos os tipos; desde educativos, de entretenimento ou factuais até os inverossímeis, distorcidos ou apenas extremamente enviesados, uma vez que, apesar de

existirem algumas leis, regras e algoritmos de moderação, ainda há um controle muito limitado sobre o que é produzido e veiculado nestas plataformas.

Nas últimas décadas, muito tem se falado sobre “*Fake News*”, um conceito que passou popularmente a descrever notícias falsas, mas, segundo Wardle e Derakhshan (2023, p. 12), “esse termo é inadequado para descrever os fenômenos complexos da poluição informacional” e que, além disso, “começou a ser apropriado por políticos em todo o mundo para descrever organizações de notícias cuja cobertura os desagradam”. Assim, os autores utilizam o conceito “desordem informacional” para se referir aos múltiplos processos onde notícias inverídicas ou maliciosas se disseminam nas redes. Sobre desordens informacionais nas redes sociais, Ansari e seus parceiros (2022, p. 2-4) acreditam que o estudo destas, apesar de ter ganhado uma atenção substancial nos últimos anos, ainda possui muito a avançar, tanto pelo fato das plataformas mudarem com grande frequência, como porque a vigilância se foca quase que exclusivamente sobre perspectivas políticas e de saúde pública, dada as necessidades práticas do cotidiano.

É simples de se visualizar os impactos de uma desordem informacional em campos como a política, economia ou mesmo ciência, influenciando de forma contínua ou em eventos específicos, como eleições, crises imobiliárias ou pandemias, mas os efeitos nocivos de notícias de teor falso passam despercebidas quando seus alvos aparentam ser desimportantes, triviais, como da origem e uso de palavras, ditados populares e expressões da língua portuguesa.

Todavia, graças às redes sociais, ficam frequentes postagens que propõem, supostamente, corrigir expressões e ditados populares, afirmando que seu uso comum estaria incorreto, seja porque sua origem estaria maculada por um passado “imoral” ou argumentando que sua real forma foi corrompida deturpando seu uso original. Tal dispersão faz parte de uma disputa simbólica pelos usos da língua na comunicação cotidiana, iniciado muito antes da internet (Wilton, 2004; Liberman, 2009), mas que tem se popularizado muito mais, principalmente com o uso de redes sociais de vídeos curtos e rápidos, tais como os do TikTok, os *reels* do Instagram e os *shorts* do Youtube. Os usos destas supostas “correções” valem-se da roupagem da etimologia, ainda que não sigam suas regras. Aparentemente inofensivas e de motivação educativa, por atizar curiosidades ou com propósito nobre, a mídia construída sobre a origem das palavras acaba por desaguar em interesses políticos e econômicos.

E aqui se encontra o foco deste estudo: Dentre os muitos exemplos de disputas narrativas por origens de termos que hoje circulam nas redes, há o da retificação de ditados populares em uma suposta correção. Nestes, faz-se uma alegação de que as versões tradicionalmente faladas destes ditados teriam sido corrompidas por seus falantes. Sua divulgação na internet começou

por blogues, mas rapidamente ganhou espaço em sites de cunho jornalístico (IBahia, 2020; Oliver, 2024; Primeira Página, 2023; Raposo, 2017; Temple, 2022) então ganha uma nova dispersão de abrangência com as redes sociais de vídeos curtos, como Instagram e TikTok e Youtube Shorts. Estes vídeos, conforme demonstrado mais a seguir, se baseiam em falsas narrativas sobre tais ditados e expressões e possuem uma orientação social.

Nesses casos, trata-se de desordens informacionais nas redes, que se valem dos arcabouços da etimologia como parte de um processo político e se tangenciam entre interesses econômicos e sociais. O tema, porém, permanece pouco explorado em pesquisas acadêmicas, já que, para o campo da linguística, a falsa etimologia costuma ser tratada muito mais como um equívoco ou “acidente” do que como uma desordem de ordem política. A prática é conhecida por outros nomes, como “pseudoetimologia”, “paraetimologia” ou até “etimologia popular” (*folk etymology*).

Em uma busca preliminar no início de 2024 na Plataforma Sucupira, buscando entre aspas por “falsa etimologia”, “etimologia popular”, e “paraetimologia” no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, não há qualquer trabalho disponível sobre o tema. Na busca por “pseudoetimologia”, encontram-se apenas 5 trabalhos, sendo que nenhum destes é do campo da comunicação; a maior parte da área de estudos linguísticos. Ao buscar pelos mesmos termos no Banco Internacional de Acesso Aberto de Teses e Dissertações (OATD), a busca pelos termos em língua inglesa “*folk etymology*” apresenta apenas 7 resultados, enquanto há apenas 5 para “*pseudo-etymology*” e nenhum para “*false etymology*” e “*paraetymology*”. Igualmente, nenhum destes trabalhos é da área da comunicação, sendo a maioria do campo da linguística, cujo enfoque proposto acaba por se distinguir, sem o enfoque ao estudo de mídias, o que reforça o caráter inovador da pesquisa.

Ao mesmo tempo, o tema dos “falsos ditados” passa a ser tratado como verídico em concursos públicos, ENEM e vestibulares, chegando a ser tema de uma questão na prova para Fiscal da Prefeitura de Harmonia - RS (Fundatec, 2023), o que torna o estudo destas versões algo obrigatório para os estudantes. Assim tais versões da internet avançam do nível de um simples boato, criando uma pós-verdade, onde uma informação falsa passa a ser vista como verdade universal, respaldando um campo político e uma linha de pensamento, conforme descreveu Santaella (2018, p. 29 a 30).

Dada a amplitude do fenômeno, ainda não explorado, não seria possível investigar todas as formas de relações políticas nas divulgações de desordens informacionais sobre origens de termos da língua portuguesa brasileira na internet. Assim, o corrente trabalho foca-se em um

tipo específico. Tem-se como problema de pesquisa: Como as disputas simbólicas reverberam politicamente através das correções de ditados e expressões populares que se difundem nas redes sociais? Parte-se da hipótese de que as supostas correções contribuem para transformar a percepção da linguagem popular, promovendo uma visão que valoriza a sofisticação de elementos tradicionais da língua e induz o imaginário histórico dos falantes a uma perspectiva hierarquizada, que preconiza visão das classes dominantes. Além disso, essas correções frequentemente se baseiam em informações imprecisas ou falsas, configurando um fenômeno de desordem informacional.

Tem-se como objetivo geral deste estudo compreender as disputas políticas e simbólicas nas publicações de correções de ditados e expressões populares nas redes sociais de vídeos curtos. Como objetivos específicos, determina-se: 1) investigar a aproximação entre pseudoetimologia e desordem informacional; 2) desenvolver um mapeamento, ainda que não definitivo, de pseudoetimologias correntes nas redes sociais; 3) investigar sobre a dinâmica da linguagem popular nas relações de classe; 4) expandir a base teórica sobre pseudoetimologia em um viés da comunicação.

A seguir, o segundo capítulo desenvolve o referencial teórico sobre o fenômeno pseudoetimológico pelo viés da comunicação e enquanto desordem informacional. O terceiro capítulo aborda as redes sociais e sua construção de confianças e verdades epistemológicas. O quarto capítulo trata do aspecto social e político sobre a fala popular, incluindo o fenômeno de correção, por um viés sociolinguístico e sua relação com a mídia. O quinto capítulo descreve a metodologia utilizada, a análise do discurso, baseada na descrição de Eni Orlandi (2000), de natureza qualitativa, para identificar a narrativa intradiscursiva que se desenvolve por meio do objeto textual, seguindo-se então para a análise.

O critério de seleção do corpus buscou, dentro das três principais redes sociais de vídeos curtos no momento da pesquisa (Instagram, TikTok e Youtube Shorts), os três vídeos mais acessados dentro deste padrão e que incorporavam as narrativas de retificação de ditados e expressões populares. Para tanto, não se enquadrariam ao projeto vídeos de longa duração (vídeos que não sejam *reels*, no Instagram, ou *shorts*, no Youtube) ou vídeos que se centram em tópicos distintos sobre ditados e expressões, como curiosidades da paremiologia.

## 2. DESORDENS INFORMACIONAIS E ORIGENS DAS PALAVRAS

Uma vez que o objeto deste estudo tange um campo quase inexplorado, antes de adentrar o real foco da análise, é preciso desenvolver um pouco sobre as bases referenciais que orientam este trabalho. Desta forma, o corrente capítulo serve mais como uma “segunda introdução”, um pouco mais aprofundada, para que se possa compreender o fenômeno pseudoetimológico antes de ser abordado na área da comunicação, do que como uma parte da análise em si.

Etimologia é o estudo da origem dos elementos componentes básicos de uma língua, as palavras e expressões idiomáticas, assim como da composição dos vocábulos, das regras gramaticais e padrões de linguagem e da forma como estas evoluíram até certo momento (Lieberman, 2009). É um campo de estudos interseccional entre diversas áreas, como linguística, história, comunicação e antropologia. Através de estudos etimológicos, revelam-se diversas nuances presentes na linguagem, assim como o entendimento de elementos políticos, baseados na aceitação, orgânica ou imposta, ou na resistência a processos de dominação e alterações originadas em mudanças na forma de pensar deste grupo falante, bem como de seus contatos com outros povos ao longo da história. Na perspectiva das ciências sociais, o campo é reivindicado na antropologia, sob o argumento de que uma sociedade pode ser compreendida através do estudo de como esta fala e de como falou, uma vez que isso também explicita, parte da origem de suas ideias e como seus conceitos mudaram e novos foram incorporados a esta visão de mundo (Harris, 2017, p. 364-365).

É comum que se recorra a etimologia para se explicar sobre o uso de uma expressão, supostamente encontrando qual seria o seu real sentido, ou para apresentar ou seu “uso correto”, baseado em sua concepção originária. Esse tipo de aplicação possui um viés político, conferindo um senso de autoridade e domínio “científico” sobre o determinado tema. É comum que se iniciem trabalhos com etimologias em diversos tipos de publicações, apresentando um paralelo entre as origens de um termo (sempre relacionado ao cotidiano do falante) e a forma com que o conceito se encaixa no contexto do tratado em questão; uma forma de reforçar a validade do referido estudo por se enquadrar na “essência do termo”. Por exemplo, não é incomum que se iniciem publicações acadêmicas com uma introdução etimológica sobre o nome do campo ou do objeto de estudo, como forma de se realçar porque aquela publicação vai de encontro à função idealizada a que serve o referido campo do saber, ou que aquela ótica de análise do estudo é válida por se conectar à essência do objeto em questão.

E como outros campos do conhecimento, a etimologia também é alvo de desordens informacionais, que difundem falsas informações sobre os usos e origens da linguagem. Porém, como supracitado, para os estudos tradicionais da etimologia, a abordagem sobre pseudoetimologia vê o fenômeno muito mais como uma ação equivocada do que como construção narrativa. Rundblad e Kronenfeld (2003, p. 4) descrevem esse fenômeno como “tentativas de desobscurecer palavras ou frases que os falantes (individuais) consideram opacas”, enfatizando que o processo é feito por pessoas sem a devida instrução sobre as origens das palavras, buscando versões que sejam plausíveis aos seus contextos e vivências. Liberman (2009, p. 47) descreve esse fenômeno como “o processo de alterar palavras que de outra forma seriam incompreensíveis, a fim de lhes dar uma aparência de significado”, o que este atribui como sendo “produto da ignorância, que não deve, no entanto, ser subestimado como um fator da história da língua, pois muitas palavras familiares lhe devem a sua forma”. Allard (2020 p. 131-133) explora o fenômeno como um desenvolvimento da capacidade de reconhecimento morfológico para a sintaxe verbal, associada à imaginação, todavia admitindo que seus resultados são bastante imprevisíveis, pois perpassam diversas questões cognitivas.

Wilton (2004, p. 3-5) entende que pseudoetimologias se desenvolvem em um formato narrativo, que se assemelha à lendas urbanas<sup>1</sup>, uma vez que estas aparecem “misteriosamente”, se espalham espontaneamente e de formas variadas e descentralizadas. Porém, diferente de lendas urbanas comuns, aquelas de caráter linguístico não possuem os elementos de humor ou horror punitivo que normalmente atraem o público de forma tão enfatizada e frequente. Ao invés disso, apresentam algum componente de estranheza baseada em informações lógicas do contexto do indivíduo, que faz com que se continue a contá-las. “A maioria dessas lendas linguísticas variam na narrativa, distorcendo os fatos básicos de uma forma ou de outra. A maneira mais comum é que os detalhes sobre as circunstâncias particulares mudem.” (Wilton, 2004, p. 5, tradução nossa).

Dessa forma, o fenômeno pseudoetimológico é visto como oriundo simplesmente de um equívoco ou deturpação não intencional, onde uma narrativa acaba sendo construída por sobre o equívoco, criando uma “lenda urbana linguística” ao passo em que se populariza. Todavia, o trabalho de Wilton é possivelmente o primeiro a ver a pseudoetimologia como algo além de mera apofenia (tendência cognitiva a encontrar padrões onde estes não existem), entendendo seus propósitos sociais. Assim, o autor elenca alguns motivos para tanto: Seriam as lendas

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que Wilton utiliza “lenda urbana” em um sentido que se aproxima mais de um boato com caráter anedótico do que um episódio de caráter fantástico que movimenta uma personagem, que caracterizaria propriamente a manifestação oral usualmente chamada como lenda.

urbanas linguísticas anedotas engraçadas e curiosas, o que torna-as divertidas de se contar; validam e reforçando identidades de grupo, seja enaltecendo a identidade do grupo falante ou desmerecendo a de outro, de forma racista ou xenofóbica; validam territórios, dando a eles uma espécie de mito de origem, o que pode ser revertido para fins econômicos; servem a propósitos políticos de determinados grupos ou indivíduos, através das estratégias anteriormente citadas; propõem uma explicação a um fenômeno do cotidiano (as palavras) ao qual não se tinha antes (Wilton, 2004, p. 8-10).

Todavia, uma vez que o trabalho de Wilton antecede a época das redes sociais, onde estas ganham dispersão midiática, é interessante fazer o comparativo entre dos elementos citados como parte do padrão das lendas urbanas linguísticas em seu método de atração de público e dispersão no campo das mídias. Wolf (1999, p. 195-199) explica haverem “valores-notícia”, fatores de noticiabilidade que fazem com que eventos ou fatos sejam considerados mais interessantes ou significativos do que outros para que sejam divulgados em canais midiáticos. Estes seriam inerentes à cognição que temos na análise de tais fatos, variando conforme as dinâmicas socioespaciais em que se encontram, mas se conectam de maneiras diferentes conforme os ambientes de mídia se relacionam com seus respectivos públicos. Entre estes, aponta-se que estas ditas “lendas urbanas linguísticas” até podem se conectar a fatores de atualidade, como no caso do “criado-mudo” e o Dia da Consciência Negra (descrito a seguir) ou em pautas sobre racismo linguístico, mas, majoritariamente, encontram-se nestas fatores de proximidade (a língua se faz presente de forma massiva no cotidiano de seus falantes) e por seu caráter inesperado, curioso.

Citando um exemplo prático, em 2019 a empresa Etna, que produzia mobílias, realizou uma campanha que, ao menos aparentemente, buscava a conscientizar sobre racismos linguísticos no mês da Consciência Negra no Brasil, alegando que o móvel popularmente chamado de “criado-mudo” não deveria mais ser chamado por esse nome, pois a expressão teria origem no sistema escravista (G1, 2019). Na mesma, alegava-se que “criado-mudo” seria uma referência a pessoas escravizadas que teriam de esperar durante a noite ao lado da cama de seus senhores com um copo de água, para o caso destes terem sede durante a noite e que estes teriam sua língua cortada para que não falassem. Tal suposta origem conspurcada faria então do nome do objeto expressão racista e, portanto, deveria ser substituído por “mesinha de cabeceira”.

As imagens presentes na campanha tons luminosos e modelos fotográficos de pele preta próximos a peças do mobiliário e dizeres chamativos sobre “redecorar o seu vocabulário” (Etna, 2019). A campanha de marketing conseguiu criar tal nível de comoção pública que sua *hashtag*

chegou a figurar entre os assuntos mais falados da rede social Twitter durante o período e, nos meses que se seguiram, o site de vendas online Amazon, passou a exibir uma notificação dizendo, com título em negrito, “Criado-mudo, não. O termo correto é mesa de cabeceira” e o corpo da mensagem “Criado-mudo é um termo racista e surgiu para chamar escravos que ficavam parados ao lado da cama” (Amazon, acesso em 10/01/2023), quando se procurava pelo termo em sua barra de buscas. Com forte repercussão midiática, a polêmica sobre o nome da mobília ainda repercutiria em outras mídias, incluindo popular programa “Big Brother Brasil”, da Rede Globo de Televisão (Estadão, 2023; O Globo, 2023), abrindo espaço para mais matérias de jornal e postagens em redes sociais sobre o assunto, criando um amplo debate, cujas perspectivas de ganho vão além da simples informação sobre a real origem do nome de uma peça de mobília. Ao mesmo tempo, dinheiro público é gasto em campanhas governamentais que visam retificar expressões do vocabulário popular apresentando falsas origens para tais (Espírito Santo, 2020; Bahia, 2021).

O que há em jogo é uma disputa por poderes simbólicos, políticos e econômicos, nesse caso, com base na busca por empoderamento da população negra da sociedade brasileira. Entretanto, a referida origem divulgada pela empresa não era verdadeira, sendo a origem da expressão o nome inglês *dumbwaiter* (em uma tradução livre, “criado abobalhado” ou “criado mudo”) (Enciclopédia Britânica, 1911, p. 611), em referência a elevadores domésticos que traziam comida diretamente aos quartos da nobreza, onde normalmente seriam amparada posteriormente em uma mesinha de cabeceira; um criado que não faria fofocas sobre o que ocorre no quarto de seu patrão. Por uma associação, a mesa importou o nome do sistema de elevador, havendo também um nome similar para a mobília na língua francesa; “*serviteur muet*”, “servente mudo” em tradução livre (Grand Dictionnaire Terminologique, acesso em 07/01/2024). Vale lembrar que, salvo casos bastante isolados, tanto Inglaterra quanto França não tiveram escravidão de pessoas negras em seu solo (somente em suas colônias), de forma que não há qualquer relação entre a expressão e a escravidão.

O caso supracitado trata-se enquadra-se nas “lendas urbanas linguísticas” (Wilton, 2004), e também se dentro do conceito de desordem informacional do tipo “*misinformation*” (Wardle & Derakhshan, 2023). Uma vez que a empresa de mobiliário buscava ampliar suas vendas demonstrando seu cuidado com uma causa social, havia ali uma busca imagética, através da disputa de poderes simbólicos, e um interesse financeiro. Ao mesmo tempo, ao buscar refutar uma expressão conhecida e cotidiana da língua portuguesa, a polêmica criada amplia o alcance, tanto do debate como da campanha de marketing.

Outro exemplo de boato etimológico de caráter fantástico que se tornou bastante popular no Brasil foi sobre a origem da expressão “feito nas coxas”, que significa algo malfeito; a falsa origem diria que tal expressão se originaria no período colonial, de telhas feitas nas coxas de negros escravizados, o que as deixaria de má qualidade, não-uniformes. Tal origem tomou tão densas proporções que o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) necessitou publicar um artigo sobre o tema (La Pastina Filho, 2006), esclarecendo que seria necessária uma pessoa de quase 4 metros de altura para que suas coxas fossem longas o bastante para servir de molde para uma telha da época.

Nesse sentido, graças à ampla divulgação de falsas origens de expressões e palavras da língua portuguesa, o debate sobre tais ganha dimensões onde as “novas” versões tornam-se verdadeiras, como parte de uma disputa entre protagonismos políticos dentro do espaço comunicativo (como no caso do empoderamento da população negra no exemplo de “fazer nas coxas” e “criado-mudo”), mas também de imprimir novos aspectos sobre língua, onde se busca um poder simbólico. Isso ocorre, em ambos os tipos, pois o poder simbólico decorrente do falar é parte inata de todas as línguas. Conforme argumenta Foucault (2000) o controle pela forma com que pessoas falam está diretamente associado ao controle de suas identidades e formas de entender o mundo. A criação de axiomas dentro dos falares desempenha um papel de hierarquização cultural na visão do autor, que tem papel crucial para as ações constantes de dominação e segregação dentro da sociedade; em miúdos, aquele que controlar a fala, controlaria então o pensamento.

Desenvolvendo o tema, Rundblad e Kronenfeld (2003) entendem o fenômeno de falsas etimologias como um processo regular de (re)construção e interpretação, conectados à questões cognitivas. Segundo eles, tais erros de interpretação não seriam totalmente arbitrários ou aleatórios, mas parte de um processo cultural das sociedades nativas de qualquer língua. Em sua perspectiva, entendem que falsas etimologias surgem quando indivíduos não instruídos buscam significados a sua comunicação, o que inegavelmente altera seus sentidos originais. Rodrigues (2016), entretanto, afirma que, mais do que isso, haveriam claros propósitos políticos e até “fins de perversidade” envolvidos nestes processos, que transparecem perversidades ou preconceitos das populações que criam estas explicações.

Dentro dos próprios estudos etimológicos na área da linguística, comumente se referem ao fenômeno de pseudoetimologia como “etimologia popular” (Lieberman, 2009; Wilton, 2004), embora Allard (2020) faça uso do termo “etimologia amadora”. A primeira terminologia associa a ideia de “popular” ao equívoco e à ignorância, tecendo uma alegoria de “o povo”

como apedreada e errônea por natureza. A segunda entende o processo de descoberta por meio de apofenias como parte do próprio campo da etimologia. Por serem termos que indicam perspectivas complicadas, preconceituosas ou não acuradas, para este estudo o fenômeno será tratado como “pseudoetimologia”, uma vez que a ideia de “paraetimologia” também preconiza a visão de “etimologia paralela”, o que também não é o caso.

E, conforme supracitado em Wilton (2004), esse tipo de divulgação possui um viés político, embora seu uso não pareça estar estritamente relacionado a um lado do espectro ideológico e, tão pouco, se manifesta exclusivamente sob a forma de pequenas conspurcações meticulosamente fabricadas. Conforme a hipótese, abarcamos estas principalmente sob o modelo de desordens informacionais (*misinformation*) (Wardle & Derakhshan, 2023, p. 12-13), conforme explicado a seguir.

### **2.1. A(s) Verdade(s) Sobre o Objeto Etimológico**

Tratar o fenômeno pseudoetimológico como uma desordem informacional possui suas polêmicas. Se por um lado, suas bases não possuem contexto histórico real, por outro é preciso entender que a pseudoetimologia surge como uma forma de “remendar” pontos opacos, obscuros, dentro da percepção daquele grupo. “Ao contrário das etimologias verdadeiras, que podem ser esotéricas ou alienígenas, as etimologias populares só existem se forem significativas para a comunidade de seus usuários” (Rundblad & Kronenfeld, 2003, p. 16, tradução nossa). Dessa forma, existe a defesa que se poderia também entendê-las como um ressignificação social e, ao mesmo tempo, um processo de inovação que busca uma recriação das origens daquele povo, ao invés de simplesmente supô-las como notícias falsas ou ignorância desenvolvida em associações apofênicas.

Ao falar sobre notícias falsas é necessário definir qual a base epistemológica que será abordada para o que se considerará “verdadeiro” e “falso” para os fins desta pesquisa, uma vez que o conceito de “verdade” é altamente subjetivo e seu debate recai muito mais ao campo da filosofia. Dessa forma, recorre-se primeiramente à Santaella (2018, p. 42), onde afirma que “a lógica proposicional, com suas tabelas do verdadeiro e falso, buscou domesticar a imprecisão, a indeterminação, a incerteza, a vagueza e a ambiguidade que são alienavelmente constitutivas das línguas naturais e provavelmente, em alguma medida, também constitutivas de quaisquer outros sistemas de linguagens”. Assim o conceito de verdade em sua forma pura e objetiva se apresentaria impossível para uma linguagem social. Seja por atributos de incerteza (descritos

como “vagueza”), ou por simples pluralidade de olhares, uma população padece de múltiplas verdades para muitas camadas, que se encontram em constante releitura e renegociação com o ambiente fático (Santaella, 2018, p. 40-44).

Isso não significa que todo o ambiente de informações seja completamente baseado em relativismos e que todas as interpretações e afirmações sejam válidas. Ainda para Santaella (2018, p. 45-47), mesmo que discursos, narrativas, perspectivas e prismas semióticos façam parte das renegociações constantes que se tem com as verdades cotidianas, não se pode ignorar aquilo que chama de “verdade factual”. Esta não aborda o topo sobre o “como” na transmissão da mensagem, mas do “o quê” é dito em relação ao universo tangível. Fica sendo inegável, segundo a autora, que a interpretação do universo sempre será parte da produção da realidade, e portanto da verdade, de cada um, o que não significa que a base não possa ser factual, pois:

[...] existe também um outro tipo de indexicalidade que é chamada “designativa” quando o discurso verbal ou misto (acompanhado ou não de imagens) tem como objeto de referência um acontecimento, uma situação, uma ocorrência que existiu no tempo e no espaço. O objeto a que o discurso se refere não é fruto da imaginação ou dos humores de quem enuncia o discurso. Nem é fruto da abstração racional. Ao contrário, aquilo a que o discurso se reporta, de fato, existiu, aconteceu no fluxo do tempo e em um corte do espaço, produzindo efeitos reais no mundo da natureza e dos homens. Esse é o campo semiótico que é precípua do jornalismo e, então, do historiador (Santaella, 2018, p. 46).

Assim, o conceito de verdade se entrelaça aos fatos contidos, não à abordagem sobre eles. Faz-se então dois paralelos, o primeiro com Wardle e Derakhshan (2023), quando elencam que desordens informacionais podem ou não valer-se de informações falsas, o que demonstra uso deste conceito de “verdade factual” em certo nível, mas deixa claro que estas não são o único atributo dentro do fenômeno de desordens; e a perspectiva do objeto em questão na análise deste projeto, as pseudoetimologias como parte do campo etimológico. Para tanto, é necessário compreender o que é, dentro da ciência etimológica, “a verdade”.

Em um tema como “desordens informacionais sobre vacinas” seria necessário recorrer à literatura das ciências médicas para poder inferir o que é fático. Dessa forma, dentro do tópico, há de se recorrer aos estudos da história de significação das palavras. Neste nicho há autores como Labov (2008, p. 301-312), que entendem, dentro da sociolinguística, que é possível uma percepção histórica e diacrônica da semântica, onde as palavras têm seus sentidos descritos no momento e local em que são utilizadas. Assim, sua construção de sentido não pode se prender ao crivo de dicionários ou em seu percurso histórico. Tal visão entende a língua como uma construção do tempo presente, focando-se na sua função social e no protagonismo do sujeito

falante como seu construtor. O autor, entretanto, afirma que as mudanças baseadas em uma perspectiva diacrônica da língua são um processo de mudanças epistemológicas e cognitivas (tema que trataremos mais a seguir) referentes às identidades dos povos falantes, o que inclui suas ressignificações identitárias, mas que não se trata da demolição de seus arcabouços e do erguimento de algo desconectado de elementos presentes e passados (Labov, 2008, p. 370-372). Todavia, é importante afirmar que Labov não advoga explicitamente em momento algum sobre uma construção por uma “etimologia diacrônica”, desconectada de documentos, ou de que a aceitação tácita determinaria uma possível verdade histórico-narrativa no campo linguístico.

Por um prisma social, entender que o estudo da língua está relacionado ao domínio, ao saber prático e técnico, de seu próprio falar, e que sua restrição aos meios acadêmicos pode ser vista como uma ação restritiva à própria liberdade destes falantes quanto a sua autodeterminação. Todavia, ao esclarecer informações errôneas não se tolhe o direito do indivíduo à ressignificações sociais, mas, ao contrário, abre-se a possibilidade de uma escolha mais ampla ao indivíduo, pautado pela isonomia e em posse de informações confiáveis e checadas.

[...] é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos – historiadores, filólogos etc. – que tenham de manejar textos. Mais evidente ainda é a sua importância para a cultura geral: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio em que tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções. Do ponto de vista psicológico, esses erros não são desprezíveis; a tarefa do linguista, porém, é, antes de tudo, denunciá-los e dissipá-los tão completamente quanto possível (Saussure, 2012, p. 41-42).

Em muito, o tema se relaciona justamente ao imaginário histórico e sua perspectiva identitária marcada no falar. Isso abre a dúvida sobre a possibilidade do fenômeno de formulação de falsas etimologias poder ser interpretado como uma construção de saberes semânticos através da ressignificação de expressões, o que é visto no campo da linguística como inovação semântica. Essa hipótese é vista por Rundblad e Kronenfeld, descrevendo que a pseudoetimologia (em maioria de casos) possui uma mudança semântica de sentido inconsciente, onde coletivos entendem haver uma nova representação neste sentido, mas que se desconectam da linearidade histórica e que carregam grandes imprecisões históricas nesta construção de sentido. Isso muitas vezes corrobora para que então novas associações sejam feitas, de forma que se cria sequência de novas construções que se afastam dos fatos (Rundblad & Kronenfeld, 2003, p. 6-13). Tal processo se apresenta bastante similar às perspectivas de

Santaella (2018) sobre os elementos de construção de uma pós-verdade, embora o termo não era explorado na época do estudo de Rundblad e Kronenfeld.

Dessa forma, a visão do etimólogo Anatoly Liberman mostra uma perspectiva diferente da apresentada pelo socio-linguista Labov, conduzindo a uma interpretação diferente, mas possivelmente complementar. Liberman (2009, p. 152) afirma que etimólogos, enquanto munidos de documentos, são historiadores, realçando o compromisso de seu ofício aos referenciais teóricos e à depuração de documentos do passado. O autor descreve a metodologia desta ciência como “o ofício de obter a história da língua”, que conseqüentemente derivaria a história de um povo em si. Dessa forma, Liberman descreve em seu trabalho duas principais metodologias de análise dos “historiadores da língua”: o estudo de dicionários e outros documentos antigos e a comparação entre outros idiomas de raízes semelhantes ou que tiveram contato em algum período. Ambos procedimentos metodológicos comumente operam juntos, buscando uma complementação na construção do saber, havendo a comparação entre síncrono e diacrônico como mais uma forma de complementação

Uma vez que tanto Santaella como Liberman recorrem às perspectivas da história, pode-se fazer um paralelo com o historiador Eric Hobsbawm (2013), que entende que a história é sempre uma narrativa do tempo presente, uma vez que ocorre de um olhar pela perspectiva contemporânea de quem narra. Entretanto, ainda que atenda a interesses políticos por meio de tais narrativas, na visão do autor, história não se trata de ficção, uma vez que esta necessita das evidências documentais para sustentar suas narrativas, as quais se alicerçam em fatos do passado (Hobsbawm, 2013, p. 25-26). Aplicando isso à supracitada perspectiva sociolinguística de uma semântica diacrônica, vê-se que a construção de sentidos diacrônicos ocorre ressignificando eventos e fatos, o que não significa criar informações ficcionais, fantasiosas. Ao mesmo tempo, a necessidade da análise dos documentos de forma criteriosa torna-se o divisor de onde o discurso desemboca em um desordem informacional.

Assim, corroborando com a perspectiva de análises do discurso e tendo como base as afirmações dos campos da história, linguística e da comunicação, para fins desta pesquisa específica, vale-se do pressuposto de que “embora todo discurso seja por natureza interpretativo e traga, mesmo que involuntariamente, marcas da personalidade de quem o enuncia, o fato, o acontecimento, a situação a que o discurso se reporta são indestrutíveis. Inegavelmente, ocorreram” (Santaella, 2018, p. 47). Logo, ainda que perspectivas possam considerar a pseudoetimologia como uma forma de inovação de sentidos semânticos, sua noção de “reconstrução do imaginário histórico” não se alinha com os referidos alicerces teóricos da

historiografia ou da comunicação de massa. Tem-se como falso, inverídico, para fins dessa pesquisa, aquilo que não se respalda pela metodologia histórica da etimologia, não havendo a afirmação de sua ocorrência e existindo evidências que suportam outra origem. A divulgação deste tipo de informação é classificada como desordem informacional.

## **2.2. Tipos de Pseudoetimologia**

Conforme supracitado, uma vez que embora alguns linguistas tenham se dedicado ao estudo da etimologia e de suas falsificações, não há muito material disponível sobre o assunto. Assim o tópico carece de uma perspectiva teórica preliminar antes de ser abordado de maneira mais densa.

Liberman (2009) vê sua produção como fruto de simples ignorância, enquanto Allard (2020) busca um arcabouço cognitivo em seu processo de formulação por apofenia, próximo ao acaso, mas entende que se façam, de certa forma, ao acaso. Por outro lado, a posição de Orlandi (2000) compreende que o processo de formulação de materialidades discursivas possui, sempre, vinculação ideológica e bases no saber histórico constituído do interpretante, entendendo que as interpretações da realidade fática se dão por meio de estruturas prévias presentes aos saberes e cognições do interpretante. Assim, a ideia de “ignorância”, como desprovemento de saber é rejeitada e, mesmo que fruto de apofenia, as referidas produções têm um viés político inerente desde sua base, não somente em sua veiculação, o que corrobora com Rundblad e Kronenfeld (2003, p. 3-4), que entendem a produção de pseudoetimologias algo que, na verdade, transparece dados sobre a realidade coletiva daquele grupo produtor e sobre a forma como estes entendem o mundo. Todavia, os autores ressaltam que, em seus estudos preliminares, em análises a 100 falsas etimologias da língua inglesa, 89 destas alteram de alguma forma o sentido da expressão, o que afirmam ter base nas associações feitas pelos indivíduos, tentando dar sentido a seu mundo.

Trocando em miúdos, é como afirmar que, no momento em que um ou mais indivíduos chegaram à conclusão de que a expressão “feito nas coxas” fazia referência à escravidão, o fizeram por já terem um imaginário histórico prévio sobre como funcionaria a dinâmica escravocrata no Brasil colonial, bem como do imaginário que possuem sobre as capacidades materiais e meios de produção da época. Dessa forma, acreditaram ser razoável a afirmação pelos critérios tanto lógicos como morais aos quais comungam. Nota-se que, a este crivo, a introspecção para uma pesquisa sobre o tema não faz parte do processo de criação.

Entretanto, para este estudo, não se busca entender os procedimentos e mecanismos linguísticos que levam à criação de falsas etimologias, mas a forma como são divulgadas e que performam papéis dentro da disputa política e social nas mídias virtuais. Independentemente do motivo pelo qual uma pessoa relacione simbolicamente coxas, telhas e escravagismo, seu ímpeto em divulgar isso diz muito mais sobre seu papel político e social do que se este foi fruto de uma apofenia ou se essa informação foi recebida, reescrita e repassada por uma ou mais fontes, que juntas acabam por culminar em uma pós-verdade.

Assim, em uma análise preliminar realizada no período inicial da pesquisa, buscando uma compreensão mais holística do cenário, foi possível localizar diversos tipos de desordens informacionais sobre origens de palavras correntes nas redes sociais, o que permitiu a confecção preliminar de uma de uma classificação por tipos de abordagem em relação às suas intenções políticas. Dessa forma, este estudo categoriza as intenções políticas das pseudoetimologias como: Narrativas por proscricção de termos, narrativas por retificação depurativa, narrativas por controle de origem e narrativas anedóticas.

As narrativas por proscricção buscam abolir termos que entendem ter sido conspurcados em sua origem, possuindo algum tipo de “passado sombrio”, incluindo noções de racismo ou apologia a alguma forma de crime ou tortura. A exemplo temos as supracitadas narrativas associadas às expressões “criado-mudo” e “feito nas coxas”. Nesse sentido, é importante reforçar que a língua se encontra sempre em constante mudança, sendo termos incluídos ou excluídos a todo momento e que diversas expressões possuem sentidos discriminatórios (racistas, xenofóbicos, machistas, homofóbicos, capacitistas...). Há ainda diversas que expressões adquiriram estes sentidos ao longo do tempo, mesmo não possuindo em sua origem.

Abre-se um espaço para reforçar, conforme Nascimento (2019), que as compleições do racismo estrutural historicamente construído no Brasil estão presentes na língua e afetam negativamente a vida de milhões de pessoas. Não há interesse deste estudo em deslegitimar reivindicações de grupos minoritários, que são legítimas e fazem parte de um processo de construção de um ambiente antirracista. Este trabalho apenas aponta as formas com que desordens informacionais acabam também se encaixando dentro dessas disputas por espaços sociais e que, muitas vezes, por serem embasadas em falsas informações, dentro de um espaço de pós-verdade, o uso de pseudoetimologias pode acabar por descredibilizar argumentações dentro de debates e pleitos legítimos, com reivindicações importantes dentro deste cenário.

As narrativas por retificação depurativa são aquelas em que se percebe uma alegação para que se “corrija” uma expressão que teria uma origem culta, erudita, mas que teria sido

transformada, corrompida, ao longo do tempo, pela ignorância de seus falantes. A exemplo, pode-se citar as disputas pela expressão “cuspido e escarrado” (onde busca-se a substituição por “esculpido em Carrara”) ou “quem tem boca vai à Roma” (onde busca-se a substituição por “quem tem boca vaia Roma”), que serão abordadas mais a seguir. Nota-se nestas um conflito de linguagem, buscando aproximar a linguagem popular de algo mais refinado. Labov (2008, p. 151-163) aponta comportamentos de “hipercorreção” do falar como um processo de pressão social que viria “de cima para baixo”, em busca a sofisticação da língua falada como forma de distinção destes indivíduos em seu meio, como forma de não se caracterizarem com grupos mais baixos na hierarquia social. Labov destaca este como sendo um comportamento muito presente na classe média baixa, que justamente pela proximidade com a classe operária passa a ter essa preocupação exagerada de se distinguir.

As narrativas por controle de origem são aquelas em que não há uma busca alterar um termo, mas sua origem, de forma a obter vantagem ou manter privilégios para o grupo falante ou reforçando algum estereótipo ou preconceito sobre um outro grupo. Como exemplos dessa, pode-se citar a expressão “dia de branco”, que associa a ideia de dia de trabalho com pessoas brancas; a lenda urbana afirma que a expressão originalmente era “dia de vestir branco”, em referência a ternos de linho branco comuns no Rio de Janeiro do início do século XX, negando origem racista ao termo, hipótese desbancada por Rigolon (2023, p.79-82) que reafirma a origem racista do termo. Outro exemplo seria que a falsa origem da palavra forró, ritmo nordestino, que alega vir de “*for all*” (inglês: “para todos”), atribuindo a invenção do ritmo à festas dadas por estrangeiros (estadunidenses ou, por vezes, ingleses) no Nordeste, descreditando a invenção aos nordestinos de um elemento de sua identidade e relegando-os ao plano de fundo intelectual de sua criação (Abilio & Silva, 2024).

No último tipo se enquadram as narrativas de caráter anedótico, que não reivindicam mudanças, tampouco buscam o controle de algum elemento específico, mas são aquelas que Wilton (2004, p. 16) descreve como sendo potencialmente divertidas de serem contadas como forma de curiosidade, ainda que não humorísticas. Estas são as que mais se enquadram à descrição de equívoco meramente apofênico descrito por Liberman (2009), o que não significa não haverem elementos políticos imbricados nestas, somente que sua análise acaba necessitando de maior cuidado e critério para se compreender a base ideológica e seu esforço na construção do imaginário histórico. A exemplo, podemos citar a pseudoetimologia corrente sobre a expressão “sem eira nem beira”, que significa algo sem sentido e que, principalmente na internet, vem sendo associada à casas do período colonial com três níveis de telhados,

trazendo consigo a anedota de que tais níveis seriam chamados “eira, beira e tribeira”; assim “sem eira nem beira” seria originalmente algo pobre, uma vez que as casas dos pobres não possuiriam estes nivelamentos na construção (Rigolon, 2023, p. 43-45). Tal anedota pseudoetimológica não aparenta um ímpeto social, todavia associa a ideia de pessoas pobres à ideias sem lógica, sem sentido.

Vale reforçar que a classificação em categorias desenvolvida por esse estudo se baseia naquelas encontradas em prévia análise do cenário atual e de língua portuguesa brasileira, tendo como foco o seu entendimento enquanto discurso político, sendo possível compreender o fenômeno por outras perspectivas. Igualmente, tais categorias são intercambiáveis e até cumulativas, a depender do referencial em que são veiculadas. A narrativa de “feito nas coxas” é associada ao caráter proscritivo, mas pode ser contada de forma anedótica, em um contexto de pessoas que não se importem com causas sociais; a narrativa de “sem eira nem beira” é anedótica ao ser contada em uma roda de amigos, mas passa a ser de controle de origem quando contada por um guia turístico apresentando as casas de uma cidade histórica, etc.

A esta definição preliminar ainda podem caber diversos estudos que podem ampliar seu rol e aprofundar suas prospecções, mas que fugiriam ao escopo central dessa dissertação. A demais, identifica-se, dentre estas categorias, que o objeto deste estudo em questão figura nas narrativas de caráter depurativo.

### 3. REDES SOCIAIS E AS NOVAS VERDADES

Ao compreender que tais práticas pseudoetimológicas não são exclusivas de nenhum idioma e que fazem parte de um processo natural, uma tentativa de encontrar conexões entre a fala cotidiana e perspectivas que se tem no imaginário, ainda que dadas por apofenia (Rundblad & Kronenfeld, 2003), abre-se uma seara mais profunda na pesquisa: Entender de que forma as redes sociais têm influenciado este fenômeno e feito com que ganhe uma nova abrangência em disputas políticas. Todavia, é importante ressaltar que, haja visto o âmbito da pesquisa, as narrativas depurativas de ditados e expressões populares, esse prisma de abordagem certamente seria diferente ao tratar de outras categorias do fenômeno pseudoetimológico.

É preciso entender antes o que são redes sociais e seu contexto social, econômico e cultural na contemporaneidade. Segundo Recuero (2009), as redes sociais virtuais são sistemas computacionais, mediados por grandes empresas, que permitem interações entre diversos indivíduos em um ambiente virtual. Sua principal característica é que, ao invés de um centro unificado, estas possuem diversos centros de interação difusos; os indivíduos estão conectados entre si pela rede, seja pelo uso de grupos, seja por perfis que se relacionam com outros usuários sob a condição de “seguidores” ou “amigos”, de forma que é muito fácil e rápido propagar (compartilhar) uma informação para um grande de pessoas, bem como manter-se entrosado com aqueles que possuem gostos semelhantes. A autora explica que, ainda que a conexão entre pessoas intermediadas por computadores fosse possível a mais tempo, é a partir dos anos 1990 que começa a ser possível identificar processos que formam sistemas interativos em pontos ou “nós de interação”, onde pessoas congregam de forma coletiva, tais como *chats* de bate-papo. Estes modelos avançam para modelos de exposição com comentários (blogues, *fotologs*, etc.) e para redes de fóruns que progridem para o compartilhamento de imagens e vídeos, com perfis sendo o ponto central do usuário, como foi o caso do Orkut.

Posteriormente, a rede Facebook traria maior amplitude de mercado a este modelo, ganhando centenas de milhões de usuários e tendo como uma de suas marcas cultura de convergências, que, nas perspectiva de Aquino (2010, p. 10-17) é mais do que a soma de múltiplos estilos de produção midiática e modelos de mídia (vídeo, som, texto, plataformas interativas...) ou a produção de um mesmo conteúdo em diferentes sites ou múltiplos meios, mas uma relação colaborativa entre profissionais, até mesmo de meios diferentes, convergindo informações e as dispersando, de forma a entregar mais conteúdo e primeiro. Ainda segundo Aquino, o fenômeno de produção em massa fez com que muitos usuários se apropriassem de técnicas e modelos, antes exclusivos da grande mídia.

Mas talvez a maior mudança quando as redes sociais intensificam o uso dos algoritmos que selecionam as preferências do cliente e redistribuem materiais que tenham conexão com este, segundo Bucci (2021). Dessa forma, mantêm-se a atenção deste cliente pelo maior tempo possível. Estas redes se desenvolvem para um formato de exposição cada vez mais efêmero, focado principalmente em vídeos curtos e telas alimentadas infinitamente (chamadas de *feed*), propagando conteúdo de forma ilimitada ao usuário. A partir daí, começa a surgir o foco em vídeos curtos, formato adotado por redes como Instagram, Snapchat e TikTok e que depois reformularia o modo de divulgação de redes como Facebook e Youtube. Siek e Fariz (2023) explicam, através de dados quantitativos, que a mecânica deste modelo atrai os usuários, rendendo-os por muito mais tempo, havendo forte expansão neste modelo após a pandemia de Covid-19. Os algoritmos de distribuição, entretanto, dão prevalência a vídeos recentes e com mais interações com seu público, exigindo produção constante dos produtores para se fazerem notados (Bucci, 2021).

As redes sociais passam a ser parte constante do dia a dia destes usuários e figuram entre grande parte da população urbana atual (Ansari *et al*, 2022). Santaella (2018) vem afirmar que, através deste processo de seleção algorítmica e formação de grupos de afinidades em nós de conexões, surgem então as “câmaras de eco”, ambientes virtuais que replicam somente informações com um viés concomitante ao do usuário da plataforma. A autora entende este termo como sinônimo das “bolhas de pós-verdade”, que seriam um “ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis” (Santaella, 2018, p. 4). Nesses ambientes, informações, verdadeiras ou falsas, se complementam em tramas narrativas, complementadas pelo viés ideológico dos receptores, formando uma crença de percepção da realidade que só se alimenta daquilo que concorda com o que foi previamente aceito.

Por conta de sua topografia de interconexões, surgem nesses espaços os “nós de conexão”, onde perfis controlados por usuários se conectam a outros perfis de usuários, dispersando informações pelo que são chamados de “seguidores” ou “inscritos”. A própria quantidade destes seguidores e visualizações passa então a ser um índice daquilo que Recuero (2009, p. 71-73) chama de capital social, ou seja a confiabilidade para os conteúdos destes nós. Há o pensamento de que se muita gente está vendo ou falando disso, deve ser verdade. O modelo algoritmo exige produção constante e, para se obter a audiência, é preciso seguir o padrão por ele imposto. Aquele que não tem seguidores o bastante não é tão relevante; “é preciso ser ‘visto’ para existir no cyberspaço” (Recuero, 2009, p. 27). Então, para ter relevância, e para ser visto é preciso produzir mais e mais. Dessa forma, a produção em larguíssima escala pretere a

apuração detalhada dos fatos divulgados (Ansari *et al*, 2022, p. 1-4). Especificamente sobre as redes de vídeos curtos, Siek e Fariz (2023) descrevem que tais vídeos passam a ser nós de entrelaçamento que definem como “experiências de colmeia”, onde não apenas o material vinculado no vídeo se dissemina, mas as interações dos usuários como parte da peça (compartilhamentos privados e públicos, comentários...) constituem parte do ambiente coletivo do material. Os autores reafirmam que, por conta dos algoritmos, a taxa de aceitação deste conteúdo é alta e que as interações de colmeia atuam como parte deste reforço.

Este modelo de dispersão de informações se soma às mídias tradicionais de informação, ou até substitui parcialmente. Hendrickx (2023) aponta que não se trata de uma simples competição do jornalismo tradicional em papel contra Youtube, TikTok ou Instagram como canais oficiais de informação do cidadão, mas de uma mudança de mentalidade, onde o modo de exposição da rede social passa a ser vista como o modelo, fazendo com que até as empresas tradicionais de jornalismo precisem se integrar a essa linha para poderem continuar no mercado, naquilo que o autor chama de “a quarta onda do jornalismo”. Dessa forma, com as redes sociais se tornando um dos principais canais de entretenimento, informação e comunicação diária de seus usuários. Aquilo que nelas percorre passa a ter um valor muito grande na percepção da realidade destes.

Entretanto, Bucci (2021, p. 35-40) problematiza o comportamento criado por essa cultura de produção de conteúdo em massa para mídias sociais, entendendo-a como alienante, dentro do próprio sentido social, e banalizando o próprio conteúdo recebido. Assim vê-se materiais sendo divulgados de forma rápida, chamativa e efêmera, cuja a análise acaba por não passar por muitos crivos, sendo preciso julgá-los exclusivamente pela confiabilidade daquele que vos entrega o conteúdo. Nestes ambientes surgem os formadores de opinião, muitas vezes chamados de influenciadores digitais ou *influencers*, perfis com grande número de seguidores e que gozam de confiabilidade destes para o ambiente em que se propõem a falar. Na visão de Recuero (2009, p. 44-51), estes perfis em nós de grande acesso possuem o que é chamado de capital social, um conjunto de características que confere credibilidade/confiabilidade a indivíduos dentro de um ambiente social. Nesse processo, outros membros do grupo não só reconhecem este influenciador como pertencente ao grupo, mas passam a associar sua perspectiva como parte do seu próprio pertencimento ao grupo. Esse capital social é visto como um recurso e é capaz de se converter em capital financeiro ou até determinar como se darão as relações econômicas dentro de um grupo.

Em outras palavras, quando uma pessoa de um determinado grupo diz que o certo seria “esculpido em Carrara” ao invés de “cuspido e escarrado”, ou alega que “criado-mudo” seria uma expressão racista, o indivíduo que se considera pertencente ao grupo tem tendência a acreditar na informação por se identificar com o publicador e com sua identidade social, política e ideológica (esta última será explorada mais à frente). No interno das câmaras de eco, esta informação ganha confiabilidade conforme vai sendo compartilhada por mais membros do mesmo grupo. Quando um indivíduo do grupo recebe a mesma informação por diversas fontes (visualiza em *Stories*, recebe por mensagens, vê-a em comentários...) acaba por confiar, tanto por tantas outras pessoas que confia/se identifica replicarem quanto por se conectar a sua visão de mundo. Soma-se a isso o fato de os replicadores serem indivíduos respeitados naquele meio por conta do número de interações que realizam. Ao mesmo tempo, de forma cíclica, os indivíduos publicadores acumulam confiabilidade conforme se tornam mais associados à identidade do grupo em questão por terem compartilhado aquela mensagem. Esse fator é preponderante quando se fala na construção de identidades coletivas por meio das redes sociais, como analisa-se a seguir.

### **3.1. Redes Sociais: Confianças, Linguagens e Identidades**

É interessante se observar como, mesmo não havendo regulamentações específicas de apuração que garantem a confiabilidade, as redes sociais ainda assim se tornaram fontes tão grandes de segurança nas informações acessadas para seus usuários, figurando como canais de pesquisa comuns entre seus usuários, mesmo com avisos constantes sobre desordens informacionais nestas. Hendrickx (2023, p. 240) afirma que mesmo para as plataformas de jornalismo nas redes sociais, a regulamentação sobre “verdades” e seguranças de apuração, na prevenção das desordens informacionais, é ainda embrionária, por motivos que incluem desde a infraestrutura do sistema, descentralizada e ramificada, até questões de definições técnicas de “o que é verdade”. Faz-se aqui um paralelo com Wardle e Derakhshan (2023), que ressaltam o quão complexas e quão danosas podem ser “meias verdades” nestes meios de dispersão tão amplos. E se para o jornalismo esta regulação ainda está no começo, fora deste campo, entre perfis de influenciadores digitais, de curiosidades e entretenimento, não há quase nada em curso de garantir a factualidade daquilo que se publica.

O caos de superinformação (também chamada de “infodemia”); quando o montante de informações aos quais estão sujeitos passa a criar ou agravar confusão nas pessoas e se torna

adoecente) é considerado como parte do funcionamento das redes sociais, fazendo rumores, boatos e informações falsas ou incompletas sejam parte presente em seu cotidiano de tal forma que os usuários nem mais se espantariam ao descobrirem que um fato que tiveram acesso por ali é falso (Ansari *et al*, 2022, p. 1-4). Seria de se imaginar então que a desconfiança nas informações obtidas nas redes seria um fator obrigatório de uma forma geral, entretanto isso não se mostra verdadeiro; a confiança nas redes sociais parece não se atrelar a uma questão institucional, mas de compatibilidade social.

Recuero (2009, p. 25-29) explica que dentro da dinâmica das redes os indivíduos se representam em através de perfis, personas emuladas, que são os atores do processo comunicativo, mas que conservam suas características de vida não-virtual (tais como classe social, locais de fala, etc.). Tais perfis são construções desses indivíduos e reforçam seus elementos de identidade social. Isso se deve à artificialidade deste ambiente de comunicação mediada, onde permite-se ao indivíduo uma personalização de sua imagem, permitindo escolher os aspectos que desejam expor ou ocultar. Todavia, tais personas encontram-se em um ambiente que as estimula à busca constante e incessante por visibilidade e atenção (Recuero, 2009, p. 27). E para ser visto é necessário se apropriar dos meios e ferramentas deste espaço e constituir sua persona, ato para o qual Recuero enfatiza ser necessária a validação do grupo social ao qual o indivíduo identifica seu pertencimento. Para isso, o ator faz uso da supracitada ênfase aos aspectos que reafirmam sua identidade de grupo.

Para Bucci (2021), as redes sociais são um sistema de “apropriação do capital criativo”, onde grandes empresas conseguem que indivíduos produzam conteúdo para que outros indivíduos o consumam, lucrando com a distribuição destes e da venda ou manipulação algorítmica dos dados seus clientes para usos de marketing. E como tal conteúdo só mantém visibilidade por um curto período de tempo, cria-se a necessidade de produção de mais conteúdo. Este esforço contínuo em produzir aliena o produtor em relação ao sistema, onde a plataforma lucra com o conteúdo produzido pelo cliente para outros clientes, sem nem mesmo a promessa de pagamento por isso, além de induzir uma parcialidade em opiniões que majoritariamente beneficia esse sistema corporativo. Na necessidade de produzir e ser compartilhado em grande escala faz com que se exagerem os traços daquela comunidade, ampliando a chance de se obter capital social (que pode ser revertido para capital político e financeiro) e alimentando essa indústria.

Dessa forma, a identificação de grupo está conectada ao critério de confiabilidade, que Recuero entende estar relacionado à formação dos ambientes, pautados por recursos categorizados e em com relações hierárquicas definidas entre si:

Essas categorias podem ser compreendidas como os recursos a que os indivíduos têm acesso, através da rede e seriam: a) *relacional* – que compreenderia a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos de uma determinada rede; b) *normativo* – que compreenderia as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; c) *cognitivo* – que compreenderia a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; d) *confiança no ambiente social* – que compreenderia a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e) *institucional* – que inclui as instituições formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto (Recuero, 2009, p. 50-51).

É importante ressaltar que a perspectiva de confiabilidade da rede não se restringe à internet, mas constitui uma parte importante sobre elas, principalmente dentro das redes sociais. Nestas, o domínio do caráter normativo, da linguagem interna do grupo e de seus valores, da história relacional do respectivo ator-divulgador com seu público, e dos vieses cognitivos apresentados dentro das relações de grupo se enquadram e se retroalimentam junto das características de confiança do ambiente. A confiança institucional passa então a ser parte da própria plataforma, que se beneficia de seu serviço de intermediação prestada e lucra com isso e com os vídeos fornecidos pelos indivíduos. O capital social se desenvolve de forma cíclica, onde a presença de um dos elementos reforça os outros elementos e reforça as relações e conexões entre os indivíduos de uma comunidade dentro das plataformas.

Bucci (2021) ainda reforça que este o sistema de confianças, uma vez que se baseia em identidades (de raça, classe, gênero, localidade), ultrapassa a barreira da própria plataforma, onde atividades de uma rede são recebidas por membros da mesma comunidade em outras redes e mesmo fora do ambiente virtual. Igualmente é preciso se compreender que essas relações de confiança e identificação não são, necessariamente, algo tão restritivo ao ponto de fazer com que apenas alguém completamente imerso dentro da mesma bolha se identifique e passe a crer em algo dito por outro do mesmo grupo. Nesse sentido, é preciso explorar o que é um “grupo de pertencimento”. Stuart Hall (2006) identifica que, no contexto da pós-modernidade, o elemento do sujeito universal não é mais presente de forma monolítica. Ao invés disso, identidades encontram-se fluidas entre suas diversas características componentes, tais como cor, etnia, religião, posicionamento político, classe social, regionalidades e outros, mas que as próprias características que demarcam estes aspectos podem se alterar conforme as necessidades do grupo. Logo, um homem nova-iorquino negro e conservador possui quatro

características aqui descritas (gênero, cor, regionalidade e orientação política), que o enquadram em quatro diferentes grupos identitários, cujas características afetam seus sentimentos de pertencimento e sua relação de análise do ambiente que o cerca de diferentes formas. Dessa forma, não o indivíduo transita por diferentes campos sem que a si isso pareça incoerente.

A supracitada visão de confiabilidade permite identificar que uma mesma mensagem que se alie a processos relacionais, normativos e/ou cognitivos de um determinado grupo, percorrendo as conexões entre outros grupos de pertencimento ao qual o indivíduo receptor faz parte e compondo uma narrativa final que se conecta aos seus conhecimentos prévios (Orlandi, 2000, p. 46). Dessa maneira, a mensagem das redes passa a se conectar, e assim tornar-se confiável para aqueles que já esperam por um conteúdo com esses padrões; busca-se por algo que se some à concepções de mundo de seu (ou seus) grupos de pertencimento.

Em um segundo aspecto, lidando com a questão da produção massiva de informação sem possibilidade de uma filtragem apurada, Santaella chega ao entendimento de que as redes virtuais “favorecem a fofoca, a novidade pela novidade, a velocidade da ação impensada e do compartilhamento leviano”, pois “não há regras para a aceitabilidade do que se pensa e se fala quando as normas desvanecem. Foram erodidos os princípios daquilo que uma conversação deve ser” (Santaella, 2018, p. 18). Seguindo por essa perspectiva e levando em conta o supracitado por outros autores, pode-se concluir que este sistema, desenvolvido para ser uma produção fabril de conteúdo, forma verdades baseadas na mera aceitação dos fatos que são muito divulgados. Uma vez que não importa se o que é divulgado é verdadeiro ou falso, este ambiente desestimula a apuração dos dados divulgados, fator essencial na veiculação de notícias ou informações de cunho acadêmico, deixando prevalecer uma noção de mundo que corrobora com as bases do grupo.

Isso não significa afirmar que todo conteúdo produzido para as redes sociais seja inerentemente falso, mal apurado ou parte de algum artilho conspiratório. Tampouco que esse modelo supracitado de confiança pela repetição e aceitação dos grupos seja exclusivo da internet. O caso é que, conforme as reflexões de Bucci (2021), o modelo das redes sociais de vídeos curtos o estimula com muita força, tanto pela ausência de qualquer fiscalização, como para manter o usuário conectado pelo maior tempo possível, independente de questões qualitativas. Isso se agrava pela ausência de uma capacitação específica para fazer por conta própria apuração das notícias no público consumidor, uma educação para as redes. Assim, usuários acabam por depender quase exclusivamente do capital social que têm acesso para sua percepção pessoal de verdade, o que torna este ambiente excelente para a divulgação de notícias

errôneas e para a construção de pós-verdades, que se vinculam às suas noções de mundo, em territorialidade e classe social.

### 3.2. Um olhar sobre Redes Sociais e Desordens Informacionais

Tendo em vista o supracitado é preciso ressaltar que mesmo os meios tradicionais de imprensa nunca foram imunes a falhas, muito menos se desenvolveram em uma imparcial busca pela verdade (se é que isso seria possível). O fato de informações serem enviesadas sempre fez parte de todos os processos de informação e os meios tradicionais muito se utilizaram, inclusive de forma proposital, do que hoje consideramos como desordens informacionais como um recurso político. Todavia, também conforme supracitado, o uso destas desordens é nocivo e sua frequência de uso, seja atualmente ou de forma histórica, não a torna mais aceitável dentro da construção de uma sociedade democrática.

Wardle e Derakhshan (2023, p. 12-13) entendem as desordens informacionais na rede como um problema com grandes efeitos de longo prazo e potencialmente danosos. As autoras dividem este fenômeno em três categorias, baseadas principalmente na presença de falsidade de informação e intenção de causar dano:

- Desinformação (no original, *dis-information*): Possuem informações falsas e a intenção deliberada de causar dano a grupos, organizações ou pessoas. Estas podem conter ainda alguma informação verdadeira em seu bojo, mas são majoritariamente falsas.
- Informação maliciosa (no original, *mal-information*): São informações genuínas, sem falsidade, mas são articuladas para causar dano a grupos, organizações ou pessoas, como “movendo informações destinadas a permanecer privadas para a esfera pública”.
- Informação Falsa (no original, *misinformation*): São informações falsas, mas compartilhadas sem a intenção de se causar danos a grupos, organizações ou pessoas.

Sobre o terceiro tipo, Ansari e seus parceiros (2022, p. 1-5) acreditam que as redes sociais não são apenas um terreno fértil, mas natural para o tipo *misinformation*. Isso se dá por seu contexto infodêmico, um universo de informações sendo bombardeadas em volumes tão absurdamente grandes que não há tempo para seu processamento. Os autores discorrem sobre o fenômeno de informações falsas nas redes sociais, definindo seus tipos como: notícias falsas, desinformação proposital, rumores, spam (informações irrelevantes que são enviadas a um grande número de usuários) e lendas urbanas. Destacasse que o conceito de desinformação e notícias falsas destes autores não são os mesmos referidos por Wardle e Derakhshan (2023),

entretanto destaca-se aqui está no elemento de “lendas urbanas”, que retoma o já abordado em Wilton (2004), sobre lendas urbanas linguísticas.

A facilidade em se compartilhar as informações permite reenviar essas informações à comunidade conectada pelo nó do usuário, fazendo com que este seja lembrado por seus pares, “existindo” naquele espaço, e obtendo a confiabilidade de seus pares, uma vez que sua linguagem vai de encontro aos recursos normativos e institucionais deste grupo (Recuero, 2009, p. 50-51). Assim, uma informação circula, atendendo as mesmas demandas tradicionais dos valores-notícia, registrados há décadas pelo jornalismo, como proximidade, relevância, notoriedade, conflito, etc. (Wolf, 1999, p. 195-199).

Vê-se que as “novas mídias” parecem manter padrões bastante similares às mídias tradicionais no que diz respeito à massificação de informações e, embora “elogiadas por terem, supostamente, superado os meios de massa, prestigiando o indivíduo em detrimento da massa, reproduzem os cacoetes mais doentios dos mesmos meios de massa do século XX”, mantendo vícios estruturantes de comunicação que mantém indivíduos alienados sobre questões que os cercam (Bucci, 2021, p. 46). Seu processo de produção cria então uma nova forma para a indústria cultural tradicional, e assim como a original, se utiliza da transmissão de informação como um meio de entretenimento cotidiano. Bucci argumenta ainda (p. 96-97) que no começo se acreditou que as redes sociais, ao darem voz a todas as pessoas, seriam a grande ferramenta para uma emancipação democrática em prol da classe trabalhadora, mas que isso se não se mostrou verídico e que o mar de desordens informacionais contribuiu para que câmaras de eco e verdades artificiais ganhassem a perspectiva geral dos usuários, polarizando debates e reforçando ilusões já existentes sobre a realidade.

É neste contexto que se faz difícil distinguir as finalidades das informações, proporcionando um cenário onde “não há certo ou errado” e que as publicações efêmeras carregam dados aparentemente desimportantes, mas que se somam para a construção das realidades individuais e coletivas. As redes sociais permitem a dispersão da informação de forma abrangente, o que não significa um filtro de veracidade, mas um estímulo a rumores (Ansari *et al*, 2022). Orlandi (2000) discorre pontualmente sobre como pequenos fragmentos de informação se atrelam ideologicamente e de forma assíncrona, moldando um imaginário em seu receptor que então cria uma forma de percepção sobre o ambiente. Esta passa a buscar interpretar o ambiente através destes fragmentos de informação supracitados, em uma relação de retroalimentação, onde se interpreta o presente baseado no que já se conhece e se reforça o imaginário já construído. Este tópico será debatido mais profundamente no capítulo de

metodologia, mas cabe aqui a conexão com a perspectiva de Bucci (2021, p. 112) de que o público que se polariza prefere as polarizações pois estas não dependem de agregações “com base em métodos racionais de argumentação, mas em identificações”.

Nesta seara, chega-se ao entendimento de que as desordens informacionais se relacionam com as identidades coletivas construídas nas agremiações humanas que se reforçam nas redes sociais, mesmo que não tenham surgido lá. A noção de “verdadeiro” ou “falso” muito pouco tem a ver com os motivos pelos quais se compartilham seus dados, mas o quanto isso reforça a linguagem deste coletivo por já concordar com aquilo que este coletivo pensa. Aí faz-se necessário entender como operam a linguagem popular para entender quem se beneficia e o que poderia ganhar este coletivo ao deturpar sua tradicionalidade.

### **3.3. As Redes em Estudo**

Conforme anteriormente dito, o uso das redes sociais de vídeos curtos se expandiu baseado em algoritmos que selecionam o conteúdo apreciado pelo usuário para mostrar mais deste tipo, prendendo ao máximo sua atenção. Apesar de existirem diversas outras, esta pesquisa centra-se naquelas com maior popularidade no momento: Instagram, TikTok e Youtube.

O Instagram é uma rede social de origem estadunidense, criada em 2010. Focada no compartilhamento de imagens e vídeos em nós de transmissão, foi adquirida pelo grupo Meta (mesmo do Facebook) e que, em 2019, já possuía mais de 500 milhões de usuários. Hutchinson descreve que o sucesso da rede em muito envolve os vídeos curtos, chamados de *reels*, que propiciaram um aumento significativo no número de usuários conectados diários (Hutchinson, 2019). Inicialmente, a rede focava-se no compartilhamento de imagens, tendo passado a se focar mais em vídeos a partir de 2020, motivada principalmente pelo aparecimento de outras redes com o mesmo padrão, como o Snapchat e, principalmente, o TikTok (Siek & Fariz, 2023, p. 2).

A chinesa TikTok, chamada na China de *Douyin*, foi criada em 2016, sendo sempre focada no compartilhamento de vídeos curtos. Seu formato inovou ao focar especificamente no padrão de exibição vertical, melhor para telas de celulares, angariando mais 100 milhões de usuários nos primeiros dois anos de funcionamento (Siek & Fariz, 2023, p. 1). Este padrão de telas seria copiado posteriormente por suas concorrentes. Inicialmente, contava com vídeos de duração menor do que um minuto, tendo posteriormente expandido seu formato, após uma expansão significativa de usuários durante a pandemia de Covid-19.

Por fim, surge o *shorts*, formato de vídeos curtos do Youtube, empresa de armazenamento e divulgação de vídeos pertencente à multinacional Google, originalmente criada nos Estados Unidos, e concretizada como maior espaço virtual de vídeos do mundo, com mais de 2 bilhões de usuários. Apesar da empresa ser muito mais antiga, a plataforma *shorts* foi lançada somente em 2021, buscando adentrar o espaço das redes de vídeos curtos, que tiveram rápida expansão durante o período da pandemia. Destaca-se ainda haver uma interação entre os canais, modelo já estabelecido para vídeos longos, como produtores de vídeos curtos, mas que a plataforma ainda não se concretizou tão dominante quanto suas concorrentes neste cenário.

Ainda que com suas particularidades, as três redes possuem uma topografia virtual semelhante, onde a conta de um usuário (no Youtube chamada de “canal”) é tanto responsável por transmitir os materiais deste como por interagir com materiais criados por outros.

#### 4. FALA POPULAR: IDENTIDADE, CLASSE E COGNIÇÃO

No fenômeno em questão trata-se da depuração de ditados e expressões populares por versões mais “eruditas”. Então porque corrigir expressões populares? O que há de “errado” com a fala popular para que careça de uma correção? Seria somente uma tentativa de mudar o imaginário histórico por meio de retificações coletivas artificiais da língua?

É preciso compreender que esse ímpeto de mudança não se trata, necessariamente, de um ato consciente e planejado. Rundblad e Kronenfeld (2003) afirmam que o processo de confecção de pseudoetimologias é normalmente inconsciente, associando fatores e crenças do cotidiano dos falantes com os sintagmas encontrados nas expressões, então é preciso encontrar as minúcias dessa corrente de pensamento que faz com que seja plausível pensar que as massas falantes da língua portuguesa teriam corrompido seus ditados e expressões.

É preciso compreender que a construção de um discurso se dá por um prisma ideológico. Por discurso entende-se “a determinação histórica dos processos de significação” (Orlandi, 2000, p. 25), ou seja, a construção de significado para os elementos da realidade que nos cerca que ganha materialidade através da fala e da escrita. Nesse sentido, ideologia é definida como “a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos”, um conjunto de “estruturas-funcionamentos” que tem como característica “dissimular a sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjetivas’, entendendo-se ‘subjetivas’ não como ‘que afetam o sujeito’, mas, mais fortemente, como ‘nas quais se constitui o sujeito’” (Orlandi, 2000, p. 46). Dessa forma, a ideologia se faz presente no discurso enquanto elemento de percepção da realidade, constituindo sentidos aos elementos que se encontram, ou até criando apofenias sobre aquilo que se vê, de forma que suas subjetividades ganhem aparente lógica. Essa lógica se orienta por aquilo que o indivíduo já sabe, daí a “determinação histórica” do discurso. Portanto, o indivíduo que cogita que “esculpido em Carrara” faça sentido em face de “cuspido e escarrado” possui dentro de sua compreensão histórica algo que o faz crer que os falantes poderiam ter corrompido sua língua.

A ideia de depreciação da fala (e por consequente, da cultura) popular é não é algo novo. Segundo Bagno (2003, p. 53-77), os dialetos periféricos foram sempre preteridos pelo “pequeno círculo de letrados da elite branca” que fundamentou as bases identitárias do que seria a gramática aceita pela sociedade brasileira. Nesta identidade, tem-se como antônimos o “culto” (palavra que passa a ser sinônimo de “erudito”) e o “popular” (que passa a ser sinônimo de “inculto” e, ao mesmo tempo “sem cultura”). Tal relação apresenta uma contradição semântica,

mas não simbólica; a elite propaga a ideia de que a cultura popular não é uma cultura de verdade. O autor também afirma que a marginalização da fala popular é um processo sistemático, do qual participam escolas, governos e, claro, a mídia. Aquilo que é visto como belo está quase sempre relacionado ao que esteticamente se conecta às elites, o que não tem real relação com normas de concordância ou sentidos semânticos estritos; é um problema de classes (Bagno, 2003, p. 21-29). Seguindo esta linha de raciocínio, se a cultura popular não é vista como uma cultura, sobra a ela somente o papel de um arremedo de equívocos, enganos, corruptelas e distorções da verdadeira cultura, a erudita.

“Não se pode afirmar a língua como um lugar pacífico”, afirma Nascimento (2019, p. 18-19), expondo que projetos coloniais de dominação se iniciam justamente pela padronização de uma língua, sempre pelo padrão de uma elite colonizadora. Epistemicídios por sua vez teriam tendência a buscar a destruição ou subordinação dos falares, pois assim subordinam-se as identidades falantes.

A crítica quanto a este processo de dominação por meio da padronização das normas clássicas também não é uma novidade. Em sua arqueologia do saber, Michel Foucault elenca a importância do falar nas hierarquias de poder, cognição e identidade, separando sua percepção entre a comunicação verbal, aquela que se utiliza no cotidiano dos indivíduos, e a clássica, idealizada por grupos dominantes, expondo que estas dividem não somente uma noção gramatical, mas de pensamentos modernos e clássicos/tradicionais (Foucault, 2000, p. 88-90), e entendendo que, entre os modernos haveria um ímpeto de ruptura, às vezes até não planejado. Historicamente, o classicismo, enquanto movimento político, criaria padrões comportamentais, expressos também na comunicação, distinguindo hierarquias e, por consequência, estamentos sociais e importâncias de saberes. Aqueles que dominam o rigor da norma clássica-erudita são apontados como detentores do saber intelectual.

Embora o autor se refira ao período e normas clássicas para exprimir a perspectiva de tempo, com base em perspectivas de classificação históricas na epistemologia, o sentido também se aplica a algo lembrado como tradicional ou algo que se entende como “alta classe”, cabendo o uso da expressão de “norma clássica”, como sinônimo de “norma culta”. Foucault ressalta também o papel que as palavras e seu domínio hierárquico possuem enquanto capazes de dar representação ao pensamento, concordando que a fala não é o agrupamento de conceitos justapostos, mas a expressão daquilo que se concebe na mente de seus falantes. O autor afirma que a língua é então, simultaneamente, sutil e soberana, pois possui a capacidade de transmitir, com extrema profundidade, as nuances de uma cognição, da forma de pensar e de sentir de um

povo, mas de uma forma que sequer é notada pelos falantes (Foucault, 2000, p. 86-90). Nestas propriedades “invisíveis” transmitimos também a história de um povo, suas impressões sociais, axiomas, perspectivas, controles estruturais, institutos sociais e percepções cognitivas de suas realidades; literalmente, a forma com que interpretam o mundo é aprendida por meio das camadas intrínsecas de nossa comunicação.

Em última análise, poder-se-ia dizer que a linguagem clássica não existe. Mas que funciona: toda a sua existência assume lugar no seu papel representativo, a ele se limita com exatidão e acaba por nele esgotar-se. A linguagem não tem mais outro lugar senão a representação, nem outro valor senão em si mesma: nesse vão que ela tem poder de compor (Foucault, 2000, p. 89).

Sendo então através da língua que se encontra a representação do pensar mais próxima do tangível que o ser humano até então tem acesso, Thompson (1998) identifica que é justamente no ambiente da oralidade cotidiana que ganha forma a estrutura social em seu cerne, nas relações sociais “banais”, nas conversas aparentemente irrisórias e quase vulgares que se tem nos ambientes de uma comunidade, dentro de casa, nas calçadas de rua, nos contos de avós para netos... Para o autor, essa estrutura é exatamente o que marca a história de um povo, que existindo nos âmbitos simbólicos dos espaços não oficiais, cujo reforço acaba por ser constante e despercebido (novamente, pela alegoria de Foucault, “sutil e soberano”), criando algo que este considera mais tangível do que a própria realidade material e “a verdadeira experiência das vidas comuns” (Thompson, 1998, p. 27-30). Essa experiência conecta passado e presente, ao passar aos netos o pensar e o sentir de seus avós, sempre se reinventando aos novos tempos, sempre ancestral e atual.

#### **4.1. Linguagem Popular: Uma Questão de Identidade**

Línguas são políticas. Não é novidade que uma língua é um dos elementos mais importantes para uma identidade coletiva, principalmente tratando-se a nível de nação. Entretanto, há uma distinção entre idiomas e dialetos que deve ser levada em consideração. Hitchings (2011, p. 18-21), entende “dialeto” como uma variação dentro de um mesmo grupo linguístico, baseado em seu número de falantes e distanciamento de outras línguas. Porém, para o autor, esse conceito acaba sendo muito mais teórico do que prático, uma vez que o prestígio político do grupo falante acaba por determinar se seu falar será tratado como uma língua própria ou apenas uma ramificação de um grupo maior, refletindo na velha piada de que “uma língua é um dialeto com um exército e uma marinha”.

A exemplo, cita-se os idiomas croata, bósnio e sérvio, todos do grupo sul-eslávico e variações são mínimas entre si, sendo inteligíveis entre os falantes das outras línguas. Todavia, por motivos históricos, acentuados pelas guerras de independência dadas pela dissolução da antiga Iugoslávia e com base em seu prestígio político e econômico (o que se reflete então o poderio militar), cada um destes grupos se definiu como sendo falante de uma língua diferente, demonstrando assim a autonomia de suas culturas. Os sérvios ainda, reforçando sua diferença cultural, adotam (oficialmente) o alfabeto cirílico, para distanciar-se da correspondência política com o oeste europeu e valorizar sua aproximação cultural com a Rússia. Neste exemplo, a língua é uma forma de fazer notar a autonomia o posicionamento político de uma nação. Outros exemplos poderiam ser dados em casos como: alemão e o luxemburguês; o eslovaco e o tcheco; a relação entre o russo, o bielorrusso e o ucraniano. Todos inteligíveis entre si. Outro exemplo vê-se no descaso com muitos dos falares indígenas brasileiros, em grande parte tratados como dialetos, sem o reconhecimento como língua ainda que possuam distanciamento linguístico suficiente nestes critérios.

Assim, a língua figura como elemento de identidade, de forma interna e externa. Em disputas internas de uma nação pela construção de hierarquias de poder, reforça-se uma determinada norma como oficial, em detrimento de outras, vistas como dialetos, que passam a ser vistos como periféricos e marginalizados, como explica Foucault. O autor expõe que a padronização da linguagem pelos desígnios estéticos das elites não era apenas por charme, mas uma peça central em manter grupos periféricos em suas posições distantes dos centros de poder e com suas formas de conhecimento, de representação do mundo, marginalizadas (Foucault, 2000, p. 94-97).

Bourdieu (2008, p. 108-111) entende que os elementos constituintes de uma identidade regional, nacional ou étnica, tais como línguas, dialetos, sotaques e trejeitos comunicativos e **expressões de fala**, são simultaneamente representações mentais e arcabouços de reforço político desta identidade nacional, da mesma forma que brasões e outros símbolos, agindo como parte do que o autor considera como uma “manipulação simbólica” para que se mantenham sempre presentes do imaginário daquele grupo. Por isso, relembra-se constantemente suas diferenças para não esquecerem de onde pertencem, garantindo a manutenção das esferas de poder. Em outras palavras, em um contato entre dois ou mais grupos, a forma de falar é um constante lembrete, facilmente perceptível, de que são identidades (e entidades) distintas. Porém, as autoridades políticas atuam de forma constante a regular os usos e padrões da língua, de forma a não perder o controle desta identidade para a espontaneidade linguística.

De forma mais aprofundada, “a linguagem só é conhecimento sob uma forma irrefletida; impõe-se do exterior aos indivíduos que ela guia, quer queiram quer não, em direção a noções concretas ou abstratas, exatas ou pouco fundadas” (Foucault, 2000, p. 96). O falar é parte da cognição de um povo. Nas palavras de Nascimento (2019, p. 17) “se a língua foi criada pelo sujeito ao classificar o mundo [...], ela também cria o sujeito que, ao enunciar o mundo, se enuncia”. Isso ocorre porque a língua não trata apenas da comunicação de fenômenos objetivos, mas dentro dela reside essa forma de pensar, um arcabouço de cognição. Vê-se então a fala como um agrupamento de arcabouços mentais dispostos em uma relação gramatical, construindo sentidos sociais e históricos, normalmente de forma inconsciente.

Segundo Deutscher (2010), nossa comunicação é mais do que apenas um transmissor objetivo de informações; por meio desta se aprende como interpretar o mundo que nos cerca. Isso ocorre pois, desde nossos primeiros anos, vamos aprendendo a pensar conforme aprendemos a falar. As línguas conceituam o mundo físico e estabelecem conexões entre estes conceitos, categorizando-os como similares ou antagônicos, ensinando a mente como funcionam, não apenas em um nível verbal, mas como interpretação do mundo físico e de seus conceitos abstratos (sociais, culturais, econômicos...), no que o autor apelida de “os óculos da linguística”. Isso se dá em uma relação de retroalimentação, pois a língua não se trata de uma estrutura congelada no tempo; o falante aprende a pensar e ver o mundo pela língua e, conforme suas concepções se transformam, este inclui ao seu falar aquilo que transformou dentro de si.

Ainda que um único falante não seja o suficiente para alterar sua língua, tais mudanças são sutis e levam tempo significativo para serem notadas. Assim, a língua expressa a cognição e a percepção de um povo continuamente, não apenas o seu passado, mas também sua relação com ele. Palavras e falares surgiram da relação dos indivíduos com o mundo material, suas conjecturas morais e filosóficas, e se desenvolvem conforme suas experiências sociais e mentais e históricas, simultaneamente ensinando ao indivíduo sobre como uma comunidade, unida por laços culturais representados nessas conexões linguísticas, e exprimindo e reforçando concepções simbólicas (Deutscher, 2010, p. 12-16).

Para Foucault essa organização mental passa a ser mais expressiva a partir da idade clássica, pois ali:

[...] as palavras receberam a tarefa e o poder de “representar o pensamento”. Mas representar não quer dizer aqui traduzir, dar uma versão visível, fabricar um duplo material que possa, na vertente externa do corpo, reproduzir o pensamento em sua exatidão. Representar deve-se entender no sentido estrito: a linguagem representa o pensamento como o pensamento se representa a si mesmo. Não há, para constituir a linguagem ou para animá-la por dentro, um ato essencial e primitivo de significação, mas tão-somente, no coração da representação, este poder que ela detém de se

representar a si mesma, isto é, de se analisar em se justapondo, parte por parte, sob o olhar da reflexão e de se delegar, ela própria, num substituto que a prolongue (Foucault, 2000, p. 88).

O autor enfatiza a idade clássica nesse sentido não porque antes as línguas não representassem uma noção de pensamentos, mas por ali seu conflito de padronização começar a se tornar mais enunciado e efetivo. A imposição de identidades nacionais passa a ser a chave para concretizar os estados nacionais e, com isso, os planos da burguesia ascendente da época.

Para Luiz Beltrão (1980, p. 28), a comunicação popular não é somente um ambiente no qual dão se as trocas de informação, agregadas da informalidade cotidiana, mas um processo horizontal em que “as mensagens são codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador”. Ele nomeia esses processos de comunicação dada nos meios tradicionais de difusão internos de uma comunidade como “folkcomunicação”, um arcabouço simbólico pelo qual transmitem-se mensagens, perpetuando uma forma de agir, sentir e pensar de um determinado grupo popular. Beltrão ainda enfatiza que, nesse sistema:

[...] embora a existência e utilização, em certos casos, de modalidade e canais indiretos (como emissões desportivas pela TV, canções gravadas em disco ou mensagens impressas e folhetos e volantes), as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens através de um intermediário próprio em um dos múltiplos estágios da sua difusão. A recepção sem este intermediário só ocorre quando o destinatário domina seu código e sua técnica, tendo capacidade e possibilidade de usá-lo, por sua vez, em resposta ou na emissão de mensagens originais (Beltrão, 1980, p. 27).

A folkcomunicação se dá quando um emissor, ambientado à realidade cultural e material daquela comunidade e que compreende e compartilha seus padrões de cognição, codifica uma mensagem em camadas que são progressivamente mais acessíveis aos que mais se encontram imersos a estes padrões de linguagem e cognição. Um receptor ambientado a estas características decodifica as camadas mais internas, acessando a totalidade da mensagem, enquanto aqueles que são “estrangeiros” a essa cognição compreendem somente as camadas referentes à língua, mas não compreendem os códigos mais profundos desta linguagem. Dentre estes elementos decodificantes da linguagem encontram-se as expressões regionais, mas também estilos estéticos visuais, corporeidades, ritmos e referências alegóricas que fazem parte daqueles contextos comunitários e identificam a seus membros noções de pertencimento, conectando seu passado coletivo com seu presente (Beltrão, 1980). Sobre a perspectiva de

Beltrão, Costa (2023) adiciona que, nestes meandros da comunicação tradicional habita uma potência transformadora, uma forma de ancestralidade latente nas espontaneidades daquilo que não está institucionalizado, mas que atua para manter justamente esse processo de agir, sentir e pensar das populações marginalizadas. Eis que aí se encontra o folclore, um conjunto de práticas epistêmicas tradicionais dos grupos populares transmitidas entre gerações. Nesse ponto, a perspectiva passa de identidades regionais para identidades de classe, ainda que tais classes não necessariamente se reconheçam como tal.

#### **4.2. Linguagem Popular: Uma Questão de Classes**

Historicamente, com o processo de transição do sistema mercantil para o capitalismo e a unificação dos Estados em nações constituídas, passou-se a exigir uma uniformidade de culturas e tradições dentro desses Estados, o que culmina no processo de unificar a fala. “A luta contra os ‘dialetos’ regionais revela uma integração forçada no interior do Estado-nação, e exige a imposição de uma língua legítima sobre as falas locais. A constituição dos Estados nacionais requer também a mudança da política em relação às classes subalternas”. (Ortiz, 1992, p. 15). Nesse sentido, conforme aponta Ortiz, a padronização é feita tendo como norte o dialeto das classes dominantes, uma vez que diferentes dialetos diferentes permitem a diversidade de identidades, o que pode servir de base para ações insurgentes contra o poder constituído. É claro que não se pode resumir este processo somente ao ato de corrigir dialetos; este é um dos muitos elementos de um complexo processo de legitimação do poder aqui sintetizado.

O que há em comum são comunidades periféricas aos grupos de poder, e estas vão sendo reduzidas em sua identidade através do tratamento que se dá aos símbolos e expressões de sua cognição. As relações identitárias de classe são demonstradas por meio de seus signos, dos elementos simbólicos que alicerçam o indivíduo ao seu espaço de pertencimento social. “Assim, quem consome cachaça ou cerveja barata, come bife gorduroso no almoço, veste camiseta regata e bermuda e fala com erros de português, sem demonstrar o menor senso estético, é percebido como sendo ‘menos gente’ por todos das classes privilegiadas” (Souza, 2018, p. 45).

O imaginário de redução moral dos elementos que compõem as identidades as faz serem vistas como menores, de forma geral, e cria toda uma estrutura psicológica que faz com que os grupos socialmente inferiorizados, as classes proletárias, tenham como modelo estético aquilo que é proposto pelas elites (Tiburi, 2021). O que se encontra em jogo não é o “falar

corretamente”, uma vez que esse padrão de certo e errado na língua foi definido pelas elites. Nem mesmo de sentido, uma vez que a interpretação semântica de “quem tem boca vai a Roma” é completamente diferente de “quem tem boca vai a Roma”. Bagno (2003) explica que as classes dominantes sequer fazem real uso das normas gramaticais que impuseram com tanto empenho, uma vez que não precisam se reafirmar com tanta frequência. Para o autor, a luta pela correção desenfreada é parte do preconceito linguístico, um processo onde o indivíduo de classe ascendente busca por validação, desqualificando o outro “abaixo” dele.

Ao mesmo tempo que se define o correto, inventa-se o errôneo sobre a forma do outro e para este é preciso vender a noção de civilização como uma identidade a ser desejada, mas não alcançada, e sempre em um viés eurocêntrico (Souza, 2018, p. 72). O raciocínio de Tiburi (2021, p. 24) complementa essa perspectiva, afirmando que “a ‘internalização dos valores do opressor’ não seria possível sem a utilização da tática do psicopoder que é apequenar os outros, presente na história das explorações”. Essa desqualificação que apequena o outro é parte da doutrina dominante e dita os critérios estéticos de avaliação da realidade, o que se concatena com a perspectiva de Orlandi (conforme veremos no capítulo de metodologia) sobre os mecanismos de interpretação do mundo que os cerca.

O papel da mídia sobre este processo não pode ser ignorado. Bagno (2003, p. 13-21) expõem como as instituições tradicionais, através de um *ethos* de neutralidade, normatizaram ao longo de décadas a norma padrão em favor dos grupos mais conservadores, tendo a mídia um local de destaque. O autor expõe que isso é tão forte que mesmo políticos das camadas populares precisam adotar uma variação de seus falares que combine os elementos de identificação com a norma culta para que sejam vistos com seriedade suficiente para serem eleitos. Para Bourdieu (2008, p. 27), uma escolha de palavras não é ingênua ou neutra. Sua natural duplicidade de sentidos leva a elas e se posicionarem em uma possibilidade polissêmica em algum nível, principalmente ao se lidar entre conflitos de grupos políticos diferentes.

A comunicação entre as classes (ou, nas sociedades coloniais ou semicoloniais, entre etnias) representa sempre uma situação crítica para a língua utilizada, seja ela qual for. De fato, ela tende a provocar uma volta ao sentido mais abertamente carregado de conotações sociais: “Quando se pronuncia a palavra ‘camponês’ diante de alguém que acaba de vir do campo, nunca se sabe como ele vai interpretá-la”. Por conseguinte, não existem mais palavras inocentes. Esse efeito objetivo de desvelamento rompe a unidade aparente da linguagem comum. Cada palavra, cada locução ameaça assumir dois sentidos antagônicos conforme a maneira que o emissor e o receptor tiverem de interpretá-la (Bourdieu, 2008, p. 27).

Não há, portanto, neutralidade na fala, seja pela escolha de palavras, seja pelo padrão a ser implicado (sotaque/dialeto). Entretanto, a neutralidade, ou neutralização, da fala dá-se pela eleição, por meio de um grupo de elite, de um dialeto como sendo neutro. Na língua portuguesa brasileira, este é chamado “dialeto neutro” (que não pode ser confundido com a “língua neutra de gêneros”). O dialeto neutro é descrito como uma variação de constituição naturalmente artificial, impulsionada principalmente pelos meios de grande mídia (com destaque para a Rede Globo, ao ponto de ficar conhecido como “sotaque do Jornal Nacional), com características majoritariamente do Sul e Sudeste, mas sem grande ênfase de localidade ou regionalismo (Mendes, 2006). Mendes considera que a padronização deste dialeto neutro, principalmente no âmbito midiático, tem como função uma naturalização e legitimação de um grupo dominante, detentor deste falar, como superior a todos os outros. Novamente, a língua sempre sutil e soberana.

O apagamento de maneirismos, sotaques, regionalismos, expressões e outras variações da língua por parte da mídia obriga indivíduos a se adequarem ao padrão dominante, na busca por ascensão social ou meramente para escapar ao ostracismo, com consequências financeiras para estes (Bagno, 2003). Dessa forma, na exclusão de falares populares, relega-se ao plano de fundo intelectual aquele grupo falante, excluindo seus conhecimentos dos centros de poder e do paradigma intelectual corrente. Tratando-se disso em máximas, a exclusão social da fala popular tem sua participação em um processo colonial de epistemicídio paulatino. Bourdieu vê uma possível motivação para a necessidade de se unificar os falares de uma língua, através de sua hipótese de que a língua se equipara a um sistema mercadológico.

Assim, os efeitos de dominação correlatos à unificação do mercado só se exercem por intermédio de todo um conjunto de instituições e de mecanismos específicos cujo aspecto mais superficial se manifesta justamente através de uma política propriamente lingüística e mesmo das intervenções expressas dos grupos de pressão. E o fato de que tais efeitos pressuponham a unificação política ou econômica que eles contribuem por sua vez para reforçar não significa de modo algum que se devam imputar os avanços da língua oficial à eficácia direta de coerções jurídicas ou quase jurídicas. Tais coerções podem, no máximo, impor a aquisição, mas não a utilização generalizada e a reprodução autônoma da língua legítima. Toda dominação simbólica supõe, por parte daqueles que sofrem seu impacto, uma forma de cumplicidade que não é submissão passiva a uma coerção externa nem livre adesão a valores. O reconhecimento da legitimidade da língua oficial não tem nada a-ver com uma crença expressamente professada, deliberada e revogável, nem com um ato intencional de aceitação de uma “norma”. (Bourdieu, 2008, p. 32)

Para tanto, conforme a perspectiva de Bourdieu, ocorrem sanções aos não falantes da norma identificada como “cultura”, que podem abranger discriminações de cunho social (tais como troça / “Ele é caipira, não sabe falar direito”) ou econômicas (“Não vou contratar essa

peessoa que nem sabe falar corretamente”). Nascimento (2019) ainda ressalta haver um perpétuo projeto de discriminação dos múltiplos falares, fazendo com que aqueles de grupos que não tem acesso à norma considerada erudita sejam mantidos no limiar dos marginalizados; ou adotam a norma “cultura”, erradicando suas origens, ou serão vistos como indivíduos de menor grau intelectual. E isso quando estes encontram condições de aprender tal norma culta, o que não é necessariamente a regra e relega tais indivíduos somente à segunda opção.

Entretanto, justamente por tratar-se de uma cognição, velhos hábitos são difíceis de morrer; justamente por carregar a cognição de um indivíduo, a sua fala é um símbolo persistente das origens de alguém, da forma com que este vê o mundo e de tudo o que lhe foi ensinado até ali. De forma mais interna e profunda, o falar do povo é um elemento de sobrevivência de sua cultura. Beltrão (1980) afirma que a comunicação popular é a “voz dos marginalizados”, como um símbolo de resistência contra a imposição cultural, mantendo ainda os arcabouços de sua comunidade em um subnível acessível somente a quem congrega desta coletividade, sejam indivíduos nativos ou aqueles ali posteriormente ambientados. Mesmo quando isso os relega ao rebaixamento de status, muitos mantêm seus elementos. Ambos os autores expõem isso como algo não completamente consciente e planejado, mas de um agarramento interno e discreto às raízes desta alma popular.

### **4.3. Por Que Mudar os Ditos Populares?**

O estudo dos ditados, expressões e provérbios populares é chamado “paremiologia”, um campo que se localiza majoritariamente entre linguística, psicologia e semiótica, mas muito abordado na área de estudos folclóricos (Mieder, 2014). Mieder define esses provérbios e expressões como sendo “uma frase popular curta e geralmente conhecida que contém sabedoria, verdade, moral e pontos de vista tradicionais de uma forma metafórica, fixa e memorizável e que é transmitida de geração em geração” (2014, p. 25, tradução nossa). Essa visão se encaixa com a ideia de folclore, a cultura popular tradicional transmitida intergeracionalmente e de forma espontânea, como um transmissor da “sabedoria e da alma do povo”.

Ao entendê-los como elementos culturais presentes na tradição popular do cotidiano, retoma-se o contexto da “voz dos marginalizados” de Beltrão. O autor explica que, ao contrário da comunicação das narrativas dominantes, cujos preceitos almejam uma sobriedade estéril em um discurso homogêneo, na comunicação popular e comunitária a relação com o idioma, seus signos gráficos e verbais se imbricam em uma relação tênue que também engloba gestos

corporais e códigos de outras artes (artes plásticas, dança, pintura...) em um conjunto de linguagem que se faz único àquele grupo e seu contexto, mas convivendo numa camada interna ante a comunicação dominante (Beltrão, 1980, p. 40).

Mieder (2014, p. 28-32) explica que ditados e expressões populares surgem nos mais diversos contextos, normalmente como formas referências a narrativas específicas, situações do cotidiano ou por contexto humorístico, e o que faz sua popularidade é o fato de se integrarem bem à comunicação do cotidiano ao expressarem aquilo que é sentido por esta população. Isso não significa que fiquem parados no tempo; a língua está sempre em mudança e esses trechos continuam mudando e variando, histórica e geograficamente, e mesmo seus significados podem mudar. Entretanto, o que os mantém atuais e vivos é sua aceitação pelos grupos por continuarem expressando como pensam e se sentem. Podemos afirmar que se fazem a voz do povo justamente pois são descartados no momento em que não se fazem mais representados.

Entretanto, o destrato à “voz do povo” se introduz dentro do pensamento acadêmico, uma vez que este teve sua construção junto às elites. Ortiz explica como movimentos intelectuais do pós-iluminismo, principalmente aqueles influenciados pelo romancismo, buscaram então modos de exprimir a “verdadeira essência” da alma do povo, através da confecção de livros de poesia, romances de cavalaria e da catalogação de narrativas orais e canções, mas alterando sempre que necessário trechos do conteúdo, de forma a torná-lo mais palatável à burguesia ascendente e sua época. Dessa forma, a paremiologia nasce visando uma reescrita da realidade; trechos considerados vulgares ou “baixos” deveriam ser substituídos ou, na presença de duas ou mais versões, preteridos. Tratava-se de representar um ideal de povo, não das verdadeiras classes populares (Ortiz, 1992, p. 24 a 27).

Tal perspectiva é traduzida pelo autor na fala do filósofo romancista germânico Johann von Herder (1744 - 1803): "A canção do povo não tem que vir da ralé e ser cantada para ela; povo não significa a ralé nas ruas, que nunca canta ou cria canções mas grita e mutila as verdadeiras canções populares" (Herder *apud* Clark, 1950, p. 259). Outro exemplo é a narrativa de Duarte Nunes de Leão, um linguista português (e membro da elite da época), em 1606, que propunha modificar a expressão popular “cuspido e escarrado” para “esculpido e encarnado”, por acreditar ser essa versão mais bela e mais digna do que a versão que chama de “plebeia ou idiota” (Leão *apud* Carvalho, 2018, p. 160-161). Por motivos como este, Bagno (2003, p. 155-156) afirma que a língua é o único exemplo onde um cientista é autorizado, ao se deparar com algo que não segue sua teoria, de dizer que a amostragem é que está errada.

Ou seja, existe um fenômeno colonizador de buscar dizer às massas quem é o povo e como este deveria agir, usando como base uma visão romântica e artificial deste povo para afirmar que estes teriam uma essência sofisticada, corrompida pela ignorância que se arraigou dentro desta mesma massa. Forja-se assim um imaginário histórico, quase um mito de origem, de um povo primordialmente culto, guiado harmonicamente por suas benevolentes elites, mas que se corrompeu por conta do próprio desleixo em preservar seus aspectos mais nobres. Por consequência, é um povo preguiçoso e desprovido de inteligência, ignorante em todos os sentidos dessa palavra, e assim culpado de toda má sorte que a ele se abate. Isso reforça uma perspectiva de meritocracia, onde o pobre é culpado por sua miséria e que tudo o que ele tem que fazer para não ser miserável é rejeitar sua cultura e abraçar os desígnios das elites. Esse fenômeno de falsificação do imaginário histórico já perdura por séculos. A internet apenas encontra um meio de expandir seus alicerces.

Entre os poucos autores que demonstraram interesse sobre o fenômeno de mudança de ditados populares na mídia, Anna Konstantinova (2014, p. 387-391) explica que a mídia tradicional, enfocando principalmente o jornalismo nesse processo, necessita da conexão com os elementos da linguagem popular por serem aqueles que realmente se conectam aos moldes de entendimento de uma nação; a fala puramente formal acabaria por não criar um vínculo com a audiência. Entretanto, a autora enfatiza que mudanças passam a ocorrer no campo midiático, principalmente porque tais provérbios e expressões não transmitiriam os valores dos modelos de mídia. Dessa forma, surgem formações que ela diz serem “construídas com base em modelos estruturais-semânticos parêmicos” porém com marcações estilísticas formais, podem muitas vezes expressar ideias de modo semelhantes às transmitidas por provérbios reais ou alterar seus valores de sentido para adaptar-se ao contexto daquele ambiente.

É necessária uma reflexão sobre este processo. Em primeiro plano, sem fazer um juízo de valor sobre essas alterações, entende-se que a linguagem é instituição mutável, adaptável e generativa, assim ira se encaixar nos mais variados contextos e cenários, visando uma conexão com os grupos identitários em questão. Em uma camada mais internas, visualiza-se que, ainda que busque uma conexão com “o povo”, em um sentido de público, não há interesse da grande mídia em manter os aspectos e **valores** da comunicação popular. Sua transmissão de dados cognitivos preza pelos valores instituídos pelos dominantes, entretanto acessando buscando infiltrar mensagens em algum nível um tanto mais interno (ainda que não genuinamente profundo) nos arcabouços da folkcomunicação.

Uma vez que Konstantinova (2015) foca seu estudo na grande mídia estadunidense, há ainda que se enfatizar, tendo em vista o supracitado em Mendes (2006), que este fenômeno de apropriações de linguagem popular é ainda menos bem comum na mídia tradicional brasileira. Isso se deve, principalmente, ao que Souza (2018) se refere como “viralatismo de classe” como característica da estratificação social brasileira, onde o popular é visto como um modelo cognitivo a ser repudiado e indesejado, exceto em situações bastante específicas de caráter estético e “higienizado”, de forma a remover qualquer traço que realmente remeta às classes trabalhadoras como um modelo intelectual.

#### **4.4. A “Correção” como Fenômeno de Classe**

Não se pode entender a linguagem popular como corruptela da norma padrão, segundo Bagno (2003, p. 71-75), muito menos supor que a fala dos privilegiados seja mais próxima do estabelecido como norma culta ou padrão tradicional, uma vez que esta se molda muito mais por influências estéticas, somando elementos externos e se modificando com a mesma frequência de suas versões operárias. Da mesma forma, ele afirma que tão pouco as classes dominantes fazem real uso da norma padrão, sendo este um modo idealizado, irreal para se comunicar. Todavia, “os falantes urbanos mais escolarizados e de maior poder aquisitivo usam essas diferenças para demarcar as fronteiras entre quem fala ‘certo’, e quem fala ‘errado’” (Bagno, 2003, p. 73). Assim, a língua atua de forma permanente como um elemento de distinção social e possível ascensão.

Baseado em dados quantitativos colhidos em entrevistas na cidade de Nova York com 207 cidadãos de amplitudes sociais e idades variadas, buscando compreender os falares da região, Labov (2008, p. 151-172) desenvolve comparativos entre estes, explicitando determinadas características de determinados grupos. Entre estas, o autor enfatiza um fenômeno de tendência a estilos mais formais de pronúncia e emulação estética de padrões rígidos, evitando padrões socialmente estigmatizados (como pronúncias fricativas, na língua inglesa). Este padrão é identificado principalmente entre os falante de classe média baixa e passa a ser nomeado como “hipercorreção”. Labov então explica que essa tendência em buscar um estilo de formalidade e erudição existe por conta de uma hipersensibilidade ao que possa ser estigmatizado, buscando associar-se ao que possa suprir sua “insegurança social” por meio deste arcabouço estético, que se manifesta, também, mas não somente, no meio linguístico.

O jovem de classe média baixa (e, em menor medida, o jovem da classe operária) está em contato com a nova pronúncia de prestígio em duas frentes. Por um lado, ele está familiarizado com a fala daqueles que frequentam a faculdade, pertença ele ou não a este grupo. Por outro lado, seus pais (e seus professores) também usam este padrão de prestígio nas circunstâncias mais formais (LABOV, 2008, p. 171).

Embora a questão apresentada por Labov seja referente a um estudo nova-iorquino, nota-se sua correlação com outros estudos de relação entre classe social e diferenciação ou estratificação estética, inclusive no Brasil. É corrente o desejo entre aqueles em busca de ascensão social de se assemelhar ao padrão dominante pela vontade de ser parte deste grupo, mesmo que não se deem conta disso de maneira consciente. Para isso, é preciso se distanciar de símbolos classes proletárias.

Explorando este sentido de “classe média” em um contexto brasileiro, encontra-se a afirmação de Souza, de que nossa classe média, enquanto classe social, não se forma como classe simplesmente por uma questão de renda, mas que se constitui de um conjunto ideário que se transmite em uma cultura. Entre as gerações, “essa herança imaterial permite a reprodução do privilégio da classe média real de uma geração a outra, transmitindo, por meio da socialização familiar típica da classe, o bom aproveitamento escolar e, mais tarde, o ingresso privilegiado no mercado de trabalho” (Souza, 2018, p. 13).

Ainda conforme Souza, “o trabalhador precário não se considera pobre, mas de classe média. Os pobres são apenas os excluídos e marginalizados. A classe média real, por sua vez, se vê como ‘elite’, contribuindo para um autoengano fatal e de consequências terríveis para o destino da sociedade brasileira e da própria massa da classe média” (Souza, 2018, p 13-14). E “como o que define uma classe social e assegura sua continuidade no tempo é a reprodução de privilégios, negativos ou positivos, no caso da classe média o privilégio positivo que ela reproduz é o capital cultural do conhecimento valorizado” (Souza, 2018, p. 58). Vê-se então o apego deste grupo na criação de um distanciamento especial com tudo aquilo que seja “popular”. Se não é possível fazê-lo de uma forma física, por falta de recursos financeiros, esse distanciamento será reforçado simbolicamente, como complementa Bagno:

Os brasileiros urbanos letrados não só discriminam o modo de falar de seus compatriotas analfabetos, semianalfabetos, pobres e excluídos, como também discriminam o seu próprio modo de falar, as suas próprias variedades linguísticas. Podemos dizer portanto que o preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela; contra os que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite para ao redor de si mesma, contra seus próprios membros (Bagno, 2003, p. 75-76).

Souza (2018, p. 159-164) explica haver entre as massas da classe média um medo constante de se igualar à massa proletária, entretanto, por estar em uma camada intermediária, encontram-se em uma vastidão de perspectivas, entre a elite e o popular. Com isso, entende-se aqui o seu dilema, uma vez que a cognição da elite despreza a do popular. Assim, cabe a separação do “popular” principalmente por meios estéticos. Complementa-se a isso a afirmação de Foucault (2000, p. 306-307) de que a vocação natural da linguagem clássica é constituir um quadro onde essa pareça natural e legitime a si mesma sem contradições, demonstrando-se como a verdade discursiva superior a todas as outras.

Não se está afirmando aqui que todas as pessoas que compartilham ou produzem um *reels* dizendo que o certo seria que “quem tem boca vaia Roma” ao invés de “vai à Roma” sejam de membros das elites. Conforme supracitado por Recuero (2009), as informações que circulam nos atraem na internet nos encontramos por termos concomitâncias com seu capital social (normativo, institucionais, relacional, cognitivo e de confiança no ambiente relacional). A tendência que temos de compartilhar algo assim se dá por essas conexões ao tema, que se dão por prismas identitários. Repetindo a afirmação de Hall (2006), as identidades na pós-modernidade são complexas, havendo elementos identitários em comum que circulam entre os mais diferentes grupos. Assim, aquele que compartilha não é necessariamente da classe dominante ou mesmo de classe média, mas possui de alguma forma uma conexão com o padrão de percepção e cognição desenvolvido por essa classe, que desqualifica as cognições de grupos periféricos em prol das elites.

Nesse sentido, o que ocorre é uma readaptação do processo histórico de desmonte da cultura popular folclórica, descrito por Costa (2023, p. 5), onde se “ignora a potência simbólica das narrativas ancestrais e as associa com saberes pré-científicos que tenderão a ser abandonados diante do contato com a Ciência tradicional” e “a dominação passa a ser então desejada pelo oprimido, que a reconhece como força moral efetiva” (Souza, 2018, p. 89).

Como anteriormente visto, a segregação linguística dos falares de classes operárias passa a representar sua identidade, onde os grupos de cima representam sua superioridade através de uma pretensa erudição e a classe média, buscando sua ascensão social, tem a depuração linguística exacerbada como um de seus princípios culturais. A rejeição de ditados e expressões das formas com que foram historicamente construídas é uma das formas de materializar a rejeição da cognição destes grupos. Assim, o ímpeto de padronizar a língua por um viés estético das elites passa a ser parte do imaginário; um cenário onde o sonho do oprimido é também ser o opressor. Neste contexto é que a depuração de ditados e expressões populares

ganha função simbólica. Eis o motivo para que, dentro da cognição do próprio falante de fora das elites exista algo que oriente sua percepção a criar apofenias pseudoetimológicas onde ditados e expressões populares seriam apenas corruptelas de uma tradição erudita.

## 5. METODOLOGIA

O procedimento metodológico utilizado neste estudo é o de análise da discurso, tendo como base o método destrinchado por Eni Orlandi (2000), de abordagem qualitativa, com base na escola francesa, influenciada principalmente pela obra de Michel Pêcheux e Foucault. Essa linha afirma que não há nenhuma forma de comunicação desprovida de intuito político, mesmo que de forma não intencional. Palavras e símbolos chegam às pessoas já dotadas de sentidos não necessariamente expressos, mas carregados de significados intrínsecos. Da mesma forma, esses sentidos se transmitem sem uma análise consciente do emissor ou do interlocutor, construindo discursos que se completam em sentido no ambiente social, junto a outros emissores e fatos presentes na realidade material do falante. Assim, para a análise deste discurso, a informação objetiva não é o mais importante, tão pouco a linearidade na ordem em que se posicionam ou apresentam-se os dados.

Nessa corrente, tanto o discurso como seu(s) texto(s) nunca são vistos como peças autônomas ou, muito menos, neutras. Tal metodologia se trata de “compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (Orlandi, 2000, p. 15), concebendo a linguagem como uma intermediação entre o ser humano e sua realidade material ou abstrata, nos âmbitos do imaginário social. Essa ferramenta multidisciplinar tem usos em campos como comunicação, sociologia, ciências políticas, da antropologia, da história e da linguística.

Em outras palavras, essa metodologia tem o intuito de compreender a forma com que um objeto textual produz seus sentidos em seu ambiente e linguagem, o que é chamado de discurso. E por objeto textual, entende-se mais do que o enunciado verbal, mas todos os enunciados (cores, imagens, ritmo, forma, tom, etc.). Todavia, a análise do discurso não compreende a linguagem enquanto ferramenta abstrata, mas simbólica, e, ao contrário de análises puramente linguísticas, esta não busca uma relação direta de termo-a-termo, tendo foco em interpretar e identificar os contextos e emanções ideológicas presentes em camadas mais internas do texto. Todo componente dentro da produção precisa ser descrito e analisado.

Introdutoriamente, é preciso estabelecer os conceitos relevantes dessa teoria. Sua visão é de que um discurso é uma construção, dentro de um determinado espaço (geográfico e social) e tempo histórico, onde um sentido é produzido por um texto em diversas camadas (enunciativa, imagética, estética, tonal...). O sentido, entretanto, se produz não só por meio de seu produtor, mas pelo ambiente social onde é recebido, incluindo os indivíduos receptores, que também passam a atuar, até mesmo involuntariamente, como perpetuadores

de um discurso.

Começa-se pelo entendimento de um discurso é construído de maneira multidimensional, não linear, segundo a perspectiva de Orlandi (2000). Um indivíduo jamais ouve nada sem possuir saberes prévios, conjecturas, opiniões, conceitos e pré-conceitos que embasarão a forma que este ouvirá aquele texto; há uma narrativa já introduzida sobre aquela comunicação e sobre os seus componentes. Nada é simplesmente um fato objetivo e novo, pois tudo consulta uma base imaginária, construída tanto pelo sujeito como pelas gerações anteriores que o transmitiram esta, contando com todos os encontros, embates, mudanças e prospecções políticas e sociais sobre o tema e igualmente sobre sua abordagem. Mesmo em temas onde não se tem qualquer conhecimento fático, há um imaginário referente sobre situações similares, sobre as formas como o tema foi introduzido, signos envolvidos que se comparam e reações coerentes do indivíduo com sua história de mundo. Símbolos compõem uma bagagem interna, de forma individual e coletiva. Sua propagação e construção de um sentido se fazem tanto pelo emissor, na organização consciente ou inconsciente do enunciando e dos textos, como da relação do receptor com estes elementos.

Alguns conceitos são importantes antes de prosseguir. O **interdiscurso** é “todo o conjunto de formulações já feitas e esquecidas que determinam o que dizemos”, afetadas por uma relação de apagamento sobre as origens específicas de cada informação, bem como da ordem cronológica com que foram recebidas ou debatidas (Orlandi, 2000, p. 30-34); basicamente, um conjunto de saberes que se têm sobre algo, incluindo tanto fatos como perspectivas, de forma a compor um imaginário histórico e social sobre o elemento em questão. Recorre-se ao interdiscurso nessa relação de apagamento, pois não temos sequer ciência de sua existência. Dessa forma, aquilo que se percebe como um fato é, na verdade, uma interpretação envolta em uma narrativa e um contexto histórico e seu processo interpretativo já começa antes do contato com o fato material, os supracitados processos de memória e interdiscurso.

Simultaneamente, mas em um eixo horizontal, visto que o interdiscurso é vertical (imposto por elementos externos), temos o **intradiscurso**, a formação textual que só existe em nossas mentes como um elemento imaginário; uma construção interna dada pela análise de um determinado enunciado, que por sua vez só é possível por causa do interdiscurso (Orlandi, 2000, p. 33-34). Dessa forma, o interdiscurso refere-se à bagagem história e social, contextual, que relaciona um texto ao mundo, enquanto o intradiscurso é a relação interpretativa feita pelo indivíduo para compreensão de um enunciado específico, baseado na

conexão de determinados elementos deste enunciados que se conectam a elementos do interdiscurso de um indivíduo.

A relação entre estes elementos faz-se interessante pelo motivo de que o intradiscurso eventualmente torna-se parte do próximo interdiscurso, adicionando-se no que Orlandi (2000, p. 31) descreve como uma “voz anônima na memória histórica”. Aquilo que se percebe como um fato é, na verdade, uma interpretação envolta em uma narrativa e um contexto histórico e seu processo interpretativo já começa antes do contato com o fato material, os supracitados processos de memória e interdiscurso.

Para exemplo, não é preciso lembrar de todas as etimologias que se recebeu ao longo da vida ou ser capaz de citar suas fontes, nem mesmo os veículos pelos quais estas foram recebidas ao longo da vida para que seu interdiscurso diga que o conhecimento sobre a origem de uma palavra simboliza crédito sobre o tema. O formato de apresentação esteticamente erudito, dado por uma hierarquia social inerente à população em questão, faz com que se identifique este emissor de uma pseudoetimologia como alguém que domina um saber. Isso porque, em uma camada enunciativa, por exemplo, este utilizava-se de um vocabulário de expressões consideradas ricas e cultas, com uma boa dicção e apresentação pedagógica de elementos informativos. Ao mesmo tempo, em um caráter ideológico, a conexão de interdiscurso e de memória histórica leva a crer que tal narrativa seja verdadeira, tanto por conter elementos que desenvolvem um liame junto à memória histórica, como por se ligar com o imaginário que o indivíduo possui sobre aquele grupo ou contexto específico. Assim, estes acreditam que aquele comportamento ou conjectura faça todo o sentido lógico com a aquilo que se esperava desde o início. Assim um discurso se constitui com um emissor, denotando uma posição de conhecimento, que conecta pontos à deriva no imaginário social e histórico daqueles que observam a enunciação, criando uma narrativa a qual estes já estariam pré-dispostos a crer. Ainda assim, cada ouvinte tem sua própria interpretação e deposita um diferente crédito de confiabilidade sobre esta, concatenando por sua vez as partes que compreendem em sua própria ideologia.

Todavia, o discurso só se faz completo em seu lugar de interpretação. Conforme Orlandi 2000, p. 59), não há um “verdadeiro ou falso” dentro de um sentido, mas uma materialidade que se posiciona em um campo. A autora complementa ainda que “todo texto é heterogêneo”, tanto pela natureza dos materiais e condições que o compõem (escrito, oral, com ou sem gravuras...), como pelas posições de seu sujeito e composição de figuras de linguagem (p.70). Entretanto, é preciso dizer que se fala em não haver dicotomia entre

“verdadeiro e falso”, mas no campo da materialidade histórico-discursiva daquela construção de ideias, não em sentido fático. Trocando em miúdos, é possível se obter diversas perspectivas diferentes de um mesmo texto, uma vez que a parte final da construção discursiva vem do observador, não do emissor. Isso não significa, entretanto, dizer que todos os resultados analíticos são válidos em todas as direções. Por exemplo, não se pode eximir de responsabilidade enunciados racistas ou misóginos, uma vez que “quem realmente faz o texto é a interpretação”, pois existe um interdiscurso histórico no qual emissor está inserido.

O discurso ainda envolve uma construção de sentido provocada por uma comunicação; uma mensagem endereçada a um ou mais alvos em um determinado código. Entretanto, realça ela a prevalência do meio de transmissão (oralidade, vídeo, carta, pintura...) e do contexto histórico que cerca essa comunicação para que esta comunicação passe a ser um discurso, produzir sentido (Orlandi, 2000, p. 20-21). Nesse ponto o receptor tem a função hermenêutica, atribuindo as bases finais por meio da interpretação dos elementos atribuídos nas múltiplas camadas enunciativas da mensagem. Ao contextualizar e dar sentido às camadas, cria-se o entendimento e um sentido.

Novamente no exemplo das pseudoetimologias, vamos supor que uma pessoa tenha acesso a um vídeo de TikTok com o enunciado da falsa narrativa sobre criado-mudo ser um termo de origem racista. O indivíduo acessa seus conhecimentos sobre história da escravidão no Brasil, sobre a desigualdade racial e social presente na atualidade, sobre situações vividas em seu cotidiano, de piadas de cunho racial que já ouviu, e também de vídeos, filmes, livros artigos e afins que tenha obtido ao longo da vida e que nem mesmo se conectam necessariamente ao tema, mas orientam a base de como essa pessoa entende que “o mundo funciona”; este é o interdiscurso. Enquanto isso, compõem o intradiscurso fatores como a linguagem usada pelo influenciador, que se conecta à identidade daquele ouvinte, os fatores de credibilidade (domínio de termos mais ou menos aceitáveis por aquela sociedade, denotação de uma persona que representa autoridade no tema, reputação do interlocutor, fatores estéticos do vídeo...) e diversas conexões entre elementos textuais com seus interdiscursos específicos em uma relação polissêmica do enunciado (a escolha de cada termo e como ele influencia aquela interpretação). Por fim, o indivíduo atribui valores aos dados recebidos, mais do que apenas como “verdadeiro e falso”, mas como “relevante ou irrelevante” para si.

É importante ressaltar que a noção de Orlandi de que o intradiscurso se constrói horizontalmente se baseia em uma descrição muito mais cognitiva acerca do processo

hermenêutico, já que vemos que os fatores de confiabilidade exercem uma preponderância hierárquica dentro das interpretações discursivas. Isso ocorre porque estes fatores já estão parte da percepção de mundo dos indivíduos, segundo Foucault (2019). O autor entende que nossa interpretação do discurso no mundo contemporânea segue um rito aprendido, onde os elementos de crivo (o que é certo, lógico, moral, insano...) estão internalizados em nossa cognição, e o ainda atribui que os axiomas deste crivo teriam sido cultivados historicamente pelas elites, que a forma com que a sociedade interprete e reproduza discursos beneficie naturalmente o grupo dominante. Entretanto, têm-se aqui esta noção em consideração, mas sem um julgamento, uma vez que a função deste estudo está em compreender o processo hermenêutico envolvido nas pseudoetimologias da internet, não em mudar a cognição hermenêutica de toda a sociedade ocidental.

Sobre o elemento do intertexto, este se faz de todas as camadas internas de uma mesma mensagem (Orlandi, 2000 p. 31-33). A exemplo, em um vídeo, encontram-se textos verbais (falas, legendas, música, efeitos sonoros...) e imagéticos (elementos que compõem o cenário, imagens passadas, vestimentas dos participantes, cores envolvidas...), que se combinam transmitindo diferentes informações. Uma legenda de cor amarela onde uma única palavra é destacada em vermelho altera a percepção que se tem deste texto, por exemplo.

Por fim, ressalta-se entre estes conceitos prévios o de ideologia dentro desta corrente, que se destoa do entendimento comum que se tem sobre esta palavra. Normalmente “ideologia” se relaciona ao conjunto orientações de um sujeito, quase uma espécie de “filosofia política ou de vida”, mas para a análise do discurso, ideologia é o mecanismo de apagamento das constituições e do imaginário do sujeito dentro da percepção do discurso (Orlandi, 2000, p. 45-46). Ou seja, a naturalização do interdiscurso, dos conhecimentos do sujeito, como uma verdade absoluta sobre o mundo, de forma que este não é capaz de super-se como um elemento que influencia aquela interpretação.

### **5.1. Perspectivas de análise**

Tendo em vista os conceitos discursivos da linha metodológica, há algumas noções que precisam ser organizadas para se possa coordenar o percurso metodológico. Foucault (2019, p. 9-11) estabelece que, dentro da sociedade contemporânea, há dispositivos socioculturais de regulação dos discursos, de forma a adicionar ou remover credibilidade de certos aspectos. O autor define três principais dispositivos: Interdição, a conjuntura onde

determinado tópico se torna um tabu e qualquer menção em avançar nessa direção sofre louta resistência, sendo socialmente melhor abandoná-lo; rejeição, a conjuntura onde certos tópicos encontram um axioma já definido entre suas posições, associando-se posturas de se defender um lado (normalmente o não hegemônico e não dominante) à loucura, irracionalidade ou à tentativas de se lograr terceiros; e a vontade pela verdade, o desejo de se estabelecer verdades únicas dentro de paradigmas epistêmicos que excluem quaisquer, entendendo-os ter fins de falsidade ou ignorância. É preciso enfatizar que Foucault entende que tais dispositivos são cultivados pelas classes dominantes, se apropriando de certas condições culturais e incentivando seu desenvolvimento ao longo da história desta sociedade. Todavia, isso não significa que estes dispositivos sejam utilizados somente pelas classes dominantes, sendo parte do contexto geral de argumentação de todas as camadas sociais, introduzidos pelas dominantes; isso que os faz tão poderosos.

Comparativamente, os meios de exclusão do discurso ocorrem como algo que negativa elementos discursivos, elementos de confiabilidade negativa, em paralelo com às supracitadas características de confiabilidade explicadas por Recuero (2009, p. 50-51), que acrescentam valores positivos às características discursivas (ao menos nas redes sociais). Hierarquicamente, parece haver uma precedência dos meios de exclusão sobre os meios de confiabilidade; cognitivamente, não tocar em um tabu social precede a organização das ideias em uma construção argumentativa.

Portanto, entre os fatores analisados na construção do discurso, precisa-se verificar a forma com que estes elementos de confiabilidade, positiva ou negativa, se organizam dentro do intradiscurso. Destaca-se especialmente a relação de forças dentre os princípios de autoridade. Orlandi (2000, p. 39-40) explica que “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares que se fazer valer na ‘comunicação’. A fala do professor vale (significa) mais que a do aluno”. Diz ainda que essa autoridade é referente ao espaço e tema que se enquadram, pois um padre seria uma autoridade sobre os fiéis assim como o professor para os alunos. “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (p. 39).

A linguagem utilizada também é importante, o que se reflete não somente fatores regionais, mas de classe social, conforme mencionado anteriormente. Uso de gírias e expressões, sotaques (incluindo do “dialeto neutro”), maneirismos, gesticulações corporais, além de cores e composições visuais estéticas (no caso dos vídeos) também compõem a linguagem, fazendo assim parte da construção discursiva e precisando ser descritos previamente

na análise e, posteriormente, identificados em seus contextos ainda na transição do objeto discursivo (descrito mais à frente no percurso metodológico). E haja visto que a composição estética de um vídeo, ainda que não planejada diretamente, também não é acidental, leva-se esta em consideração, o que inclui não apenas o cenário como os padrões desenvolvidos pelos recursos de edição de imagem.

## **5.2. Percurso Metodológico**

A análise do discurso compreende a construção de um sentido, ainda que organizada por regras gerais, ocorre justamente nas especificidades daquela narrativa. Pode-se comparar isso ao que Beltrão (1980, p. 27) comenta das “chaves de decodificação” da linguagem. Dessa forma, Orlandi (2000, p. 26-27) entende que “uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, aliás, formulando uma questão diferente, também poderia mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos recortes conceituais”.

A autora estabelece que a organização do percurso metodológico segue um padrão de fases, mas não uma fórmula inflexível, precisando ser adaptada ao ambiente e à pergunta orientadora de pesquisa em questão para formular o “dispositivo analítico”. Mesmo a organização de relevância dos conceitos fundamentais parte da escolha e adaptação do pesquisador. O problema de pesquisa torna-se parte do próprio método escolhido para solucioná-lo, sendo o objeto um recorte dentro de um fenômeno maior, utilizando uma abordagem de certa personalização, mas que segue por um mesmo viés metodológico.

Conforme explicado no Capítulo 3, entende-se que as plataformas de vídeos curtos, ainda que concorrentes, utilizam-se de uma mesma estratégia e uma linguagem quase idêntica. O objeto central de estudos desta pesquisa são as próprias desordens informacionais produzidas e veiculadas sobre falsas etimologias da língua portuguesa brasileira, e não somente os canais e mídias que as veiculam, sendo estes considerados apenas como um caminho para compreender o discurso vigente dentro do processo de falsificação da língua do povo, um meio dentro de um fim. Lima e seus associados (2017) esquematizam o procedimento da análise do discurso, com base no fundamentado por Orlandi (2000), bem como por perspectivas originais da escola francesa, seguindo-se assim em três fases metodológicas: a passagem da superfície linguística para o objeto discursivo, a passagem do objeto discursivo para o processo discursivo e a constituição dos processos discursivos. Estas

se concatenam com as três dimensões teóricas propostas por Orlandi (2000), sintaxe enunciativa, ideológica e discursiva.

A fase pré-analítica constitui um momento de reflexão sobre o objeto, no qual a seleção dos vídeos passa por uma apuração. Por meio da mesma, atingiu-se as categorias preliminares de narrativas políticas de pseudoetimologia na internet, apresentadas no capítulo 2 desta dissertação por questões de ordem didática e epistemológica. Dentre a seleção do *corpus*, é preciso pesquisar o contexto social e político dos referidos vídeos, ao mesmo tempo em que é preciso catalogar e referenciar cada uma das narrativa corretivas e identificar se realmente se tratam de pseudo-correções. Uma vez feito isso, compila-se uma lista de todas essas narrativas junto com suas corretas etimologias, para fins de comparação e justificativa perante análise dos pares. Assim, também serão utilizados dispositivos da área, como consulta a dicionários, documentos históricos, portais e tratados etimológicos e comparativos entre diferentes versões de uma mesma palavra ou expressão em diferentes idiomas, conforme práxis da etimologia.

Na dimensão teórica da sintaxe enunciativa, identifica-se o que é diretamente dito no conteúdo em questão, o que difere de uma análise hermenêutica, no sentido de que a única necessidade para se compreender a enunciação é a de se compreender o devido espaço contextual presente, tanto nas palavras utilizadas como em nos outros elementos usados para comunicar sentidos, tais como cores, ilustrações, formas (tipologia, design...), entonação de voz, figuras de expressão e linguagem (ironia, sarcasmos, metonímias, metáforas, sentidos implícitos), etc. Estes elementos personalizam e espacializam o texto, bem como o seu sujeito, personalizando-o e dando-lhe também um local no tempo. Nesse modelo “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio histórico, ideológico (Orlandi, 2000, p. 30). Faz parte destas a decupagem do material em descrição detalhada.

Na dimensão da teoria ideológica, entende-se que toda forma de comunicação entre seres humanos é uma relação política e, como tal, manifesta interesses com outros indivíduos sobre a posição do interlocutor e da própria peça discursiva impetrada. Assim, entende-se que as escolhas de palavras e os recursos estilísticos empregados não são apenas recursos estéticos, mas que induzem, de forma consciente ou não, significados paralelos. Nos processos de reescrita, citação, reprodução e apagamento, desenvolvem-se interesses pelos quais o objeto passa a integrar o mundo social, indicando o ângulo de interpretação desejado por seu interlocutor. Isso inclui as formas de esquecimento, sejam por meio da negação tácita ou do

apagamento por meio da ausência, uma vez que a ausência pode ou não indicar uma oposição, mas certamente indica a não manifestação em favor de algo. Da mesma forma, a reprodução da mesma ideia pode ou não produzir uma anuência ou induzir um novo discurso, até mesmo oposto ao original, dada a forma de se contar a narrativa. Todavia, esse processo se naturaliza por meio das relações de esquecimento e naturalização da interpretação (Orlandi, 2000, p. 46), onde o sujeito neutraliza seu papel enquanto interpretante e passa a conceber sua interpretação como a natural materialidade do mundo fático, racionalmente inconsciente de que tal definição só existe por estar o sujeito ali para dar-lhe um sentido.

Podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é dissimular a sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendendo-se ‘subjetivas’ não como “que afetam o sujeito”, mas, mais fortemente, como ‘nas quais se constitui o sujeito’ (Orlandi, 2000, p. 46).

Na dimensão da teoria do discurso, entende-se que o discurso é conectado tanto à articulação do presente quanto à memória social dos elementos presentes. No exemplo citado pela autora, é possível associar memórias políticas e históricas às cores presentes em um cartaz, como o verde-oliva ou preto, associados à ditadura militar ou ao fascismo, ou o vermelho, associado ao comunismo ou outros grupos de esquerda (Orlandi, 2000, p. 25). Da mesma forma, o discurso de conecta às ausências de elementos, através das perspectivas de esquecimento e negação supracitadas. Estes elementos apontam para uma formação imaginária a respeito do objeto e tem pesos diferentes com base em seu espaço e em seu emissor. Ainda que de mesmo conteúdo textual, as falas de um professor em uma palestra universitária possuem um peso e recepção diferente daquelas de um aluno estudante no mesmo ambiente, sendo o tom utilizado entendido de formas muito diferentes pelos presentes, ainda que igual. A formação discursiva é compreendida então conforme tais elementos são alinhados e destrinchados em seus devidos níveis e ambientações.

Para isso, Lima *et al* (2017) descreve que tais dados precisam seguir um rito, iniciando pela seleção e coleta dos objetos, que se dá pelo registro e transcrição do material encontrado, embora seja preciso se ter conta que até mesmo a forma com que se registra o objeto também é parte de uma ação política, com influências ideológicas, não sendo a coleta um ambiente completamente neutro. A partir daí, ocorre a transcrição do *corpus*, que preza pela literalidade na apresentação dos elementos componentes do texto-objeto, incluindo “microssistemas

lexicais que organizam a expressão da subjetividade linguística” (Lima *et al*, 2017, p. 3). Para tanto, é necessário certo grau de familiarização com o objeto e atenção aos procedimentos de transcrição padronizados no método, como pontuação e demais marcações. O comparativo polissêmico (Orlandi, 2000, p. 81 a 82) atua ali como um meio de se obter confiabilidade, incluindo a ação de comparar expressões por variações e identificar o que poderia ter sido diferente, dado imprescindível para compreensões das próximas etapas, uma vez que tais escolhas não são acidentais.

A segunda fase consiste da passagem do objeto discursivo para o processo discursivo, onde os partículas do texto elencadas anteriormente passam a ser estudadas por meio das figuras de linguagem apresentadas, sendo as principais a “metáfora, polissemia, paráfrase, interdiscurso e a negação” (Lima *et al*, 2017, p. 3), bem como outros elementos gráficos, como design e imagética. Durante essa parte da análise, conforme identificam-se as figuras, é preciso entender seu papel dentro da construção do processo narrativo do texto e de que forma estas se aliam com os elementos espaciais e temporais que se identificam no enunciado. Dentre estes elementos, há um destaque ao interdiscurso, que se caracteriza como “aquilo que se fala antes, em outro lugar, independentemente” (Orlandi, 2000, p. 31), ou seja, a memória criada sobre a peça discursiva (saber discursivo) que se faz presente neste novo enunciado quando em sua recepção e interpretação, afetando o modo com que o sujeito receptor significa a esta situação discursiva.

Por fim, na terceira fase, identificam-se as formações discursivas que ocorrem em decorrência das articulações do enunciado, com posição do sujeito emissor relacionadas aos aparelhos ideológicos (relações de classe, raça, gênero, ambiente...). Nesse nível, identifica-se a posição do sujeito interlocutor naquilo que Lima e outros (2017) consideram como uma ilusão de autoria daquele discurso, como se o mesmo não estivesse centrado em uma conjuntura histórica e social. Assim surgem os chamados esquecimentos de primeiro e segundo tipo, onde o interlocutor vê-se, respectivamente, como um elemento externo ao seu cenário e a sua própria produção narrativa, conforme Orlandi:

O esquecimento número um é o que dá conta do fato de que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Ou seja, o sujeito se constitui pelo esquecimento do que o determina. Ele se constitui pela sua inscrição na formação discursiva. [...]. O esquecimento número dois é da ordem da formulação. O sujeito esquece que há outros sentidos possíveis. Ao longo de seu dizer vão se formando famílias parafrásicas de tudo aquilo que ele podia dizer, mas não disse (Orlandi, 2000, p. 21).

Por esse meio, a formação discursiva dar-se-á dentro da formação ideológica, que se

localiza em seu espaço e tempo, seu sujeito discursivo e em meio a seu interdiscurso. Essa conjectura necessita ser vista assim por dois pontos: O discurso se constitui sempre em uma relação com outros dizeres e não-dizeres, alojados na memória para além dos acessos racionais de interpretação dentro do cotidiano do sujeito discursivo e o referente enunciativo, ultrapassando o sintático, expressa, mesmo em pequenas nuances, uma imensa carga simbólica que se desenvolve nas relações de paráfrase e polissemia conectadas ao seu ponto do espaço e tempo histórico (Orlandi, 2000, p. 43 a 45).

A tabela 1 foi elaborado com o intuito de organizar essas etapas, através de uma interseção entre procedimentos e dimensões teóricas:

**Tabela 1 – Etapas da análise em fases e dimensões**

<b>Teorias aplicadas (Orlandi, 2000):</b>	<b>Fases (Lima <i>et al</i>, 2017):</b>	<b>O que ocorre:</b>
Teoria do discurso	Pré-análise	Análise preliminar e definição dos vídeos estudados (objeto); consulta ao ferramental etimológico sobre o <i>corpus</i> .
Teoria da sintaxe ou enunciação	Passagem da superfície linguística para o objeto discursivo	A transcrição do <i>corpus</i> de forma literal, buscando manter todas as partículas discursivas e preservar todos os sentidos produzidos na enunciação.
Teoria da ideologia		
Teoria do discurso	Passagem do objeto discursivo para o processo discursivo	Identificam-se os dispositivos analíticos (metáfora, polissemia, paráfrase, interdiscurso e negação)
	Constituição dos processos discursivos	Identificação das formações discursivas e das regras que regem a produção dos discursos, buscando os aparelhos ideológico inscritos (relações de classe, raça, gênero, ambiente...)

Fonte: próprio autor.

Assim, através da apreciação de narrativas pseudoetimológicas, seguindo os passos descritos pelo modelo, busca-se compreender seus discursos e a forma com que estes constroem o imaginário histórico sobre as classes marginalizadas através da conexão entre língua e identidade. A seguir serão explicados os conceitos sobre a definição do *corpus*.

### 5.3. Seleção do Objeto

A seleção do *corpus* foi baseada em vários critérios, buscando identificar aqueles que mais amplamente poderiam representar o referido fenômeno e, por consequência disseminar o discurso social supracitado, entendendo que as mídias, ainda que com seu poder de agência e interesses próprios envolvidos, ainda reverberam suas perspectivas no bojo de sua compleição intradiscursiva.

A amostragem isolou três vídeos em cada uma das plataformas estudadas, Instagram, TikTok e Youtube Shorts, encontrados através das ferramentas de busca através das buscas por “ditados errados”, “ditados incorretos” “expressões erradas”, “ditados que você sempre falou errado” e “expressões que você sempre falou errado”, que normalmente figuram entre as chamadas deste tipo de conteúdo. Dentre as opções encontradas, foram selecionados os três vídeos de cada plataforma, lançados nos últimos 2 anos (2022-2024), que apresentassem o maior número de visualizações na data da seleção de amostragem. Esse critério se deve não somente a estes vídeos terem sido os mais vistos até o momento, mas o fato de terem sido os mais exibidos tem relação com sua dispersão algorítmica. Conforme explicado por Eugênio, Siek e Fariz (2023, p. 1-5), os algoritmos das redes sociais buscam entregar materiais relativos aos gostos dos usuários, mas tendem a apresentar aqueles conteúdos com maior número de visualizações, comentários e demais interações (interação em colmeia), assim como os mais recentes, portanto, para chegar a este número de visualizações, estes conteúdos precisam ter reverberado mais fortemente junto ao ambiente social em que estão inseridos.

Entretanto, a plataforma Instagram não permite acesso ao número de visualizações de cada vídeo, exceto para o usuário que o postou. Portanto, apenas para esta plataforma, foi utilizado como critério o número de curtidas de cada vídeo, como um indicativo de que o vídeo teria também chegado ao maior número de pessoas possível, com base na dispersão algorítmica.

O recorte temporal se deve também em parte devido às possíveis mudanças de linguagem do cenário dadas as experiências do período de pandemia de Covid-19, que propiciou,

conforme supracitado, uma alta na produção e dispersão de vídeos curtos nestas plataformas.

Serão levadas em consideração também as descrições anexadas aos vídeos por seus produtores, mas não serão levadas em consideração os comentários de usuários, uma vez que o estudo de recepção da mensagem já se enquadra em uma metodologia distinta.

Tendo em vista o cerne da pesquisa, excluem-se da amostragem quaisquer vídeos que se centrem no debate entre versões etimológicas, por exemplo comparando verdadeiras e falsas, uma vez que isso abordaria outro tipo de discurso, que poderia render uma pesquisa própria. Também excluem-se da abordagem vídeos de reação a outros vídeos, popularmente conhecidos como *reacts*, onde alguém adiciona sua filmagem demonstrando qual foi a sua reação a um conteúdo produzido por outra pessoa, uma vez que a nova camada interdiscursiva adicionada a estes (o influenciador reagindo) pode não ser concomitante ao discurso original, que é o foco desta pesquisa.

Assim, foram selecionados os seguintes nove vídeos entre as plataformas, analisados a seguir. A decupagem destes vídeos é anexada diretamente a sua respectiva análise, não figurando entre anexos.

Um dos vídeos encontrados (Sanz, 2023), entretanto, aparece replicado, pois a produtora possui perfis em todas as redes e obteve os maiores índices em mais de uma plataforma com o mesmo vídeo, conforme o crivo. Destaca-se em sua análise as diferenças demonstradas entre as abordagens de cada plataforma. Há ainda o caso de dois vídeos diferentes de um mesmo produtor (Galvann, 2022a e b) terem se destacado, novamente em redes diferentes. Neste caso, os dois vídeos são parte de uma sequência de vídeos que o produtor fez sobre o tópico. Dessa forma, estes foram tratados como complementares entre si, ainda que figurem em plataformas diferentes, e analisados destacando-se possíveis distinções.

## 6. ANÁLISE

A tabela seguir compila os vídeos e suas plataformas, referenciando as pseudoetimologias apresentadas em cada um para que seja esclarecido seu contraponto, antes de qualquer análise posterior.

**Tabela 2 – Detalhes da amostragem**

<b>Autor:</b>	<b>Data:</b>	<b>Alcance*:</b>	<b>Plataforma:</b>	<b>Correções apresentadas:</b>
Bruno de Oliveira (@bolishark)	22/01/2023	719 mil curtidas	Instagram	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Corro de burro quando foge;</li> <li>• Enfiar o pé no jacá;</li> <li>• Esculpido em Carrara;</li> <li>• Ócios do ofício;</li> <li>• Quem não tem cão que caça como gato;</li> <li>• Quem pariu que mantenha e balance;</li> <li>• Quem tem boca vaia Roma.</li> </ul>
Mare Sanz (@marezans)	10/07/2023	214 mil curtidas		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Corro de burro quando foge;</li> <li>• Esculpido em Carrara.</li> </ul>
Rê Alfaia (@musinhageográfica)	15/04/2023	42 mil curtidas		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bicho no corpo inteiro;</li> <li>• Corro de burro quando foge;</li> <li>• Domingo pede cachimbo;</li> <li>• Enfiar o pé no jacá;</li> <li>• Esculpido em Carrara;</li> <li>• Ócios do ofício;</li> <li>• Quem não tem cão, caça como gato.</li> </ul>
Galvenn (@ogalvenn)	15/11/2022	2,9 milhões de visualizações	TikTok	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bicho no corpo inteiro;</li> <li>• Ócios do ofício;</li> <li>• Quem pariu que mantenha e balance;</li> <li>• Quem tem boca vaia Roma.</li> </ul>
Diogo Elzinga (@elzinga)	08/06/2022	548 mil visualizações		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Bicho no corpo inteiro;</li> <li>• Corro de burro quando foge;</li> <li>• Esculpido em Carrara;</li> <li>• Ócios do ofício;</li> <li>• Quem não tem cão, caça como gato;</li> <li>• Quem tem boca vaia Roma;</li> </ul>
Débora Dias (@portuguesparavida)	24/02/2023	198 mil visualizações		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Corro de burro quando foge;</li> <li>• Domingo pede cachimbo;</li> <li>• Esculpido em Carrara;</li> <li>• Quem tem boca vaia Roma.</li> </ul>
Gustavo Picado (@aindanaosei):	13/10/2023	35 mil visualizações	Youtube <i>Shorts</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Enfiar o pé no jacá;</li> <li>• Quem não tem cão, caça como gato.</li> </ul>
Mare Sanz (@marezans)	11/07/2023	15 mil visualizações		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Corro de burro quando foge;</li> <li>• Esculpido em Carrara.</li> </ul>
Galvenn (@ogalvenn)	03/11/2022	11 mil visualizações		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão;</li> <li>• Domingo pede cachimbo;</li> <li>• Esculpido em Carrara;</li> <li>• Quem não tem cão que caça como gato.</li> </ul>

\* Em 31/10/2024.

Esquemáticas as pseudoetimologias em questão, conforme discriminado no Capítulo 2, é preciso a preciso apresentar seus respectivos contrapontos para que seja provado que realmente se tratam de pseudoetimologias, tornando assim a peça midiática uma desordem informacional desta pesquisa.

**Batatinha quando nasce:** A popular cantiga folclórica brasileira “batatinha quando nasce” possui diferentes versões ao longo da história e uma das mais conhecidas se inicia com o trecho “batatinha quando nasce, esparrama pelo chão”. A pseudoetimologia corrente nas redes alega que o correto seria “batatinha quando nasce espalha a rama pelo chão”. Segundo Rigolon (2023, p. 166-169), as versões mais antigas desta cantiga que se tem registro são do folclorista Sílvio Romero, em 1883, que descreve o trecho como “deita rama” ou “deita raiz”, e o primeiro registro escrito da cantiga como “esparrama pelo chão” seria de 1952, não havendo registros históricos de “espalha rama” até o século XXI. O autor ainda adiciona uma nota que a cantiga segue o formato de redondilha maior, um tipo de quadrinha com métrica de 7 sílabas poéticas, muito comum em canções folclóricas brasileiras, formadas por sucessões de 3 troquéus; a versão de “espalha rama” formaria uma única linha de 8 sílabas em uma poesia de 7 sílabas, o que “contraria toda a tradição popular de versos de sete”.

Ainda que o sentido de “se esparrama” indique então justamente a ideia de espalhar as ramas (deitar rama), este é usado como um recurso poético, enquanto “espalha rama” não compõem a poesia popular. Portanto, considera-se aqui sua veiculação enquanto sendo a original como uma desordem informacional.

**Bicho no corpo inteiro:** A expressão popular diz que “quem não para quieto parece que tem bicho carpinteiro”, associada normalmente às crianças. A pseudoetimologia corrente alega que, na verdade, o termo estaria errado e que o correto seria “parece que tem bicho no corpo inteiro”, dando a entender que “bicho-carpinteiro” não faria sentido. Entretanto, bicho-carpinteiro é um dos nomes populares associados à família dos insetos curculionídeos, também chamados de carunchos. O “Grande Dicionário Portuguez” descreve o verbete “Bicho de carpinteiro, diz-se que o tem quem não pôde estar quieto em algum lugar” (Vieira, 1871, p. 766). Há ainda menção à estes insetos relacionados à inquietude na obra de Antônio José da Silva, publicada pela primeira vez em 1734, onde o poeta afirma que “o amor [...] é bicho carpinteiro, que não pode estar quieto com os seus bicharocos” (Silva, 2013, p. 44). Ademais, não foram encontradas menções históricas que sustentem a hipótese de “bicho no corpo inteiro”, sendo assim considerada outra desordem informacional.

**Corro de burro quando foge:** O termo “cor de burro quando foge” significa uma coisa

sem cor definida ou até sem formato definido. A pseudoetimologia corrente nas redes, entretanto, afirma que o correto seria “corro de burro quando foge”. Nota-se que a explicação já muda o sentido da expressão, o que Wilton (2004) como Rundblad e Kronenfeld (2003) afirmam ser uma característica de etimologias falsas. Pasquale Neto (2019) explica que a expressão tem origem em uma anedota que diz que um burro vai mudando de cor quando foge, sujando-se ao longo do percurso. Assim, quem sai perguntando por um burro fugido não recebe a mesma descrição de cada pessoa que perguntar no trajeto. O linguísta ainda aponta que há registros dessa expressão, “cor de burro quando foge”, com este mesmo sentido, na peça “Medicina do Amor”, de 1764. Considera-se a correção uma desinformação.

**Domingo pede cachimbo:** A pseudoetimologia diz que a parlenda “Hoje é Domingo” começaria como “hoje é domingo, pede cachimbo”, e não “pé de cachimbo”. Uma vez que parlendas podem ter múltiplas versões, essa pseudoetimologia peca ao afirmar que esta é a versão “correta” ou “original” da letra. Segundo Alves *et al* (2014, p. 395-398), essa antiga parlenda de origem portuguesa tem como versão mais antiga “pé de cachimbo”, embora apresente outras versões mais recentes como “pita cachimbo”, “pé de galinha”, “pau de galinha” e “pede cachimbo” nesta estrofe. A autora ainda apresenta registros da versão “pede cachimbo” como sendo originária e restrita ao estado de São Paulo, enquanto as outras versões circulam desde Portugal e do território dos Açores até o Norte e Nordeste, com ampla variedade, embora fortemente marcadas no “pé de cachimbo”. Nesse sentido, informar que a versão paulista seja a única ou a original é considerada aqui como uma desinformação.

**Enfiar o pé no jacá:** A expressão “enfiar o pé na jaca” significa ficar severamente embrigado, “trocando as pernas”. A etimologia que se apresenta sugere a correção para “enfiar o pé no jacá”, sendo jacá um cesto trançado de palha que ficaria junto ao estribo dos tropeiros (Rodrigues, 2016, p. 288). Entretanto, não foram encontradas as fontes para esta hipótese entre os dicionários antigos e documentos históricos consultados, tampouco para qualquer outra explicação. Assim, para critérios da pesquisa, esta será tratada como um dado sem comprovação, dada a ausência de documentos que suportem, mas não será tratada como desordem informacional, uma vez que não se encontraram documentos que a refutem até o momento.

**Esculpido em Carrara:** Dentre todas as correções encontradas, está é a mais frequente. Diz-se “cuspidado e escarrado” sobre algo ou alguém que é idêntico, quase uma cópia, de outrém. A pseudoetimologia corrente diz que o certo seria “esculpido em Carrara”, afirmando ser Carrara uma região produtora de mármore de boa qualidade na Itália. Carvalho (2018, p.

160-161) aponta esta falsa etimologia como uma das primeiras registradas em língua portuguesa e apresenta a real fonte para que a origem desta expressão no Francês, “*tout craché*” (todo cuspidor), registrado pela primeira vez em 1464, havendo também um correlato em inglês, “*spit an image*” (cuspidor à imagem). Ambas as versões possuem o mesmo sentido de algo idêntico de tão semelhante. O autor ainda assume que o sentido de “cuspir”, no imaginário medieval popular, trazia a ideia de proteção contra o mal, dando à expressão o sentido de “benzido à imagem de alguém”. Assim, vê-se a correção como desinformação.

**Ócios do ofício:** A expressão “ossos do ofício” indica algo, normalmente cansativo, que se faz por conta de um cargo, trabalho ou função. A pseudoetimologia corrente diz que o correto seriam “ócios do ofício”, o que muda o sentido de algo cansativo para uma forma de ócio, descanso, novamente ressaltando a ideia de pseudoetimologias que mudam o sentido. O termo “ossos do ofício” é citado no Anais da Câmara dos Deputados do Brasil de 1894, onde o deputado Manuel de Moraes Barros elucida, ao tratar sobre escrivães que operam em situação precária em cidades do interior, que “o serviço se distribue em duas categorias: serviços *ex-officio*, que nada rendem, e que em gíria forense são denominados *ossos do officio*, e serviços que rendem emolumentos” (Brasil, 1895, p. 30), apelando em seu discurso à ideia de que estes escrivães ganhavam muito pouco; ossos associados ao baixo salário. Assim, vê-se a ideia de “ócios do ofício” como desordem informacional desinformativa.

**Quem não tem cão, caça como gato:** O ditado “quem não tem cão, caça com gato” indica que quem não tem os meios apropriados, improvisa, dá seu jeito. A versão pseudoetimológica apresenta a ideia de que quem não tem um cão caça “como gato”, solitário e escondido. Mais uma vez, há uma mudança de sentido no ditado, aqui substituindo a ironia por uma forma de analogia erudita. Rigolon (2023, p. 133) explica não haver fundamento nesta etimologia, que inclusive possui a versão em espanhol “*si no tienes perro, caza con el gato*”, e aponta registros escritos da expressão para 1866, enquanto que para a “caça como gato” apenas a partir da década de 1960, ampliando-se após a internet. Mais uma desordem.

**Quem pariu que mantenha e balance:** A expressão popular diz que “quem pariu Mateus que balance” ou ainda “quem pariu Mateus que embale/o carregue”, significando que a responsabilidade de um problema é de quem o criou, havendo grafias também com “Matheus”. A lenda urbana sugere que o correto seria “que mantém/mantenha e balance”, entretanto não foram encontrados registros históricos desta anteriores à era da internet, enquanto que para “quem pariu Mateus”, há o registro do uso da expressão no parlamento do império brasileiro, pelo deputado Bezerra de Menezes. Em um debate sobre gastos públicos,

o parlamentar afirma que tais eram oriundos da coroa e diz “é caso de dizer que quem pariu Matheus que o embalance. Sua magestade que lhe dê os meios de vida” (Brasil, 1885, p. 136). Nota-se o mesmo sentido em uso.

Há ainda o registro de uma versão correlata em espanhol, presente em comunidades judaicas-hispânicas do século XIX, “*quién parió concombros, lo lleve al hombro*” (quem pariu pepino que o leve ao ombro)(Foulché-Delbosc, 1895, p. 98), o que corrobora para crer ser essa a original e a suposta correção uma pseudoetimologia.

**Quem tem boca vaia Roma:** O ditado “quem tem boca vai a Roma” indica que quem tem capacidade de falar tem capacidade de resolver problemas. A suposta correção diz ser o ditado um cacofonio de “quem tem boca vaia Roma”, do verbo “vaia”, afirmando que o ditado se originaria dos descontentes, seja do império romano da antiguidade ou da igreja católica centrada na Itália. Novamente uma mudança de sentido na afirmação. Rigolon (2023, p. 109-111) afirma que, primeiramente, não há sentido na frase, pois expressar deslealdade ao imperador romano era passível de severas represálias ou punições, inclusive a morte, e que há correlatos em diversos outros idiomas da mesma expressão, onde a cacofonia “vai a/vaia” não é possível; “*preguntando que se va a Roma*” (espanhol), “*qui langue a, à Roma va*” (francês), “*he who has a tongue, may go to Rome*” (inglês) e “*chi lingua ha, a Roma va*” (italiano). Categoriza-se esta também como desordem informacional de desinformação.

Desta forma, entre as 10 correções de expressões de ditados e expressões populares encontradas na soma entre os três vídeos de maior acesso de cada plataforma selecionada, 9 são consideradas desordens informacionais pelos critérios da pesquisa, sendo a restante uma versão não comprovada. Isso permite categorizar este ímpeto ou movimento de correção oficialmente como parte da categoria de “desinformação” (*misinformation*) de Wardle e Derkshkan (2023, p. 12-13). Segue-se então para análise dos vídeos.

### 6.1. Bruno de Oliveira (@bolishark)

**Título:** Momento Cultural

**Capa/Thumbnail:** Imagem do influenciador ao fundo, sentado em um sofá, com 2 quadros com desenho de rosas acima dele. À frente um letreiro de fundo vermelho e letras brancas escrito “Momento Cultural”, abaixo do rosto.

**Texto escrito:** Qual desses você não sabia? Eu confesso que eu quase todos 😞 ...  
#reels #reelsinstagram #ditadospopulares #momentocultural #portugues #linguaportuguesa

#falarcorreto #corrigir #corrigindo #acertos #curiosidade #aprendendo #aprender #insta

**Descrição do vídeo [00:00-01:29]: PF (Plano Fechado)** - Cena mostra em close um homem branco, na faixa dos 30 anos, cabelo curto e com barba, de óculos, vestindo camiseta azul, do peito para cima, sentado em um sofá de cor clara, com expressão de desdém. Atrás dele, na parede, há dois quadros com desenhos de rosas. O homem fala olhando para câmera. Há legenda em cor amarela.

**Áudio:** Música de fundo de piano, com notas lentas e profundas, dando tom emocionante ao vídeo.

**Objeto de texto:** (Falando lentamente) Você precisa aprender a falar alguns ditados populares corretamente | (Passa a falar mais rápido) que perderam completamente o sentido com tanta alteração ao longo dos anos. | Não se fala são ossos do ofício! | O correto é são ócios do ofício sobre pessoas que nem sempre tem o que fazer (Bruno franze o lábio em expressão de nojo e espanto) | (Corte) Também não é batatinha quando nasce se esparrama pelo chão. | Já está errado porque seria “esparrama-se”, mas também não seria assim. É batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão (Enfatiza “rama” / franze e treme o lábio inferior). |(Corte) Quem se esparrama pelo chão é você, quando escorrega e cai num piso molhado (treme o lábio inferior). | (Corte) Não é “enfiou o pé na jaca”, é “enfiou o pé no jacá”. | Jacá é um cesto trançado de taquara ou cipó, colocado no lombo dos animais. | (Corte) E quando alguém bebia demais, depois tentava montar no animal, enfiava o pé no jacá e acabava caindo (Fala pausada e dramática, destacando o tom da música) | (Corte) Não se fala “cuspido e escarrado”. Que nojo, gente. É esculpido em Carrara. Carrara é um tipo de mármore. | (Corte) Também não é que não tem cão que caça com gato. É que não tem cão que caça como gato, ou seja, sozinho. | Não é quem pariu Mateus que embale. É quem pariu e bateu que embale. | Quem é Mateus, gente? (Bruno olha para o lado enfatizando o ato de perguntar) | (Corte) Não é cor de burro quando foge. É corro de burro quando foge. E burro muda de cor quando foge, gente! | (Corte) E por fim, não é quem tem boca vai a Roma. É quem tem boca vai a Roma! Vai, é de vaiar! Uh! Uh! (Bruno pisca repetidamente o olho direito, imitando um tique nervoso) | (Corte; Bruno coloca a mão sobre a face, exibindo expressão de desgaste) Eu também sou cultura (Bruno repete o movimento de tique nervoso)||.

**Fonte:** Oliveira, 2023. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

**Contextualização sobre o veículo:** Segundo seu perfil, Bruno de Oliveira se descreve como “Especialista em Neurociência, espiritualidade e psicanálise | MBA em Liderança” e “Mentor em autoconhecimento”, autor de um livro sobre as áreas mencionadas. Possuía, na

data da coleta, 521 mil seguidores no perfil do Instagram, onde publica conteúdos como dicas de autoconhecimento, dicas de etiqueta e “comportamentos adequados”, “reflexões do dia”, muitos desse em tom de humor.

**Identificação do objeto discursivo:** Apresenta-se a correção de ditados e expressões populares, em tom de humor e ironia, e as supostas versões corretas.

**Enunciação:** Embora em maior parte do vídeo o apresentador exibe um cuidado na fala para reproduzir a norma culta, vê-se momentos da linguagem coloquial ou equívocos de português aparecendo, como em “O corrêto é são ócios”. Retoma-se o que Bagno (2003, p. 164-165) diz sobre alguns erros ou erros linguísticos serem mais aceitáveis do que outros, sendo a linha do aceitável determinada pela classe social do falante. A mudança no sentido de “ossos do ofício” para “ócios do ofício”, supracitada na análise desta pseudoetimologia, é acentuada pelo apresentador no pelo trecho “sobre pessoas que nem sempre tem o que fazer”.

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** Trata-se de um homem branco, de classe média, que utiliza um falar pausado e enfatizado (relembrando a ideia de esterelidade estética de classe). Emprega o falar próximo do dialeto neutro, embora com sotaque regional da região Nordeste. Foram encontrados também vários vídeos do mesmo fazendo piadas sobre erros de português, afirmando estar defendendo a língua portuguesa, junto a suas dicas de comportamento.

**Análise da estratégia discursiva:** O uso do caráter humorístico faz troça da forma de falar tradicional dos ditados e expressões populares, através de recursos de comédia. O uso da música dramática de piano e das expressões exageradas, como tique nervoso e o lábio tremendo (associado à expressão de choro), enfatizam a ideia de que o locutor está em estado de sofrimento e exaustão por estar em contato com erros tão grotescos. Há um constante recurso de debochar e ironizar o interlocutor, que representa no caso o falante destas expressões. Há exemplo disso também no trecho “quem se esparrama pelo chão é você, quando escorrega e cai num piso molhado”.

Como parte do discurso, vê-se o título (“Momento Cultural”), indicando a ideia de cultura somente como aquilo que está determinado pelo padrão dominante, em contraposição à ignorância das classes populares (Bagno, 2003; 57-58; Souza, 2018, p. 45). Como comparativo ideológico de espaço e tempo, encontra-se este recurso em outros vídeos que “ensinam a falar corretamente” do mesmo autor. Um “desgosta” pela forma não-culta da língua portuguesa fica pronunciado em trechos como ao afirmar que o interlocutor **precisa** aprender a falar os ditados **corretamente** e trechos como “Já está errado porque seria

‘esparrama-se’” ressaltam esse ímpeto corretivo, assim como o texto escrito, “#linguaportuguesa #falarcorreto #corrigir #corrigindo #acertos #curiosidade #aprendendo #aprender”. A narrativa é de que a fala popular (corrompida) ataca a língua portuguesa culta, que deve então ser protegida (Bagno, 2003, p. 152). As expressões de sofrimento e nojo compõem criam a imagem do fardo de ensinar sendo cansativo e expondo o apresentador a algo repulsivo e desconfortante.

Em “Qual desses você não sabia? Eu confesso que eu quase todos 🤔” (texto escrito), há indicações discursivas até mesmo no *emoji* triste. No todo, a construção discursiva é de alguém que, mesmo vindo do povo (sotaque e texto escrito), admite tristemente que um dia acreditou na episteme popular. Agora confere a si mesmo a autoridade de corrigir os demais, pois abdicou da estética e da crença que se associam que o associam a incultura. Indicado nos dispositivos de rejeição e ridicularização, mas também na cadência do falar, o falante pode fazer esta troça e corrigir os outros pois caminha em direção ao padrão intelectual dominante.

## 6.2. Mare Sanz (@marezans)

**Título no Instagram:** Ditados que a gente fala errado

**Título no Youtube Shorts:** 3 ditados que VOCÊ fala ERRADO

**Texto escrito (Instagram):** Ditados que a gente fala errado: qual você já sabia? 🗣️

**Texto escrito (Youtube Shorts):** Não há.

**Capa/Thumbnail (ambos):** Imagem da influenciadora congelada, sorrindo, plano fechado do busto para cima. Ela é uma mulher branca, na casa dos 20 anos, de cabelos castanhos, longos e com franja, usa maquiagem acentuada ao redor dos olhos, camiseta cinza, colar e anéis dourados. Ao fundo, várias imagens e textos de forma pouco organizada, propositalmente caótica, com ilustrações e frases de ditados populares.

**Áudio:** Há uma música de fagote ao fundo, de forma a criar um tom bem humorado e descontraído, que se mantém durante todo o vídeo.

---

**Descrição do trecho [00:00-00:03]:PF (Plano Fechado)** – A influenciadora, Mare Sanz, fala para a câmera, movendo as mãos no processo. Atrás dela, as letras e desenhos do fundo, descritos na sessão da capa, se movem, subindo e descendo.

**Texto:** Os ditados populares que você fala errado e eu também. | Quer ver? (Mare aponta para a câmera).|

---

**Descrição do trecho [00:04-00:09]: PF (Plano Fechado)** – O fundo se torna um papel quadriculado e letras aparecem acima da cabeça da influenciadora, que continua em corte acima do busto. A expressão considerada errada aparece em amarelo, enquanto a correção aparece em letras brancas, destacando em verde a parte “corrigida”. Um “X” vermelho aparece atrás da expressão “errada”. As palavras vão aparecendo conforme Mare vai falando.

**Texto:** Batatinha quando nasce se espalha pelo chão. | (Corte) O certo, na verdade, é batatinha quando nasce e espalha a rama pelo chão. |

---

**Descrição do trecho [00:10-00:12]: PF (Plano Fechado)** – Mare aparece num fundo de parede branca. Uma imagem de uma cesta de batatas aparece para fazer a transição de cena.

**Texto:** (Mare fala lentamente, quase rindo) A rama são as raízes da batata. |

---

**Descrição do trecho [00:12-00:16]: PF (Plano Fechado)** – Mesmo formato de fundo quadriculado e letras aparecendo citado antes.

**Texto:** Cor de burro quando foge. | (Corte) O certo é cor de burro quando foge. |

---

**Descrição do trecho [00:17-00:23]: PF (Plano Fechado)** – Mesmo formato de fundo de parede cinza citado antes.

**Texto:** Até porque não existe cor de burro fugindo (Mare quase ri novamente). |(Corte) Mas existe burro fugindo e é um evento caótico (Mare gesticula com as mãos quando fala) | (Close no rosto) Por isso que a gente corre de burro quando ele foge (Fim do close / Mare encara o canto da tela, olhando para o nada, com expressão levemente confusa e assustada).|

---

**Descrição do trecho [00:24-00:28]: PF (Plano Fechado)** – Uma imagem de um burro faz a transição de cena. Mesmo fundo quadriculado novamente.

**Texto:** Cuspido e escarrado. | (Corte / Mare dá uma piscada) O certo é “esculpido em Carrara”.|

---

**Descrição do trecho [00:29-00:40]: PF (Plano Fechado)** – Rosto de Mare aparece falando por cima de uma imagem de uma cidade, supostamente italiana. Aos 00:31, aparecem imagens de estátuas de mármore, ao mencionar-se “mármore de Carrara”, em plano em frente à imagem da cidade e atrás do rosto da moça. O rosto de Mare vai aumentando de tamanho conforme ela vai falando.

**Texto:** Porque Carrara é um local na Itália que é conhecido desde a época do Império Romano pela extração de mármore. |(Corte) No mármore de Carrara se faz cópias muito bem feitas, muito fiéis a pessoas, animais, e por isso a analogia, esculpido em Carrara (piscada).|

---

**Descrição do trecho [00:41-00:45]: PF (Plano Fechado)** – Enquadramento da parede cinza novamente.

**Texto:** Se chegou até aqui, lembra de comentar e me seguir pra não perder mais nenhum vídeo.||

**Fonte:** Sanz, 2023a e b; Links: [Instagram](#) e [Youtube](#).

**Contextualização sobre o veículo:** A influenciadora Mare Sanz se apresenta como “Comunicóloga, Roteirista e Criadora de Conteúdo”. Possuía, na data da coleta, 451 mil seguidores no Instagram, 301 mil inscritos no Youtube e mais de 2 milhões no TikTok. Seus vídeos abordam tópicos como curiosidades históricas e geográficas em geral com trechos de humor.

**Identificação do objeto discursivo:** Apresenta-se a correção de ditados e expressões populares, utilizando-se de recursos de imagem para enfatizar e dinamicizar o conteúdo.

**Enunciação:** Há uso de elementos gráficos para reforçar as explicações dadas. A cadência é constante e faz-se uso do dialeto neutro padrão. Novamente, o texto explicita serem essas as “certas” em mais de um momento, sendo as versões populares então as erradas. No vídeo do *Shorts*, há uma ênfase, entretanto, na pessoa do interlocutor ser aquele que está errado, através das palavras “você” e “errado” em caixa alta.

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** A locutora possui sotaque paulistano, dentro dos limites do dialeto neutro, e demonstra estética de classe média (em estilo de maquiagem e ornamentos). As mídias da comunicadora se especializam em curiosidades de diversos tipos, um viés considerado educativo. O uso do termo “comunicóloga” indica graduação em comunicação social, que é marcada por estudos e técnicas apuração de dados na divulgação.

**Análise da estratégia discursiva:** De forma geral, a abordagem não se diferencia nas plataformas, uma vez que é o mesmo vídeo, mudando apenas título e texto de anexo. Apesar de comunicadora não fazer uso de regionalismos de fala, há uma busca no texto por conectar-se com seu público, iniciando no trecho de “ditados populares que você fala errado e **eu também**”. As correções, por sua vez, são apresentadas como “certas”, “corretas”. Dessa forma, a aproximação entre público e locutor fazer o “pecado” em questão seja compartilhado, como se não estivesse errado falar antes, já que ambos até então não sabiam estar errado. Há uma “libertação” deste desconhecimento, que é dada em tons de brincadeira pela música de fundo jocosa, os efeitos de edição de vídeo e as expressões da apresentadora.

### 6.3. Rê Alfaia (@musinhageográfica)

**Título:** Ditados populares que talvez você fale errado

**Capa/Thumbnail:** Imagem da influenciadora congelada antes de iniciar o vídeo, sorrindo, uma mão na cintura, recorte em plano focado da coxa para cima. Fundo amarelo e o título em cima dela, em letras vermelhas com destaque branco. Atrás, de plano de fundo, um desenho do formato do Brasil com os dizeres “Brazil” dentro da figura. Ela é uma mulher negra de pele clara, na casa dos 20 anos, cabelo comprido, liso, camiseta cinza e calça jeans.

**Texto escrito:** Ditados populares que talvez você fale errado #ditadospopulares

**Descrição do vídeo [00:00-:01:19]: PF (Plano Fechado)** – Imagem descrita na capa descongela. A apresentadora fala, mudando de lugar na tela a cada corte. Um número aparece ao seu lado a cada ditado apresentado, contando quantos foram. Há legenda em letras brancas e não há trilha sonora de fundo. A apresentadora mantém fala sem regionalismos e com pronúncia rígida e fala cadenciada, gesticulando suavemente com as mãos enquanto fala.

**Objeto de texto:** Ditados populares que talvez você fale errado. | (Corte) Quem não tem cão caça com gato. A forma correta é quem não tem cão caça como gato, (Rê enfatiza “como”) ou seja, sozinho (Rê acena com a cabeça). | (Corte) São ósseos do ofício. O correto é são ósseos do ofício, onde um trabalho duro traz benefício. | (Corte) Hoje é domingo, pé de cachimbo. O correto é hoje é domingo, pede cachimbo. (Rê aponta para a câmera). Fumar cachimbo era um hábito associado com relaxar e domingo é o melhor dia pra isso. | (Corte / Rê muda o tom de voz e a velocidade, dando a entender que está imitando alguém) Esse menino não para quieto. Parece que tem bicho carpinteiro. (Rê retoma seu tom habitual e gesticula ao redor do corpo, demonstrando a criança agitada e com bichos) O correto é esse menino não para quieto, parece que tem bicho no corpo inteiro. Era utilizado para falar de crianças que não paravam quietos, que pareciam que estavam incomodadas com bichos no corpo inteiro. | (Corte) O correto é corro de burro quando foge. Parece que quando o burro foge faz um estrago danado. Cuspido escarrado. | (Corte) O correto é esculpido e escarrado (Rê apresenta leve expressão que pode indicar indignação ou nojo, que se encerra quando ela começa a explicar a sentença). Carrara é um local na Itália, conhecido desde a época do Império Romano pela inspiração de mármore. E no mármore eram feitas cópias fiéis de pessoas e animais. | (Corte) Enfiou o pé na jaca. O correto é enfiou o pé no jacá. Antigamente nas portas dos bares eram vendidas mercadorias de jacás, que são cestas de taquara trançadas (Imagem de um jacá aparece na tela). Quando as pessoas bebiam demais, não conseguiam

desviar e acabavam colocando o pé no cesto. ||

**Fonte:** Alfaia, 2023. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

**Contextualização sobre o veículo:** Rê Alfaia é criadora de conteúdo, utilizando a alcunha de “musinha geográfica”. Seu conteúdo é descrito por ela como “coisas que talvez você não saiba”. Seus vídeos falam sobre curiosidades, principalmente ligadas à geografia. Possui, na data da pesquisa, 26 mil seguidores no Instagram e 350 mil no TikTok.

**Identificação do objeto discursivo:** Apresenta-se a correção de ditados e expressões populares, de forma sóbria, e suas supostas versões corretas.

**Enunciação:** Novamente realça-se a palavra “errado” e “correto” ao se lidar com expressões populares. A cadência é constante e faz-se uso do dialeto neutro padrão. Marca-se a dicção e pronúncia da apresentadora como tendo uma cadência pouco natural, como se preocupada em pronunciar corretamente em todos os momentos do vídeo.

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** A apresentadora possui conteúdo focado em dinamizar e facilitar o acesso à informação, principalmente de curiosidades e turismo. Ressalta-se sobre sua pronúncia, as já citadas afirmações de Labov (2008) e Bagno (2003) de que, na busca por ascensão social, indivíduos, principalmente de classe média baixa, buscam utilizar com extrema perfeição a fala dita como correta. O uso da imagem com apelo à regionalidade ao fundo também contrasta com os dizeres em inglês, “Brazil”.

**Análise da estratégia discursiva:** O texto explicita em vários momentos serem essas as “correções” as formas corretas de se falar os ditados, que são incentivados pela posição da apresentadora e por suas expressões faciais. O tom professoral e os períodos curtos, marcados nos cortes, introduzem um tom pedagógico e uma objetividade na transmissão da informação, de forma séria. Ressalta-se serem estas expressões bem comedidas, assim como seu vocabulário e forma de falar, reforçando o supracitado sobre o dialeto neutro de regionalidades.

De forma geral, o discurso compõem uma “aula”, onde a autoridade intelectual corrige erros de forma objetiva. Todavia, não se pode deixar de levar em consideração a imagem de fundo; “Brazil”. De forma silenciosa, há um apelo ao regionalismo que (intencional ou não) transmite sobre cultura popular com o nome do país em inglês. Nessa composição narrativa, a cultura popular de origem brasileira é simultaneamente descaracterizada e objetivamente higienizada.

#### 6.4. Galvenn (@ogalvenn)

O produtor Galvenn possui dois vídeos diferentes que se destacam conforme os critérios da pesquisa, sendo um deles no Youtube Shorts e outro no TikTok, um sendo a sequência do outro. Uma vez que tratam-se de uma sequência, optou-se por analisar sua estratégia discursiva em conjunto, destacadas as diferenças entre ambos.

##### **Primeiro vídeo [Youtube Shorts]**

**Título:** Ditados que todo mundo fala errado

**Capa/Thumbnail:** Título em letras amarelas na parte superior. Enfoque em plano fechado onde aparece um trecho de uma porta de vidro fechada.

**Texto escrito:** Não há

**Descrição do vídeo [00:00-:00:30]: PF (Plano Fechado)** – Imagem descrita na capa descongela. O apresentador abre a porta de vidro e fala para a câmera. Ele é um homem entre 25 e 30 anos, branco, barba curta, brinco na orelha esquerda, usando um boné virado para trás, camiseta branca e colete preto. A câmera o foca do busto para cima. Há legendas.

**Áudio de fundo:** Uma música digital semelhante à uma sanfona com batida eletrônica de fundo, em ritmo de forró acelerado.

**Objeto de texto:** (Apresentador gesticula com a mão de forma assertiva) Ditados que todas as pessoas falam errado. | (Corte) Se tiver faltando algum, cê comenta aí, viu? | (Corte / Apresentador quase bebendo em uma xícara metálica branca) Bó pu vídeo. | (Corte / Ele muda um pouco o timbre da voz e o sotaque e gesticula com as mãos de forma expansiva, olhando para o lado) Para mim é igual, é cuspidado escarrado. | (Corte / Xícara reaparece na mão / Fala de forma irônica e lenta) Esculpido em Carrara. Que po... [corte interrompendo o xingamento]. | (Corte / Fala olhando para a câmera, mas muda a cadência do falar, de forma lírica e gesticula mais expansivamente) Batatinha quando nasce, espalha rama pelo chão. | (Corte / Xícara reaparece / Ele tem a coluna inclinada para frente e fala como se estivesse irritado ou cansado) Batatinha quando nasce, espalha a rama pelo chão. | (Corte / Fala olhando para o lado, movimentando o dedo apontado / Sobe o volume e muda o timbre da voz) Quem não tem cão, caça com gato. | (Corte / Xícara retorna / Há uma expressão facial de desgosto ou descontentamento) Quem não tem cão, caça como gato. | (Corte / Força os lábios para baixo, usando um sotaque chiado e se balança levemente para os lados) Hoje é domingo, pé de cachimbo. | (Corte / Xícara retorna / Sobe o tom da voz de forma agressiva, enfatizando o “pede”) Hoje é domingo, pede cachimbo. Eu parei! (E se vira, entrando na casa) ||

**Fonte:** Galvenn, 2022a. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

### **Segundo vídeo [TikTok]**

**Título:** Ditados que todo mundo fala errado – Part 2

**Capa/Thumbnail:** Título em letras amarelas na parte superior. Enfoque em plano fechado no rosto e na da mão do influenciador, que está abrindo uma porta de vidro e saindo em direção à câmera.

**Texto escrito:** Qual desse você sempre falou errado?

**Descrição do vídeo [00:00-:00:32]: PF (Plano Fechado)** – Imagem descrita na capa descongela. O apresentador abre a porta de vidro e fala para a câmera. Mesma descrição física do vídeo anterior, a barba um pouco maior (por fazer), usando um boné de aba reta para frente e camiseta larga de cor azul. A câmera o foca do busto para cima. Há legendas.

**Áudio de fundo:** Uma música digital semelhante à uma sanfona com batida eletrônica de fundo, em ritmo de forró acelerado.

**Objeto de texto:** Ditados populares que todo mundo fala errado. | (Corte) Faltou algum, cê comenta aí. | (Corte/ Ele bebe algo em uma xícara de metal branca) Bó pu vídeo. | (Corte / Galvenn aponta o dedo de forma agressiva, sem olhar para a câmera, faz uma expressão/careta de raiva e força um sotaque chiado) Quem pariu Mateus que balance! | (Corte/ Ele fala mais lento, segurando a xícara perto da boca) Quem pariu, mantém e balance (ênfase em “Mantém”/ Faz expressão de indignação) | (Corte/ Ele imita uma voz diferente e fala acelerado) Esse menino não para quieto, parece que tem bicho carpinteiro. | (Corte / Xícara perto do rosto, falar pausado e enfatizando as sílabas) Esse menino não para quieto, parece que tem bicho no corpo inteiro (Ele simula uma cuspidinha ou sopro forte) | (Corte / Imitando um velho e com sotaque chiado, gesticulando próximo da boca com os dedos das mãos juntos) Isso aí são ossos do ofício. | (Corte / Xícara perto da boca, falando com tom de cansaço) Isso aí são ócios do ofício? Que que é... (interrompido) | (Corte / Imitando outra voz, expressão alegre, gesticulando) Uai, quem tem boca, vai a Roma! | (Corte / Xícara perto da boca, expressão perdida, enfatizando as palavras) Quem tem boca, váia Roma! | Minha vida foi uma mentira! (Vira-se entrando na casa)||

**Fonte:** Galvenn, 2022b. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

**Contextualização sobre o veículo:** O criador de conteúdo se apresenta como Galvenn e se descreve em seu perfil como “O Rei da Gracinha”. Na data da pesquisa, seu Instagram

possui 371 mil seguidores, o TikTok possui 636 mil e o Youtube possui 2,7 mil inscritos na data da pesquisa. Seus conteúdos são majoritariamente focados em conteúdos de humor sobre o cotidiano e músicas de caráter humorístico.

**Identificação do objeto discursivo:** Ambos os vídeos apresentam a correção de ditados e expressões populares e suas supostas versões corretas, através de recursos humorísticos de sátira e ironia.

**Enunciação:** Em ambos os vídeos, há bastante uso do recurso de ironia. Além disso, boa parte da mensagem envolvida se expressa pelo tom de voz, expressões faciais e recursos de corte. Através do recurso de cortes e de mudança de voz, cria-se “personagens” que contrastam com o apresentador. Entretanto, o apresentador faz uso de linguagem coloquial, cometendo lapsos de português, como no exemplo das frases “Faltou algum, cê comenta aí”, que deveria ser “se faltou algum, você comenta aí” (segundo vídeo) e “Bó pu vídeo” (ambos).

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** Sem dialeto neutro ou exclusividade da norma culta. A xícara metálica também é item comum em casas da classe trabalhadora brasileira. Igualmente ao boné de aba larga, também virado para trás, frequentemente associado ao rap e ao funk, e a barba por fazer. Nenhum destes elementos posiciona o apresentador como tentando diretamente mimetizar uma figura de elite, mas sim assumindo-se como membro da classe popular. Ressalta-se o fato de suas mídias serem focadas em comédia, sendo o sotaque popular considerado muitas vezes engraçado.

**Análise da estratégia discursiva:** Os personagens apresentados, representando os falantes comuns, que usam tais ditados e expressões com frequência, aparecem no vídeo de forma satirizada e caricata, exagerada. A xícara, enquanto elemento figurativo, denota caráter reflexivo e introspectivo ao personagem que corrige, que também é demonstrado como cansado deste “fardo” de salvar estes populares de tamanha ignorância, o que em alguns pontos o deixa irritado, reprimindo um xingamento (primeiro vídeo), perdendo a paciência (“Eu parei!”; primeiro vídeo) ou por expressões de descontentamento e indignação (segundo vídeo).

Todavia, há o recurso de conexão com o público, onde o mesmo admite que também acreditava nestes ditados na última linha do segundo; “minha vida foi uma mentira”. Uma vez que não há partes inúteis ou desconexas na construção de sentidos, com esse trecho, produz-se o sentido de que o apresentador já foi parte desta “ignorância popular”, não apenas sendo “curado” pelo conhecimento, mas agora estando em uma posição superior, de onde pode corrigir os “menos esclarecidos”. Assim, mesmo o apresentador não utilizando recursos para fingir uma suposta origem diferente, o elemento apresentado que o diferencia é o

“conhecimento” que este possui, separando-o dos outros personagens. Esta separação é reforçada pelas posturas, expressões e maneirismos dos personagens, caricaturando aquele que não possui o dito conhecimento. A estratégia discursiva é de que aqueles que não foram elucidados a abandonar as expressões tradicionais estão sujeitos à ignorância e ao ridículo.

### 6.5. Diogo Elzinga (@elzinga)

**Título:** você fala ditados da forma errada

**Capa/Thumbnail:** Vídeo congelado no momento inicial, mostrando um homem branco, barba não aparada, cabelo castanho e curto, vestindo uma camiseta preta com desenho de um gaúcho em traços de cartum, comendo churrasco e dizendo “bah”. Há legendas. O nome “elzinga” está congelado em um trecho da tela.

**Texto escrito:** você fala ditados da forma errada #curiosidadesbrasil #curiosidades #elzinga #ditados

**Descrição do vídeo [00:00-:00:58]: PF (Plano Fechado)** – Imagem descrita na capa descongela. O cenário parece ser próximo à porta de uma casa pelo lado de dentro. Há uma escada de madeira no canto, junto à parede de cor branca. O apresentador fala para a câmera o tempo todo. O vídeo apresenta legenda em português (letras brancas e maiores) e inglês (amarelas, menores). O nome “elzinga” está congelado na parte inferior. Não há trilha sonora.

**Objeto de texto:** Você sabia que a gente fala um monte de ditados da forma errada e ninguém se dá por conta disso? (Diogo faz a pergunta com tom de indagação, como se houvesse se dado conta naquele momento) Na real, os são usados há tanto tempo que a versão correta até vai parecer estranha, quer ver? Olha só, (aumenta o volume da voz) batatinha quando nasce, esparrama pelo chão (retorna ao tom habitual). Não, espalha a rama pelo chão. Tipo as raízes dela. Cor de burro quando foge? (ênfatisando e aumentando o volume) Não! Corro (ênfatisado) de burro quando foge, porque você quer fugir do bicho. Cuspido e escarrado? Também não! (Apontando para a câmera) Esculpido em Carrara, que é um tipo de mármore. Quem não tem cão, caça com o gato. *Tsc tsc tsc* (negando com dedo). Caça como gato, porque gatos caçam sozinhos. (Falando acelerado) Ossos do ofício? (Sobe o volume da voz novamente) Também errado! Ócios (ênfatisado) do ofício. O ócio é ficar sem fazer nada mesmo. Quem tem boca, vai a Roma. Até faz sentido, mas quem tem boca, vaia (ênfatisado) no sentido de fazer “*uuuu*” mesmo. O menino que não fica quieto porque parece que tem o bicho carpinteiro, conhece? Então, na verdade ele (pausadamente) tem o bicho no corpo inteiro. | (Corte / retoma velocidade

normal) Conhecem outros? Jogue aí nos comentários depois, porque agora é hora de curiosidade. ||

**Fonte:** Elzinga, 2022. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

**Contextualização sobre o veículo:** Diogo Elzinga se descreve em suas mídias como “Jornalista e Produtor de Conteúdo” e “criador de histórias e curioso digital”. Possui 327 mil seguidores no TikTok, 425 mil no Instagram e 643 mil inscritos em seu canal do Youtube. Seus vídeos abordam tópicos como curiosidades da geografia, dicas de viagens turísticas e assuntos afins.

**Identificação do objeto discursivo:** Apresenta-se a correção dos ditados e expressões populares de forma lenta e “pedagógica”, quase sem cortes e de forma rápida.

**Enunciação:** O título inicia com “você fala ditados da forma errada” é uma afirmação, não abre margens a dúvidas. No enunciado oral, o apresentador exibe um sotaque interiorano, embora não muito carregado, do Rio Grande do Sul e comete pequenos equívocos de português, como em “Na real, os são usados há tanto” e diversos maneirismos regionais. Há vários usos de ênfase por tom e por volume. De forma geral, o tom enunciado é indutivo.

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** O indivíduo não se utiliza de qualquer tentativa de mascarar sua origem nas classes populares neste vídeo, sem dialeto neutro ou exclusividade da norma culta. O uso de uma legenda em inglês, cria a indicação de que o vídeo (possivelmente todos do canal) se dedique também para estrangeiros, o que Souza (2018) vê como um elemento de autoridade. Ressalta-se ser ele jornalista, portanto conhecedor de técnicas de apuração, bem como de valores-notícia.

**Análise da estratégia discursiva:** Novamente, o apresentador em questão não faz questão de se exibir como parte da elite e denota fortemente sua identidade cultural como gaúcho, tanto pela camiseta como em seu sotaque. A barba grande e o cenário de dentro da casa mostram pouca preocupação com uma suposta “manipulação de cenário”, elementos que o conectam mais facilmente a uma “pessoa do povo”. Esse ponto se complementa ao trecho “que a gente fala”, onde apresentador se coloca como parte do público que comete ou cometeu o “erro”. Entretanto depois reforça com “na real, os são usados há tanto tempo que a versão correta até vai parecer estranha”.

Dessa forma, ele se conecta à massa de pessoas que passou pela “ignorância” de repetir o ditado “errado”, ganhando então a autoridade para “educar” o público. Soma-se a isso o recurso de apontar para a câmera e de enfatizar os aspectos que deveriam ser corrigidos dizendo “não!”, de fazer “*tsc tsc tsc*” e balançar o dedo ou enfatizar repetida e pausadamente

o que deve ser corrigido; recursos semelhantes à reprimendas que se faz na educação de crianças pequenas. Com isso, o apresentador marca sua autoridade intelectual sobre o receptor, que precisaria aderir a estes costumes para abdicar desse estado “não educado” e infantilizado. Isso cria um discurso onde a fala “correta” precisa ser ensinada ao público, da mesma forma com que se ensinam crianças pequenas. O processo de “crescimento e amadurecimento”, de rejeição de uma ausência de conhecimento que supostamente marca a infância dá-se pela rejeição desta fala tradicional. Aceitando a estética erudita, é possível ser adulto e inteligente, crescendo e então podendo até ensinar outros sobre a fazer o mesmo.

## 6.6. Débora Dias (@portuguesparavida)

**Título:** Ditados populares que você provavelmente fala errado.

**Capa/Thumbnail:** Vídeo congelado no momento inicial, mostrando uma mulher branca, de pele bronzeada, cabelo castanho, longo e liso, sentada atrás, com batom vermelho e maquiagem, vestindo blusa amarela com decote em “V” e usando acessórios de cor dourada (brinco, anel, colar, pingente). O plano foca da cintura para cima. Ao fundo, uma parede branca com uma prateleiras cheias de livros e alguns objetos de decoração.

**Texto escrito:** Fulano é cuspidado e escarrado. #linguaportuguesa #linguaportuguesaemsegundos #dicasdeportugues #portuguesparaconcursos #aulasdeportuguesonline #portuguêsnnoTikTok #portuguêsemaravilhoso #linguaportuguesamandoulembras #linguaportuguesaparatos.

**Descrição do vídeo [00:00-:01:29]: PF (Plano Fechado)** – Imagem descrita na capa descongela. O título some e a apresentadora começa a falar, de forma lenta e cadenciada, gesticulando pouco com as mãos. Não há trilha sonora ou legendas, mas as expressões ditas são destacadas na parte superior da tela.

**Objeto de texto:** Ditados populares que você provavelmente fala errado. | Cuspidado e escarrado. | Eu tenho certeza que você já ouviu alguém dizer que fulano é cuspidado e escarrado. O ditado correto é (ênfatisa a expressão) esculpido em Carrara. Carrara é uma pedra de mármore, portanto o ditado é de que alguém parece ter sido (diminui a velocidade para dar ênfase) esculpido em uma pedra de mármore chamada “Carrara”. | (Corte) Segundo ditado (gesticula o número 2 com os dedos). Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão. Não é a batata que se esparrama pelo chão (balançando a cabeça, negando), a batata espalha (ênfatisado) a rama. Rama é um conjunto de folhagens, de ramos. A batata espalha a rama pelo chão. |

Terceiro ditado. Hoje é domingo, pede cachimbo. Não é um (ênfatisado) pé de cachimbo, não há como ter um pé de cachimbo. É “pede”, do verbo pedir. Hoje é domingo e pede um cachimbo, uma sugestão, seria gostoso fumar um cachimbo. | (Corte) Quarto ditado. Quem tem boca (ênfatisado) vai a Roma. Não é “vai” do verbo ir, deslocar-se; é vaia do verbo vaiar. Quem tem boca vaia Roma. De vaiar um time, vaiar Roma. | Quinto ditado. Cor de burro quando fuge. Qual é a cor de um burro quando fuge? Pra mim, na minha concepção, ele não muda de cor. É corro, do verbo correr. Corro de burro quando fuge, e não cor de burro quando fuge.||

Fonte: Dias, 2023. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

**Contextualização sobre o veículo:** Débora Dias se apresenta como professora de português e possui 117 mil seguidores no TikTok. Na descrição de seu canal, ela escreve que “Chique é falar e escrever bem”.

**Identificação do objeto discursivo:** Apresenta-se a suposta correção dos ditados populares, utilizando um tom informal, mas com certo grau de seriedade.

**Enunciação:** Destaca-se o uso do recurso de ironia, de forma leve em “Pra mim, na minha concepção, ele não muda de cor”, mas de forma geral, o texto mantém-se sério. Nota-se também que desta vez não houve conexão entre o termo “Carrara” e a cidade italiana nesta, sendo a expressão afirmada como o nome de uma pedra, o que corrobora com Wilton (2004, p. 16) que afirma que lendas urbanas linguísticas variam entre si.

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** A ornamentação com livros é um elemento que remete a ideia de intelectualidade. Os assessorios dourados, a maquiagem e a composição espacial da sala remetem às classes de elite. O tom de em uma cadência que emula estética racional vai de encontro à esterelidade associada por Beltrão (1980, p. 40) ao padrão comunicativo das elites dominantes.

**Análise da estratégia discursiva:** Há uma composição imagética de cenário que remete a uma autoridade intelectual, ao mesmo tempo que a conecta com uma questão de classe social, reforçada pelo falar dentro da norma culta. O texto sóbrio não busca “brincar” com as expressões em questão, mas didaticamente corrigi-las e reprimir seus usos, ênfatisando o que precisa ser substituído.

Há o reforço da profissão de professora e da consideração de ser deste vídeo uma aula (“#auladeportuguesonline”) e um reforço à consagrada ideia de que aqueles que desobedecem a norma culta estariam a cometer algum atentado contra a língua ou não saberiam falar corretamente (“#linguaportuguesamandoulembraças”). Isso corrobora o ponto apresentado na descrição do perfil, “chique é falar e escrever bem”, aludindo-se que “bem” neste caso é

conforme os padrões estéticos e culturais do grupo dominante. Essa posição é dita por Bagno (2003) como parte de um colonialismo elitista; “como se nosso modo de falar fosse uma imagem defeituosa, tosca e mal-acabada de uma “língua, inacessível aos olhos e aos ouvidos dos mortais comuns” (Bagno, 2003, p. 18).

Desta forma, nesta estratégia argumentativa, quem se utiliza de tais ditados e expressões populares e “incorretas” está por afrontar os padrões sociais que seriam belos e aceitáveis, aviltando a norma instituída da língua portuguesa que se sobrepõem a todas as outras epistemes populares, cabendo aos professores o dever de “salvá-los”.

### 6.7. Gustavo Picado (@aindanaosei)

**Título:** EXPRESSÕES QUE VC FALA ERRADO

**Capa/Thumbnail:** Um homem branco, olhos claros, cabelo curto e castanho, sem barba, usando camiseta preta, fala em um microfone vermelho. Atrás dele, duas placas de premiação do Youtube e um troféu com o símbolo do TikTok em duas prateleiras penduradas em uma parede de fundo branco. Acima dele há um desenho de dois homens apertando as mãos e as palavras “Você simplesmente não sabe o que fala”.

**Texto escrito:** Gosta de curiosidades? Vire membro do canal agora no link abaixo:  VIRE MEMBRO DO CANAL: <https://www.youtube.com/channel/UC0rOqudarayp5BD5bZuwNow/join>  
 E claro, lembre de se inscrever: [link do canal]

**Descrição do vídeo [00:00-:00:44]: PF (Plano Fechado)** – Imagem descrita na capa descongela. Há uma divisão onde o apresentador fica nos 2/3 inferiores da tela e o terço superior exibe o vídeos ou imagens, iniciando com um vídeo de desenho animado de dois homens, um branco e outro negro, apertando as mãos. Há legendas em amarelo. O apresentador fala olhando para a câmera.

**Objeto de texto:** Expressões que você usou errado a vida toda. | (Corte / Gustavo fala acelerado e balança para os lados / Surge a imagem de uma batata com olhos tristes olhando para uma porção de batatas fritas) Batatinha quando nasce espalha a rama pelo chão. | (Corte / Gustavo fala normalmente / Troca a imagem para batatas recém puxadas da terra) Não! É, batatinha quando nasce espalha a rama pelo chão. | (Corte) Ramas seriam tipo as raízes da batata. (Entra música animada e cômica de pífano) | (Corte / Troca a imagem por um vídeo cãozinho fazendo carinho em um gatinho) Quem não tem cão, caça com gato. | (Corte / Troca para uma imagem de um *emoji* pensativo / Gustavo balança os dois dedos em negação e fala

rápido) Não, não, não, não, não, não. | (Corte / Ele gesticula com as mãos de forma assertiva / Troca a imagem para um vídeo de um cão de olhar zangado) Quem não tem cão, caça como gato. (Troca o vídeo para vídeos de gatos engraçados) Porque gato são animais solitários que caçam sozinhos. Se tu não tem cão, vai caçar como gato, assim como um gato. Sozinho. | (Corte / Troca o vídeo por uma foto de um pé sobre uma jaca) Mas o melhor é enfiar o pé na jaca. | (Corte / Troca a imagem para um cesto) Na realidade, vem de enfiar o pé no jacá. | (Corte/ Zoom no rosto / Troca a imagem para um cesto carregado por um burro) Jacá era um tipo de cestas colocados em mulas. | (Corte / Zoom removido / Troca a imagem por imagens de tropeiros) Pra ajudar no transporte de mercadorias dos tropeiros, lá em 1600, 1700 e pouco. | (Corte / Troca a imagem por um vídeo de uma mulher bebendo em uma taça muito grande) Só que depois de umas entregas aí, esses tropeiros acabavam, ó, *glu glu glu* (gesticula com ambas as mãos como se estivesse virando garrafas) | (Corte / Troca para um vídeo de um homem caindo ao tentar subir em um cavalo) E aí, na hora de montar de novo nas mulas, eles estavam um tanto embriagados. | (Corte / Troca o vídeo para o de um homem bebendo e caindo, sentado à mesa) E acabavam se atrapalhando, né? | (Corte / Troca para outra foto de um cesto) E aí faziam o quê? E enfiavam o pé no jacá. | (Corte / Troca para a foto de uma jaca) E não na jaca. ||

**Fonte:** Picado, 2023. ([Para acessar o vídeo, clique aqui](#))

**Contextualização sobre o veículo:** Gustavo Picado apresenta o canal “Ainda Não Sei”, que descreve como “Curiosidades com pitadas de conhecimento”, que possui 1,9 milhões de inscritos na data da pesquisa e utiliza como capa uma imagem de Albert Einstein com uma imagem de um robô e uma citação de Voltaire.

**Identificação do objeto discursivo:** Apresenta-se a correção dos ditados populares, utilizando-se de elementos de edição de vídeo, principalmente para fins cômicos.

**Enunciação:** O trecho “você simplesmente não sabe o que fala” e o título (que está em caixa alta) se reforçam entre si. Aponta-se o “se tu não tem”, cujo correto seria “se tu não tens”. Enfoca-se o uso do “não”, repetidamente e em várias trechos.

**Identificação de elementos ideológicos de espaço e tempo:** Tanto a imagem de Einstein, como Voltaire e o robô marcam ideias de progresso e ciência ocidental. A placa do Youtube apresentada é dada ao canal que obteve um milhão de inscritos. Os elementos componentes do cenário, neutro e limpo, carregam estética associada à classe média alta.

**Análise da estratégia discursiva:** O intuito de corrigir vem acompanhado do intuito de criar a sensação de erro, de que algo culposo foi praticado, apresentado já no primeiro momento em que se informa que “Você não sabe o que fala”. Assim, o interlocutor não apenas

é alguém sem consciência do que diz, mas esse fato é engraçado. Corrobora-se a isso o uso de imagens cômicas, exibidas majoritariamente nas versões populares das falas, enquanto nas correções apresentam-se imagens somente ilustrativas.

Isso se soma às alegorias de conhecimento, representadas em símbolos do conhecimento ocidental. Há uma perspectiva quase socrática de que o conhecimento está por ser adquirido (vista até no nome do canal; “Ainda Não Sei”), em oposição ao que precisa ser abdicado, a ignorância que é, ao mesmo tempo, vexatória, ultrapassada e reprimível. Assim, há uma dicotomia entre a elucidação racional ocidental que conduz ao progresso contra a tradição popular, a qual é permitido ridicularizar uma vez que esta nem tem conhecimento dos próprios símbolos.

## **6.8. Análise Geral**

Dentre os perfis analisados, em caráter profissional, foram computados três jornalistas/comunicólogos, dois professores, um comediante e um consultor em neurolinguística, sem mencionar qualquer possível assessoria que possuam. Sobre seus tipos de conteúdo, encontram-se: Curiosidades científicas/históricas (dois perfis), dicas de turismo e curiosidades geográficas (dois perfis), dicas de português (um perfil), dicas de sucesso e autoajuda (um perfil), comédia (um perfil).

O ambiente de conteúdo mostra-se bastante diverso, entretanto há certas características que se demonstram mais frequentes e que devem ser destacadas. A primeira é de que apenas uma das apresentadoras é uma pessoa negra. Não se faz aqui qualquer inferência de que um determinado grupo racial ou social tenha maior propensão à fabricar ou espalhar falsas etimologias, uma vez que Allard (2020) já afirma ser essa uma característica presente em todas as culturas, mas vê-se isso como um reflexo do já sabido racismo estrutural brasileiro, que torna mais fácil para que pessoa branca fique entre os perfis mais visualizados. Entretanto, cabe ressaltar (como segunda característica destacada) que há, de forma geral nos vídeos, abundante presença de elementos estéticos relacionados à classe média. Igualmente, destaca-se a roupagem estética com uma estilização eurocêntrica, cuja presença é relativamente menor somente nos vídeos de Galvenn.

O uso do humor é um fator marcante, usado para ilustrar aquilo que é citado e muitas vezes satirizando a versão da fala popular, todavia o deboche nunca ocorre quando se ilustra a suposta correção. A fala tradicional e/ou seus falantes ficam representados como algo

ridículo ou ignorante, incitado também pelo uso de sátira e ironia. Dessa maneira, de forma geral, o discurso dá a entender que a fala popular é engraçada por seu caráter vexatório.

Há também presença constante de ações de reprimenda, marcadas pela forma enfática como se apresentam e se repetem palavras como “errado” e “não” nos textos supracitados, sempre em trechos relacionados às supostas expressões erradas. Em contraste, quando apresentando correções, os apresentadores tendem a falar mais devagar, sendo comum enfatizar as frases com os gestos.

Conforme os dispositivos de análise supracitados, atenta-se para Foucault (2019, p. 9-11) e seus princípios de regulação socioculturais. Vê-se nos discursos analisados que tais princípios são usados de forma semelhante, ainda que as estratégias discursivas sejam diferentes. O valor de rejeição dá-se de forma ativa, associando a palavra popular a fatores negativos, como a ideia de degradação intelectual e vexação cômica. Dessa forma, torna-se mais difícil sua defesa. Isso se interliga ao princípio de interdição. Este se dá de forma sutil nos vídeos, figurando entre camadas mais profundas da narrativa discursiva; se o falar popular é ignorante, ridículo e ainda há uma autoridade dizendo que é falso e corrompido, deve ser abandonado, interdito. Ambos se entrelaçam ao princípio de “vontade pela verdade”, o desejo em estabelecer (aparentemente de forma elucidativa) verdades únicas. Neste, a narrativa de uma autoridade intelectual (professor, palestrante, jornalista...) ou apenas de um entusiasta por curiosidades bem intencionado vem ajudar a “desvelar” um curioso mistério da língua. Nesse ímpeto de busca, revelam-se supostos erros crassos, criando a relação de interdição e rejeição e ignorando o domínio do povo por sua fala. Ressalta-se que, para o autor, estes princípios foram construídos justamente por classes dominantes e a elas servem.

Meios de exclusão de confiabilidade e hierarquias sociais se conectam de formas diferentes, entretanto. Com exceção do exemplo de Galvenn, todos os outros utilizam elementos de confiabilidade que os colocam com certo grau de autoridades em algum nicho intelectual. Soma-se a isso o fato de, por ser uma mídia expositiva, o simples fato de se falar em um vídeo já confere certo grau hierárquico ao expositor.

Rê Alfaia e Débora Dias adotam uma estratégia sóbria e, em algum nível, professoral, onde corrige-se os erros, apontando-se ponto a ponto as correções, utilizando da autoridade pela relação com a disciplina (geografia e língua portuguesa). Um molde semelhante é usado por Gustavo Picado (que se relaciona às ciências), Diogo Elzinga (jornalista) e Bruno de Oliveira (especialista em neurociência e psicanálise), porém com maior uso de sátira e menos apelo ao prisma exclusivamente acadêmico. Mare Sanz e Galvenn utilizam o entretenimento

como elemento conectivo com o público, embora isso seja menos acentuado no vídeo de Mare Sanz, já que seu molde se baseia em infotimento e a mesma se apresenta como comunicóloga.

Outro fator de confiabilidade explorado é a proximidade com os falantes, realçando-se que os apresentadores também cometeram estes erros no passado e que, em maioria, não utilizam a linguagem culta e rígida. O molde de “canais de curiosidades”, descompromissados e “não-engessados” pelo molde tradicional de divulgação de notícias, justifica a falta de fontes nos vídeos, ainda que seus apresentadores, sendo professores ou jornalistas, teoricamente deveriam estar conectados a estes procedimentos de apuração e referenciamento técnico. Soma-se a isso outros fatores de confiabilidade, como o tamanho de seus canais, tempo que estão na internet e efeitos de colmeia e nós de interação já discutidos.

Suas estratégias discursivas, em maior ou menor grau, enfatizam elementos da cultura dominante e, em maioria, usam de algum artifício de troça ou apequenamento da fala popular em seu meio. Ao mesmo tempo, ao distorcer as versões originais das expressões, criam narrativas históricas distorcidas que afetam a percepção sobre o como estes grupos teriam lidado com a própria tradição. Em um nível epistêmico, essas mudanças de sentido e de imaginário alteram a compreensão que se tem de si mesmos e sua relação com o ambiente, construída pela língua, levando a uma mudança artificial de percepção e cognição.

De forma geral, todos os canais apresentaram as expressões e ditados como errados, incorretos, o que já era esperado, dados os crivos de seleção dos vídeos. Entretanto, é preciso apontar como isso curiosamente aponta na mesma direção todas as vezes. Ainda que todos os apresentadores tenham ignorado os critérios de apuração e acreditem piamente que todas estas etimologias sejam verdadeiras, isso não implica uma conexão direta em afirmar ser a versão corrente como falsa. Uma vez que todos os vídeos afirmam serem “ditados **populares**”, seria simples fazer a conexão que aquilo que é popular pertence ao povo, não à academias, independente da forma com que aquilo se originou. Mesmo que muitas das páginas usam a categoria de curiosidades, seria possível imaginar a informação sendo transmitida como “no passado falava-se assim, mas isso mudou; veja que interessante”.

Isso é ainda mais significativo em canais que desenvolvem conteúdo sobre língua portuguesa, uma vez que há vasta literatura no campo sobre preconceito linguístico.

Entretanto, é preciso ressaltar, que as perspectivas transferidas nos vídeos não necessariamente indicam que seus produtores desprezem a cultura popular ou mesmo a norma informal, uma vez que fazem uso frequente desta. Tampouco alega-se que estes produtores

tinham ciência de que tais etimologias eram falsas. Ocorre que o que se exhibe são personas construídas para as redes sociais, que conectam-se a um público que almeja por este tipo de produção, conforme explicado anteriormente por Recuero (2007, p. 25-29). O que há ali não são apenas indivíduos organizados para uma causa, mas construções de sentido onde se transmite a ideia de “cultura”, baseada em uma crença do imaginário social ocidental, sendo essa noção historicamente desenvolvida pelas elites dominantes. O motivo de isso se encaixar entre os vídeos de maior circulação incita pensar sobre a imagem que o povo foi ensinado a ter de si mesmo.

## 7. CONCLUSÕES

Nos exemplos estudados, o esforço de correção dos ditados quase sempre acaba por trazer a sobriedade quase estéril que marca a comunicação que é imposta pelas classes dominantes. Em quase todos os casos, os influenciadores apresentam certa autoridade (professores, jornalistas, especialistas e divulgadores científicos), coligando-os com o *ethos* da elite intelectual em algum grau. Entretanto, a linguagem bem humorada e seus recursos visuais fazem uma narrativa vertical e impositiva parecer mais acessível, como uma “correção carinhosa”, dada como um falso acesso à informação ou até como combate à desinformação.

Vende-se, em tons de piada, ironia ou até esclarecimento, que é possível deixar a incultura das classes baixas abandonando os resquícios folclóricos e corrompidos das gerações anteriores, transmitidos ao interlocutor quase contra a sua vontade. Isso indica não tão somente o uso dos “novos” ditados e expressões, mas a assimilação desta postura de corrigir o outro e assumir-se como parte deste ideal higienizador de classe média subserviente aos dominantes. Há um contraste com os esforços de resistência e manutenção que espontaneamente se desenvolve nas relações folclóricas que habitam nestas expressões paraemiológicas.

A fala popular foi associada a algo engraçado (ridículo), sujo ou infantilizado (no sentido de educação tradicional positivista, onde a criança é um ser não dotado de conhecimento). O uso de elementos de humor, principalmente da ironia, e truques de edição de vídeo, auxiliam a tornar essa construção sutil e palatável, e que se faz aceita por haver uma concordância social com esse discurso. Mesmo que a pessoa acredite que a expressão original seja uma, daí a dizer ser a outra “errada” demonstra não somente um preciosismo com a língua que enfoca a fala culta como correta, mas uma necessidade em se equipar esteticamente a essa artificialidade.

É notório pelas análises que a equiparação não ocorre em todos os campos identitários, uma vez que parte dos apresentadores mantém uma identidade regional popular, ainda que higienizada. Mesmo disseminando um discurso que discrimina a fala popular, vários destes indivíduos não fizeram uso da norma culta da língua portuguesa. Essa situação reforça a supracitada percepção de Hall (2006), de que o indivíduo pós-moderno transita entre diferentes identidades, sem que lhe pareça incoerente. Neste contexto, os apresentadores talvez não considerarem a relação entre seus atos e perspectivas de classe. Como demonstrado em vários dos exemplos, há uma percepção “civilizadora”, de que o falante tradicional comete um erro e que precisa ser corrigido reeducado para deixar de ser ridículo ou ignorante.

Retoma-se o dito por Orlandi (2000, p. 46) de que o discurso se constitui por meio da ideologia, um dispositivo que internaliza os conhecimentos prévios e privilégios e nos impede de duvidar deles, enquanto os transforma no prisma pelo qual o mundo é interpretado e retransmitido. Nos exemplos tomados, não para menos, a palavra “errado” é tão recorrente. Há uma compleição ideológica que justifica essa postura “salvacionista”, por realmente acreditar que se faz algum bem a estes falantes ao “corrigi-los”. Concatena-se isto com a afirmação de Rundblad e Kronenfeld (2003, p. 16), de que as pseudoetimologias se formam por expressar algo significativo para este grupo falante.

Provavelmente, nenhum dos apresentadores e produtores de conteúdo odeia a cultura das camadas populares, muitos deles fazendo parte dela (ainda que de forma interseccional, como a classe média/média baixa). O caso é que, conforme explicado por Souza (2018), a ideia de massa popular apedeuta está entranhada no imaginário do senso comum, criando a urgência de libertar a si mesmo e a outros dessa suposta “corrupção”, que no exemplo das pseudoetimologias parece corromper até as palavras. Internalizado este discurso, apedreja-se o português que foge à norma culta e qualquer indicação estética das culturas folclóricas/tradicionais, já que aqueles que dominam a norma clássica-erudita seriam os detentores do saber intelectual.

Por conclusão, este fenômeno de falsificação do passado pela pseudoetimologia, ainda que não intencional, é ao mesmo tempo um sintoma de um imaginário colonial pré-construído e uma ferramenta que se acrescenta a este processo. Neste cenário onde a pós-verdade pseudoetimológica constrói o imaginário histórico deturpado, ocorre a depreciação epistêmica dos saberes populares que foram transmitidos por gerações anteriores. É importante não superestimar o papel de falsas etimologias da rede social, como se apenas um *reels* com uma falsa informação sobre “espalhar rama” condenasse todos os saberes das brasilidades ao limbo, mas se ter em mente que este processo se retroalimenta, tanto pelas câmaras de eco como pelo processo de apagamento ideológico e de esquecimentos de primeiro e segundo tipo.

Assim, dá-se como verdadeira a hipótese de pesquisa. O fenômeno de falsas correções de ditados populares é baseado, majoritariamente, em desordens informacionais do tipo desinformativo (*misinformation*), onde através da criação de modelos estruturais-semânticos parênicos semelhantes aos originais, falsifica-se a noção que se tem sobre a própria tradição oral do povo. Este processo replica a esterilidade erudita como uma forma de higienização cultural e relega, em paralelo, os falares do povo ao nível de “incultura”. Por consequência, vê-se esse tipo de desordens informacionais como uma continuação do fantasma colonial da língua

descrito por Bagno. Não por menos, as ressignificações artificiais desembocam em mudanças de sentido, pois dão vazão não somente a uma característica de um processo colonizador, mas epistemicida.

Seja como através da estética de infotimento, de comédia ou curiosidades geográficas, o que todas estas articulações têm em comum é sua veiculação como uma ferramenta dentro de um campo de disputas pelo poder simbólico, reforçando a posição de poder de seus perpetuadores enquanto deslegitimam grupos em posição marginalizada. Desconsideram e descaracterizam as formas de agir, sentir e pensar sobre o mundo que os cerca e de suas percepções sobre si mesmos. Sobressalta-se haver em outros ramos das pseudoetimologias a serem estudados, cujos resultados ainda podem crescer destes ou mesmo diferir.

Novamente, é importante não extrapolar esse resultado às máximas; um vídeo não fará com que se rejeite todas as bases daquilo que se conhece, nem faz com que se passe a odiar algo a que não se tinha disposição. O que se tem é apenas mais um tijolinho no meio de uma construção contínua de disputas simbólicas e preconceitos. É importante lembrar que, pela própria percepção da folkcomunicação, o folclore da oralidade é um instrumento de resistência pela episteme dos marginalizados. Dentro das camadas internas e privadas deste tipo de comunicação, exprime-se a forma de viver destes grupos para a próxima geração, que carregará esta cognição, cuspidada e escarrada.

Se de algo serve esta pesquisa para informar algum produtor de conteúdo, virtual ou não, de que é necessário resistir contra a desinformação, já valeu a pena. Trazer às redes a informação contra a desinformação, ainda que não se espalhe tão rápido pelos algoritmos de colmeia, é uma forma de auxiliar e resistir. Quem tem boca, vai a Roma.

## 8. REFERÊNCIAS

- ABILIO, Gabriel; SILVA, Edna. A Falsa Origem do Forró: Pseudoetimologia e a construção do nordestino no imaginário histórico. **Revista Espacialidades**. Vol. 20, 2024, pp. 14-39.
- ALFAIA, Rê (@musinhageografica). **Ditados populares que talvez você fale errado**. [Instagram]. Publicado em 15 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CrDm28sg6Y7/>>. Acesso em: 30 out. 2024.
- ALVES, Cibelle. *et al.* **Tico tico sirilico... O que é, o que é? - parlendas e adivinhas maranhenses das obras de Domingos Vieira Filho**. Anais do II CONALI. 2014, pp. 391-404.
- ALLARD, Matias. **Amateur Etymologists: Comprehension of Etymology and Influences of Folk Etymology**. Tese de doutorado. Melbourne: Monash University, 2020.
- AMAZON. **Criado Mudo**. Disponível em: <<https://www.amazon.com/cs?k=criado+mudo>>. Acesso em 10 jan. 2023.
- ANSARI, Jamal. *et Al.* The spread of Misinformation on social media: An insightful countermeasure to restrict. **Studies in Economics and Business Relations**. Vol. 1. 2022. p. 17-30.
- AQUINO, Maria Clara. **Interatividade e participação em contexto de convergência midiática**. In: RIBEIRO, José Carlos; et al. *Mídias Sociais: saberes e representações*. Salvador: UFBA, 2010.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. 49ª edição. São Paulo: Loyola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta: Língua & Poder na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAHIA. Defensoria Pública. **Dicionário de expressões (anti) racistas**. Salvador: ESDEP, 2021.
- BELTRÃO, Luis. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas: O Que Falar Quer Dizer**. 2ª edição. São Paulo: EdUSP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. São Paulo: Edições 70, 2021.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Annaes da Camara dos Srs. Deputados do Império do Brazil**: Primeira sessão ordinária da décima nona legislatura. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1885.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Annaes da Camara dos Deputados – 1894**. Vol. IV. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário**: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo o que é possível. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CASTRO, Paulo. Sobre a origem da linguagem de Herder, o seu legado e a inevitável reflexão a fazer no hipotético quadro de singularidade tecnológica. **Trans/Form/Ação**. v. 45, n. 3, p. 237-254, Marília: Jul./Set., 2022.

CARVALHO, José Augusto. **Problemas e curiosidades da língua portuguesa**. Brasília: Trampolim, 2018.

CLARK, Robert. **Herder**: his life and thought. Oakland: University of California Press, 1950.

COSTA, Andriolli. Folkcomunicação: Vínculos epistemológicos fundamentais entre Comunicação e Folclore. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, [S. l.], v. 21, n. 47, p. 170–191, 2023.

DIAS, Débora (@portuguesparavida). **Ditados que você provavelmente fala errado**. [TikTok]. Publicado em 24 fev. 2023. Disponível em: <<https://www.TikTok.com/@portuguesparavida/video/7203502173387246853>>. Acesso em: 30 out. 2024.

DEUTSCHER, Guy. **Through The Language Glass**: Why The World Looks Different in Other Languages. Nova York: Metropolitan Books, 2010.

ELZINGA, Diogo (@elzinga). **você fala ditados da forma errada**. [TikTok]. Publicado em 08 de jun. de 2022. Disponível em:

<<https://www.TikTok.com/@elzinga/video/7106661743044070661/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. 11ª edição. Vol. 08. Londres: Encyclopædia Britannica Inc, 1911.

ESPIRITO SANTO. Secretaria de Estado de Direitos Humanos. Novembro Negro: conheça algumas expressões racistas e seus significados. 17 nov. 2020. Disponível em: <<https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/novembro-negro-conheca-algumas-expressoes-racistas-e-seus-significados>>. Acesso em: 09 abr. 2024.

ESTADÃO. **BBB 23**: Gabriel usa termo ‘criado-mudo’ e é corrigido por Marvillá. 18 jan. 2023. Disponível em: < <https://www.estadao.com.br/emails/tv/bbb-23-gabriel-usa-termo-criado-mudo-e-e-corrigido-por-marvillá/>>. Acesso em 08 jan. 2024.

ETNA. **#CriadoMudoNuncaMais** [Twitter]. Publicado em 20 nov. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/etnaoficial>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: Uma arqueologia das ciências humanas. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOULCHÉ-DELBOSC, Raymond. Proverbes judéo-espagnols. **Revue Hispanique**, Paris. Vol. II, Mar. 1895.

FOUCAULT, Michel. **A ORDEM DO DISCURSO**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2019.

FUNDATEC. **Prova do certame para o cargo de Fiscal – Ensino Médio**. Prefeitura Municipal de Harmonia – RS. 2023.

G1. **Marca de móveis decide abolir termo 'criado-mudo' de seu catálogo**. Publicado em: 21 nov. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2019/11/21/marca-de-moveis-decideabolir-termo-criado-mudo-de-seu-catalogo.ghtml>>. Acesso em, 22 dez. 2023.

GAVENN(@ogalvenn). **Ditados que todo mundo fala errado**. [Youtube Shorts]. Publicado em 15 nov. 2022a. Disponível em: <[https://www.youtube.com/shorts/aqm\\_L7UmZ4k/](https://www.youtube.com/shorts/aqm_L7UmZ4k/)>. Acesso em: 30 out. 2024.

GAVENN(@ogalvenn). **Ditados que todo mundo fala errado – Part 2.** [TikTok]. Publicado em 03 nov. 2022b. Disponível em: <<https://www.tiktok.com/@ogavenn/video/7161890240532122885/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARCOURT, Houghton *et al.* **The American Heritage Dictionary of the English Language.** 3ª edição. Boston: Editors of the American Heritage Dictionaries, 1992.

HARRIS, Marvin. **The Epistemology of Cultural Materialism.** 1979. In: ERICKSON, Paul; MURPHY, Liam. *Readings for a History of Anthropological Theory.* 5ª ed. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

HENDRICKX, Jonathan. **From Newspapers to TikTok: Social Media Journalism as the Fourth Wave of News Production, Diffusion and Consumption.** In: NEGREIRA-REY, Maria. *Blurring Boundaries of Journalism in Digital Media: New Actors, Models and Practices.* Pp. 229-248. Berlim: Springer, 2023.

HITCHINGS, Henry. **The Language Wars: A History of Proper English.** Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História.** 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUTCHINSON, Andrew. **Instagram Stories is Now Being Used by 500 Million People Daily.** *Social Media Today.* Publicado em: 31 jan. 2019. Disponível em: <[socialmediatoday.com/news/instagram-stories-is-now-being-used-by-500-million-people-daily/547270/](https://socialmediatoday.com/news/instagram-stories-is-now-being-used-by-500-million-people-daily/547270/)>. Acesso em: 08 jul. 2024.

IBAHIA. **Veja 10 ditados populares que você provavelmente aprendeu errado.** Publicado em: 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.ibahia.com/noticias/educacao/veja-10-ditados-populares-que-voce-provavelmente-aprendeu-errado>>. Acesso em 09 abr. 2024.

KONSTANTINOVA, Anna. **Proverbs in Mass Media.** In: HRISZTOVA-GOTTHARDT, Hrisztalina; VARGA, Melita. *Introduction to Paremiology: A Comprehensive Guide to Proverb Studies.* Berlim: De Gruyter Open Ltd., 2014.

LA PASTINA FILHO, José. Eram as telhas feitas nas coxas das escravas?. **Revista Arqueologia**, Curitiba, v. 10, n. 1, p. 1-4, 2006.

LABOV, William. **Padrões Sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LIBERMAN, Anatoly. **WORD ORIGINS... and How We Know Them: Etymology for Everyone**. Londres: Oxford University Press, 2009.

LIMA, Deivson Wendell *et al.* Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. **Revista Enfermagem UERJ**, [S. l.], v. 25. 2017.

MARCONI, Marina; LAKATOS, Eva. **Técnicas de Pesquisa**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MENDES, Conrado. **O falar do Jornal Nacional: produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica**. Monografia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MIEDER, Wolfgang. **Behold the Proverbs of a People Proverbial Wisdom in Culture, Literature, and Politics**. Jackson: University Press of Mississippi, 2014.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

NETO, Pasquale. CBN. **Qual a expressão correta: 'cor de burro quando foge' ou 'corro de burro quando foge'?**. A Nossa Língua de Todo Dia. 28/05/2019. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/261885/qual-expressao-correta-cor-de-burro-quando-foge-ou.htm>>. Acesso em 30 out. 2024.

O GLOBO. **'Criado-mudo': entenda a polêmica reacendida por Marvyla, no 'BBB 23', a respeito do racismo no termo**. Publicado em: 19 jan. 2023. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/bbb/noticia/2023/01/criado-mudo-entenda-a-polemicareacendida-por-marvilla-no-bbb-23-a-respeito-do-racismo-no-termo.ghtml>>. Acesso em 08 jan. 2024

OLIVEIRA, Bruno (@bolishark). **Momento Cultural**. [Instagram]. Publicado em: 24 jan. 2023. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CnzLyvLgLyZ>>. Acesso em: 30 out. 2024.

OLIVER, Magno. Portal6. **6 ditados populares que falamos errado e o significado de cada**

**um deles.** Publicado em: 01 mai. 2024. Disponível em <<https://portal6.com.br/2024/05/01/6-ditados-populares-que-falamos-errado-e-o-significado-de-cada-um-deles/>>. Acesso em 22 jul. 2024. ORLANI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios & Procedimentos.** Campinas: Pontes, 2009.

ORTIZ, Renato. **Romancistas e Folcloristas: cultura popular.** São Paulo: Olho d'água, 1992.

PICADO, Gustavo (@aindanaovi). **EXPRESSÕES QUE VC FALA ERRADO.** [Youtube]. Publicado em 13 de out. de 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/shorts/DKarmfTVRbU/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

PELLEGRINI FILHO, Américo. **Folclore Urbano e Escrito.** Rio de Janeiro: Cabral, 2007.

PRIMEIRA PÁGINA. **10 ditados populares que você falou errado a vida inteira.** S/D. Disponível em: <<https://primeirapagina.com.br/cultura/10-ditados-populares-que-voce-falou-errado-a-vida-inteira/>>. Acesso em 22 jul. 2024.

RAPOSO, George. O Imparcial. **Ditados populares que estão errados.** Publicado em: 17 mar. 2017. Disponível em: <<https://oimparcial.com.br/noticias/2017/03/ditados-populares-que-estao-errados/>>. Acesso em 15 fev. 2024.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIGOLON, Rafael. **50 Pseudoetimologias para Deixar de Compartilhar.** Viçosa, edição do autor, 2023.

RODRIGUES, Sérgio. **Viva a Língua Brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUNDBLAD, Gabriella; KRONENFELD, David. The inevitability of folk etymology: A case of collective reality and invisible hands. **Journal of Pragmatics.** Londres, p. 119-138, Jan 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?.** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.

SANZ, Mare (@maresanz). **Ditados que a gente fala errado.** [Instagram]. Publicado em 10 jul. 2023a. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cufpps1JTKY/>>. Acesso em: 30 out. 2024.

SANZ, Mare (@maresanz). **3 ditados que VOCÊ fala ERRADO**. [Youtube]. Publicado em 11 jul. 2023b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/shorts/uFH5zn49Imk>>. Acesso em: 30 out. 2024.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. 28ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SIEK, Michael; FARIZ, Fakhran. Analysis of User Experience on Short Video Services: Instagram Reels and Tiktok Comparison. **International Conference on Information Management and Technology (ICIMTech)**. Malang, Indonésia, 2023, pp. 819-824.

SILVA, Antonio. **Esopaida ou a vida de Ésopo**. São Paulo: Vercial, 2013.

SOUZA, Jessé. **A Classe Média no Espelho**. Rio de Janeiro, Estação Brasil, 2018.

TEMPLE, Laerte. Cidadão e Repórter. Humor. **Esculpido em Carrara**. 13 fev. 2022. Disponível em: <<https://www.cidadaoereporter.com.br/cronicas/humor/humor2022/esculpido-em-carrara>>. Acesso em 09 abr. 2024.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TIBURI, Márcia. **Complexo de vira-lata: análise da humilhação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

VIEIRA, Domingos. **Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portugueza**. Vol 1. Porto: Imprensa da Livraria Franceza e Nacional, 1871.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **DESORDEM INFORMACIONAL: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas**. Campinas: Unicamp, 2023.

WILTON, David. **Word myths: Debunking linguistic urban legends**. Nova York: Oxford Press, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5.ª ed. Lisboa: Presença, 1999.